



# MEMÓRIA IV

2014



Academia de Ciências da Bahia

# MEMÓRIA IV

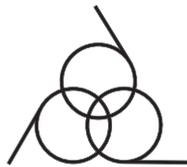
2 0 1 4





# MEMÓRIA IV

2014



ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA

2014

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA

PRESIDENTE

Roberto Figueira Santos

VICE-PRESIDENTE

Edivaldo M. Boaventura

CONSELHO EDITORIAL

Amílcar Baiardi

Edivaldo M. Boaventura, Coordenador

Iracy Silva Picanço

João Carlos Salles Pires da Silva

Paulo Costa Lima, Vice-Coordenador

Roberto Figueira Santos

Zelinda Margarida de Andrade N. Leão

APOIO TÉCNICO

Álvaro Almeida

Vagna Felício

ILUSTRAÇÕES

Viga Gordilho

Academia de Ciências da Bahia: memória 2014 / Roberto Figueira Santos (Editor). -

Salvador: Academia de Ciências da Bahia, 2015.

213 p.: il.

ISBN: 978-85-65535-05-2

doi: 10.5281/zenodo.7985134

1. Academia de Ciências da Bahia - História. I. Santos, Roberto Figueira.

CDU - 082

Academia de Ciências da Bahia

Rua Professor Aristides Novis, nº 202, Federação

CEP: 40210-630 - Salvador-BA

Tel. 55 (71) 3116-7654

[www.cienciasbahia.org.br](http://www.cienciasbahia.org.br)

[academiadecienciasdabahia@hotmail.com](mailto:academiadecienciasdabahia@hotmail.com)



Viga Gordilho – Série: Tempo gerúndio  
7 módulos: fotografia 1, pintura, fibras, conchas, ouro, prata e cobre. 20 cm X 14 cm. 2014



## TEMPO GERÚNDIO

Caminhando, compartilhando, fotografando, pintando, incrustando... compartilho arte e natureza em um “tempo gerúndio”, visando potencializar as peculiaridades da paisagem de cada lugar que transito em cidades ribeirinhas.

Nessa caminhada, venho capturando paisagens e recolhendo fragmentos para eternizá-los com banho de ouro, prata ou cobre em outro tempo/espço, frágil e precioso. São como pistas plurais que indiciam pontos de deslocamentos ou entrelaçamentos paisagísticos, podendo semear reflexões sobre o desmatamento gradativo das nossas florestas.

Acredito que é justamente nesta dinâmica criativa, que se instaura a obra, onde as tramas e urdiduras se cruzam e (re)inventam no percurso novas paisagens.

Assim, tendo os fenômenos culturais e naturais como sedução poética, encontro no pensamento do geógrafo baiano Milton Santos (1926-2001), uma base dialogável no sentido da geografia como território usado - “o mundo é o que se vê de onde se está” (SANTOS, 2007, p. 13);

Sob estas vertentes, a prática torna-se uma escuta e uma escrita sobre a outra, um conjunto de objetos incrustados em fotografias pictóricas que têm idades diferentes, como uma herança de muitos momentos, já passados, que, em um tempo gerúndio passam a coexistir e permanecem em processo...

*Viga Gordilho*



## SUMÁRIO

EDITORIAL | 15

SÍNTESE HISTÓRICA | 19

*Roberto Figueira Santos*

TRADIÇÃO EM PESQUISA SOBRE TEMAS RELATIVOS À SAÚDE HUMANA  
NA BAHIA | 27

*Roberto Figueira Santos*

1. ATIVIDADES DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA

1.1 Conferências

Investigações sobre a preservação da memória da arte azulejar -  
*Mário Mendonça de Oliveira* | 35

Impacto de políticas sociais na mortalidade: renovando o debate  
determinantes biológicos versus determinantes sociais da saúde -  
*Maurício Barreto* | 37

Leptospirose em Salvador: das favelas às moléculas - *Mitermayer  
Galvão dos Reis* | 40

Contribuições e desafios da geofísica na exploração de petróleo da  
bacia do Recôncavo - *Milton José Porsani* | 42

Ciência na escola-ensino médio (2013): construindo uma proposta  
de formação para a pesquisa na educação básica - *Charbel N. El-Hani,  
Rosileia Oliveira de Almeida, Amanda Amantes* | 44

Perspectivas da Universidade Federal da Bahia - *João Carlos Salles* | 47

Pesquisa e pós-graduação no Estado da Bahia: passado e presente -  
*Sérgio Luis Costa Ferreira* | 51

Apoio à interação de pesquisa entre o Centro de Tecnologias  
Estratégicas do Nordeste e pesquisadores da região Nordeste -  
*Andre Galembeck* | 54

O papel da ciência na exploração mineral - *Aroldo Misi* | 57

Pesquisa e desenvolvimento na Universidade, o caso da PUCRS e do Tecnopuc - *Diógenes Santiago Santos* | 60

Perspectivas de aplicações nanotecnológicas nos laboratórios do Instituto de Física da UFBA - *Antonio Ferreira* | 64

A caatinga e o projeto do parque nacional Boqueirão da Onça - *José Alves de Siqueira Filho* | 66

Mantendo e promovendo a qualidade da educação superior no Brasil - *Robert Evan Verhine* | 69

### 1.2 *Elaboração de projeto*

GT Educação - Professor Inspirador - *Irundi Edelweiss* | 77

## 2. HOMENAGENS

Mitermayer Galvão dos Reis é o novo presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (SBMT) | 87

Acadêmico Paulo da Costa Lima toma posse na Academia Brasileira de Música | 89

Mauricio Barreto eleito para a Academia Mundial de Ciências: Third World Academy of Sciences (TWAS), Muscat, Sultanato de Omã | 90

Edivaldo Boaventura é homenageado em livro: Um Cidadão Prestante | 91

Edivaldo Boaventura lança Portugal, um denso país | 93

## 3. PRESENÇA DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA EM ENTIDADES CONGÊNERES

Academia de Educação da Bahia (AEB) | 99

Academia de Letras da Bahia (ALB) | 100

Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA) | 101

Associação Baiana de Medicina – (ABM) | 103

Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz (CPGM) | 104

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) | 106

Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins  
(IBHMCA) | 108

Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) | 109

Núcleo de Ciência, Cultura e Fé (NCCF) | 111

Universidade Federal da Bahia (UFBA) | 113

#### 4. ENTREVISTAS

Revista Bahiaciência

*Roberto Figueira Santos* - Um líder de concretas criações | 119

*João Carlos Salles* - Um filósofo quer sacudir a UFBA | 155

TV Educativa da Bahia

*Amilcar Baiardi* - Ciência, Tecnologia e Inovação | 189

#### 5. ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS

Reuniões Plenárias | 195

#### 6. PERSPECTIVAS PARA O ANO DE 2015 | 199

#### 7. HOMENAGEM PÓSTUMA A CARLOS ALFREDO MARCÍLIO DE SOUZA | 205

#### 8. QUADRO DE MEMBROS DA ACB | 209





Viga Gordilho – Série: Tempo gerúndio  
7 módulos: fotografia 2, pintura, fibras, conchas, ouro, prata e cobre. 20 cm X 14 cm. 2014



## EDITORIAL

Abre esta Memória IV a *Síntese Histórica* pelo idealizador e presidente da Academia de Ciências da Bahia, o professor Roberto Figueira Santos. *Síntese* que sumaria a atuação do sodalício nesses quatro anos. Parte do manifesto a favor da criação da Academia, em 2010, e destaca o apoio do então presidente da Federação das Indústrias do Estado da Bahia, José de Freitas Mascarenhas, e do diretor da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, Roberto Paulo Machado Lopes.

Um marco histórico foi a criação da Escola de Cirurgia do Real Hospital Militar de Salvador tanto na Bahia como no Rio de Janeiro por D. João VI. Mais recentemente, a reestruturação das universidades federais integrou o ensino das disciplinas pré-profissionalizantes em institutos básicos que possibilitaram o crescimento do conhecimento. A criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e depois a definição dos programas de pós-graduação, mestrado e doutorado, pelo parecer Newton Sucupira, do Conselho Federal de Educação, incrementaram as pesquisas nas Universidades.

A Academia de Ciências da Bahia centra-se na educação científica em seus vários níveis como um problema da maior importância. A metodologia da pesquisa, as ciências agrárias, a percepção pública do significado do desenvolvimento científico tecnológico têm sido discutidos nesses quatro anos. De igual modo, os órgãos governamentais têm comunicado os seus programas relacionados com o desenvolvimento científico, como também os associados têm apresentado novos estudos, a exemplo da Cienciometria.

Na progressão científica da Bahia, é de se notar a permanência dos temas de pesquisa relativos à saúde humana. Não somente por parte da bicentenária Faculdade de Medicina da Bahia, como também pelo Instituto de Ciências da Saúde, Hospital



Universitário Professor Edgard Santos (HUPES) e Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia. É uma referência dessa tradição a **Gazeta Médica da Bahia**, o mais antigo periódico científico do País. A FIOCRUZ e hospitais integram-se nessa trajetória de investigação científica da área da saúde.

No segmento **Atividades**, percebe-se o pleno exercício da função de disseminadora do conhecimento. Mário Mendonça de Oliveira abre a seção com as investigações sobre a preservação da memória da arte azulejar. Por sua vez, Maurício Barreto, que ingressou, recentemente, na Academia Mundial de Ciências, expos o impacto das políticas sociais na mortalidade confrontando os determinantes biológicos versus determinantes sociais de saúde. Enquanto Mitermayer Galvão dos Reis tratou da Leptospirose em Salvador, das favelas às moléculas. Milton José Porsani demonstrou o desafio da geofísica na exploração do petróleo na bacia do Recôncavo. Charbel N. El-hani, Risoleta Oliveira de Almeida e Amanda Amantes trabalham uma proposta de formação para a pesquisa na educação básica na escola de ensino médio. Já João Carlos Salles perspectivou a UFBA, como reitor eleito para 2014-2018. Sérgio Luís Costa Ferreira mostrou a pesquisa e pós-graduação no Estado da Bahia.

Alargando o horizonte na dimensão regional, André Galembeck, do Centro de Tecnologias Integradas do Nordeste (CETENE), instou pela interação entre este Centro e os pesquisadores da região. Por seu turno, Aroldo Misi descreveu o papel da pesquisa na exploração mineral. A relação entre pesquisa e desenvolvimento na Universidade foi demonstrada por Diógenes Santiago Santos com o caso da PUCRS e o Tenopuc. Antônio Ferreira demonstrou as aplicações nanotecnológicas nos laboratórios do Instituto de Física da UFBA. Objetivando preservar o bioma caatinga, José Alves Siqueira Filho, da Univasf, expos o projeto do parque nacional do Boqueirão da Onça. Por fim, Robert E. Verhine indicou as tendências internacionais em relação à manutenção e promoção da

qualidade da educação superior: o *ranqueamento* da qualidade máxima e a qualidade mínima de cursos e instituições.

Como **Elaboração de Projeto**, Irundi Edelweiss apresenta o professor inspirador. Conforme a OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil apresenta um dos mais baixos índices de rendimento escolar. O professor inspirador ou de alto-desempenho, que fascina os alunos, pode multiplicar o seu exemplo com aulas gravadas para um ano completo ou para os quatro primeiros anos do ensino básico.

Durante o ano de 2014, a comunidade distinguiu alguns acadêmicos. Mitermayer Galvão dos Reis foi eleito para presidir a Associação Brasileira de Medicina Tropical, enquanto Paulo Costa Lima ingressou na Academia Brasileira de Música e Maurício Barreto tornou-se membro da Academia Mundial de Ciências. Edivaldo M. Boaventura lançou o seu livro de viagens *Portugal, um denso país* e foi ouvido em *Uma entrevista biográfica* pelo jornalista e professor de comunicação Sérgio Mattos.

Ressalte-se a presença da ACB em entidades congêneres. O presidente Roberto Figueira Santos concedeu uma das mais completas entrevistas sobre sua vida de pesquisador, educador e político a Mariluce Moura para o *Bahiaciência*. O mesmo fazendo o reitor João Carlos Salles. Amilcar Baiardi falou para a TVE sobre ciência, tecnologia e inovação. A Academia presta homenagem póstuma ao saudoso confrade Carlos Alfredo Marcílio de Souza.

*Edivaldo M. Boaventura*

Coordenador do Conselho Editorial

Bahia, Dezembro de 2014





## SÍNTESE HISTÓRICA

Ao final de quatro anos e meio de funcionamento da ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA (ACB), pareceu-nos oportuno recordar, de forma resumida, os principais eventos resultantes das ações desta entidade no cumprimento das suas finalidades.

Convém lembrar que, no início do ano de 2010 enviamos a um número expressivo dos pesquisadores em atividade na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e em instituições correlatas, um **documento-manifesto** em favor da criação da Academia de Ciências da Bahia (ACB). Diante da reação favorável de muitos dos destinatários desse **manifesto** promovemos sessões preliminares até estarmos preparados para a realização, a 01 de Junho de 2010, da solene implantação da nova entidade.

Entre os baianos que se mostraram interessados pela criação da Academia, incluiu-se o Dr. José de Freitas Mascarenhas, então **Presidente da Federação das Indústrias da Bahia (FIEB)**, o que sinalizava favoravelmente a uma das finalidades da Academia em formação, que era a de estimular a geração e a divulgação dos conhecimentos em ciência e em inovação tecnológica junto ao setor economicamente produtivo da Bahia e do Brasil. A sessão solene de instalação da Academia foi, por isso, realizada no Auditório da FIEB. Os discursos então pronunciados pelo Dr. Mascarenhas e por mim, da mesa que dirigiu os trabalhos da sessão presidida pelo Governador do Estado da Bahia, o Dr. Jacques Wagner, estão publicados no livro da **Memória** da Academia, correspondente aos anos 2010 e 2011. No mesmo volume se encontram os nomes dos acadêmicos fundadores e o primeiro Estatuto por todos nós aprovado. Logo nos pusemos a trabalhar, com total sucesso, visando o cumprimento das disposições do Estatuto constante, igualmente, da Memória dos anos 2010/2011. Tivemos, então, uma cordial acolhida pela **Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)**, dirigida pelo Doutor



Roberto Paulo Machado Lopes, pelo que a ele manifesto o nosso profundo agradecimento. A boa acolhida que teve o primeiro volume da Memória da ACB nos levou a resumir e divulgar as atividades da instituição nos anos subsequentes, promovendo a edição dos volumes correspondentes aos anos de 2012 e de 2013, sob os títulos de Memória II e Memória III.

Durante longo tempo, e até recentemente, muitos dos produtos de uso habitual e diuturno pela população brasileira, resultavam de importações providas de diferentes países. Parte do que vinha sendo então fabricado no nosso país, provinha de pesquisas científicas e tecnológicas realizadas no exterior ou da atividade de pesquisadores brasileiros e estrangeiros formados fora do Brasil. Enquanto isso, o conforto e o bem estar das populações do mundo inteiro, havia passado a depender de pesquisas científicas sobre as quais se baseiam as tecnologias de uso corrente.

Ressalvadas poucas exceções de caráter pioneiro, foi somente no começo da década de 1950 que o Governo brasileiro criou a primeira instituição destinada a promover e a coordenar *em âmbito nacional*, atividades de pesquisa científica e tecnológica de importância para a qualidade de vida da nossa população. Então denominada “Conselho Nacional de Pesquisas”, valia-se essa instituição da sigla “CNPq”, mantida mesmo quando o seu nome foi alterado para o de “Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico”.

Em todo o mundo, as Universidades constituem o campo natural (embora não o único) para a formação de pesquisadores e a realização de pesquisas científicas que fundamentam a parcela mais expressiva do desenvolvimento tecnológico. No Brasil dos últimos anos da década de 1960, ocorreram duas providências do Poder Público que ensejaram grande salto no cumprimento deste objetivo pelas nossas Universidades. Refiro-me, em primeiro lugar, à aprovação, em 1965, do parecer do Conselho Federal de Educação, relatado pelo Conselheiro Newton Sucupira, que re-

gulamentou os cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) e assim estimulou a formação de pesquisadores e a realização de pesquisas, particularmente, nas Universidades federais. Cumpre mencionar, em seguida, a atribuição gradual do regime de dedicação exclusiva a membros do corpo docente das Universidades Federais, tardiamente iniciada nos anos de 1966/1967. Anteriormente, o regime da dedicação exclusiva, no Brasil, se limitara a reduzida parcela do pessoal docente de umas poucas instituições, mantidas, sobretudo, pelo governo do Estado de São Paulo. Reconhecidamente, são muito menos produtivas as pesquisas científicas quando resultantes da atividade de pesquisadores que trabalham no regime de tempo parcial, quando comparadas às resultantes da dedicação exclusiva a essa atividade.

A primeira Escola destinada à formação de profissionais com nível superior de Educação foi criada, no Brasil, a 18 de Fevereiro de 1808, por ordem do Príncipe Regente Dom João, quando da transmigração da Família Real portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, com temporária passagem pela Cidade de Salvador. Foi, então, autorizada a implantação da Escola de Cirurgia do Real Hospital Militar de Salvador, abrangendo as disciplinas pré-profissionalizantes da área da saúde humana, assim como o ensino das técnicas peculiares à Medicina. Antes do final do mesmo ano de 1808, tendo a Família Real se deslocado para o Rio de Janeiro, foi criada a Escola de Medicina da Capital da Colônia, também abrangendo disciplinas básicas assim como o ensino das técnicas próprias da profissão. Em anos subsequentes foram instituídas as Faculdades de Direito de São Paulo e de Olinda e, mais tarde ainda, a Escola Técnica do Exército, todas atendendo ao mesmo princípio.

Até aos anos de 1966/1967, quando entraram em vigor os **Decretos-leis 252/ 1966 e 56/1967**, as Faculdades brasileiras formadoras de profissionais em nível superior de Educação, seguiram o modelo das entidades criadas no começo do século



XIX. Isto é: ao longo do século XIX e na primeira metade do século XX, mesmo depois da criação, em 1934, da Universidade de São Paulo, todas as Faculdades criadas no Brasil abrangeram as disciplinas pré-profissionalizantes correspondentes aos setores básicos do conhecimento (Matemática, Física, Química, Biologia, Geo-Ciências, Filosofia, Letras, Ciências Sociais), assim como as dedicadas às técnicas próprias do exercício das respectivas profissões (Medicina, Direito, Engenharia, Arquitetura, Farmácia, Odontologia, Enfermagem, Administração e outras). Cabe citar, como exemplo, o caso da Matemática, situação que se repetia quanto aos demais setores básicos do conhecimento: em cada qual das nossas Universidades, o ensino e a pesquisa da Matemática eram fragmentados, ao menos, pelas Faculdades de Engenharia, de Filosofia, de Economia e de Arquitetura, ocasionando dispositivos que não representavam a verdadeira dimensão do cultivo da Matemática na Universidade em apreço.

Desde quando entraram em vigor os citados decretos-leis, o ensino e a pesquisa em cada qual das disciplinas pré-profissionalizantes da nossa e das demais Universidades Federais, passaram a integrar uma só unidade, genericamente designada como **Instituto**, dedicado a um dos ramos básicos do conhecimento. Reuniram-se, portanto, em cada Universidade, os conhecimentos antes fragmentados pelas várias Faculdades nas quais figuravam, até então, como disciplinas pré-profissionalizantes. Os Institutos assim formados ocasionaram, para cada ramo básico do conhecimento, maior e melhor produção na pesquisa e no ensino, do que possuíam na anterior estrutura das mesmas Universidades.

Nos volumes já publicados pela Academia de Ciências da Bahia, encontram-se várias referências a pesquisas realizadas pelo pessoal dos Institutos da UFBA encarregados do ensino e da pesquisa nos setores básicos do conhecimento (Filosofia, Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências, Letras, Ciências Humanas).

Os membros da ACB dedicados aos estudos da Ética das Ciências têm se reunido regularmente em debates conduzidos pelos Acadêmicos Eliane Azevedo e João Carlos Salles. Pela própria Academia de Ciências, foi publicado o livro intitulado *Ética e Ciência* (2013), no qual se encontram textos de reconhecido mérito.

Outro grupo de Acadêmicos, primordialmente ligados ao tema da **Educação Científica em seus vários níveis, tema de importância fundamental para o nosso país**, vem analisando e debatendo diferentes pontos de vista sobre o assunto, em sessões plenárias da Academia, sem que se haja chegado a fórmulas que representem posição unânime dos confrades em relação a assunto de tão grande complexidade. Neste campo, a Academia tem atuado em íntima articulação com a Secretaria de Educação do Governo Estadual e com o Instituto Anísio Teixeira (IAT) da mesma Secretaria, em especial no seu programa intitulado Ciência na Escola e nas Feiras de Ciências nas quais têm sido apresentados trabalhos de alunos de numerosas Escolas Estaduais dedicadas ao ensino fundamental.

A **metodologia observada na elaboração das pesquisas científicas** e na apresentação dos trabalhos que delas resultam, foi objeto de importante seminário dirigido, especialmente, aos alunos de pós-graduação da UFBA, sob a liderança do Professor Edivaldo Boaventura, Vice-Presidente desta Academia.

As **Ciências Agrárias** constituíram o tema central de importante Seminário conduzido pelo Acadêmico Amilcar Baiardi, referente a pesquisas realizadas nos diferentes biomas que ocupam o território do Estado da Bahia. Os textos que resumem esses debates estão publicados pela Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba) sob o título **Potencial da Agricultura Sustentável na Bahia: possibilidades e sugestões de linhas de pesquisa por ecossistema**. Revestiu-se do maior interesse o seminário promovido pela ACB em associação com a



Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a FIEB, no qual foram expostas atividades do *setor produtivo* localizadas no Estado da Bahia, particularmente quando envolvem pesquisas científicas e tecnológicas inspiradas por ideias inovadoras. O Seminário foi realizado na sede da FIEB, com a contribuição de várias empresas e de órgãos financiadores.

A **percepção pública** do significado do desenvolvimento científico e tecnológico, entre os habitantes da Cidade do Salvador, motivou trabalho de base estatística, cujos resultados foram publicados nas Memórias da Academia. Esta pesquisa deverá ser ampliada para a população de todo o Estado da Bahia, e será repetida, no devido tempo, para a avaliação dos resultados da divulgação das informações relacionadas à ciência e à tecnologia com a participação da Academia.

De particular interesse têm sido as palestras apresentadas por titulares de **órgãos governamentais** que põem em relevo atividades baseadas em conhecimentos científicos e aplicações tecnológicas. **Aspectos internacionais** do desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia têm sido apreciados pela Academia, em matérias publicadas nas Memórias da Academia. A **Cienciometria**, particularmente no que se refere à produção de pesquisas científicas na Bahia, é mais um campo objeto de debates pela Academia.

Entre as sessões dedicadas à pesquisa na **História da Arquitetura**, incluiu-se a dedicada às construções de caráter militar da época colonial, na Cidade do Salvador. Pesquisas pertinentes às Artes foram objeto de considerações sobre a música dos índios (etnomusicalidade) de brasileiros e baianos.

Devido ao propósito expresso no seu Estatuto, referente à importância da divulgação de informações relevantes sobre pesquisas científicas e tecnológicas, a Academia dispõe de um **portal**: [www.http://cienciasbahia.org.br/](http://cienciasbahia.org.br/).

Os vários volumes dedicados à Memória da Academia têm sido enriquecidos pelos desenhos de grande valor estético, oferecidos pelos Acadêmicos Juarez Paraíso e Viga Gordilho, os quais se tornaram assim mercedores dos nossos agradecimentos.

Após oferecer aos nossos leitores a síntese dos trabalhos da Academia nesses primeiros anos de atividade, resta-nos acenar com justificado otimismo para a continuidade e a expansão das atividades de pesquisa científica em nossa terra, com a segurança de que estamos assim contribuindo para o bem-estar e para a melhor qualidade de vida da nossa população.

*Roberto Figueira Santos*

Presidente da ACB

Bahia, Dezembro de 2014





## TRADIÇÃO EM PESQUISAS SOBRE TEMAS RELATIVOS À SAÚDE HUMANA NA BAHIA

Ao longo da história do Estado da Bahia as pesquisas sobre temas da *saúde humana* têm merecido maior atenção que as referentes aos demais campos da atividade científica.

Cabe recordar que o primeiro curso de nível superior foi instalado no Brasil em Fevereiro de 1808, à época da migração da Família Real Portuguesa para o Brasil, quando da ocupação de Portugal pelas tropas napoleônicas. Mediante autorização do Príncipe Regente Dom João, foi criada a Escola de Cirurgia do Real Hospital Militar de Salvador. Após sucessivas modificações na sua estrutura, essa Escola teve a sua continuidade assegurada sob designações sucessivas, até chegar à de Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. A enorme escassez de profissionais com educação superior em exercício nas terras brasileiras, que vinha desde o século XVI, quando o Brasil foi descoberto pelos europeus, e que persistia no começo do século XIX, motivou a pressão sobre as Escolas superiores criadas desde então, no sentido da formação local de muitos profissionais, coincidindo com a menor dedicação das mesmas entidades à pesquisa e extensão, tradicionais parceiras dos empreendimentos de natureza universitária.

Neste retrospecto, reservamos uma seção especial para a área da Saúde, por ser o campo de atividade humana sobre o qual mais têm incidido os esforços dos cientistas locais.

Desde o ano de 1866, e durante várias décadas, circulou o mais antigo periódico brasileiro dedicado a pesquisas no campo da Saúde, a **Gazeta Médica da Bahia**, que abrigou matérias relevantes acerca de estudos aqui realizados, em especial sobre as doenças tropicais. Os números iniciais dessa publicação divulgaram trabalhos realizados por profissionais de procedência estrangeira aqui



domiciliados, entre os quais se incluíram os nomes de Otto Wucherer, John Patterson, José Francisco da Silva Lima (português), e outros.

Até os anos de 1966/1967, quando entraram em vigor **os Decretos-leis 252 de 1966 e 56 de 1967**, as Faculdades formadoras de profissionais em nível superior no Brasil seguiram o modelo das entidades criadas desde o começo do século XIX. Isto é: no caso da Medicina, sem exceção, todas abrangeram as disciplinas pré-profissionalizantes (Anatomia, Fisiologia, Bioquímica, Microbiologia, Parasitologia, Farmacologia, etc.), assim como as técnicas empregadas no exercício das respectivas profissões (no caso da Medicina: as disciplinas de Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Obstetrícia, Ginecologia, Pediatria, Medicina Preventiva, além das diversas Clínicas especializadas). O mesmo ocorreu na formação de outros profissionais da Saúde (enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, etc.). Desde quando entraram em vigor os citados decretos-leis (1966 e 1967), o ensino e a pesquisa em cada qual das disciplinas pré-profissionalizantes na nossa e nas demais Universidades Federais passaram a integrar uma só unidade dedicada a cada qual dos ramos básicos do conhecimento (Institutos de Matemática, de Física, de Química, etc.). Reuniram-se, portanto, em cada Universidade, os vários dispositivos antes fragmentados pelas várias Faculdades nas quais funcionavam, até então, como disciplinas pré-profissionalizantes. Os Institutos assim formados ocasionaram, para cada ramo básico do conhecimento, muito maior capacidade para a pesquisa e o ensino do que possuíam na anterior estrutura das Universidades.

No campo das ciências da Saúde, no intuito de superar esta tradição com tão fortes raízes, na Universidade Federal da Bahia, desde o final da década de 1960, foi instituída uma só unidade sob a designação de Instituto de Ciências da Saúde, abrangendo as disciplinas pré-profissionalizantes da área em apreço (Anatomia, Fisiologia, etc.). Assim, na Universidade Federal da Bahia, a

unidade designada **Instituto de Ciências da Saúde (ICS)** vem realizando intensa atividade de pesquisa, divulgada (até agora) em três alentados volumes sob a genérica designação de *Órgãos e Sistemas*, coordenados pelo então Diretor do Instituto, o Professor Roberto Paulo Correa de Araujo.

Por sua vez, o ensino e a pesquisa relativos às disciplinas profissionalizantes da área médica continuam a cargo da **Faculdade de Medicina**. Esta, por sua vez, tem continuado a realizar importantes pesquisas, conforme registrado nos recentes relatórios da sua Diretora, a professora Lorene Pinto, referentes aos anos 2011, 2012 e 2013. No mais recente desses relatórios, lê-se capítulo dedicado ao “Núcleo de Formação Científica”, abrangendo o currículo de Medicina do 1º ao 8º semestres e destinados ao preparo dos alunos que serão, dali por diante, expostos à apreciação de trabalhos científicos do campo da Medicina. Nos relatórios da direção da Faculdade, há menção a nada menos que 256 projetos de pesquisa iniciados ou em andamento nos anos de 2012 e 2013, nos nove Departamentos da Faculdade. Por sua vez, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da mesma Faculdade vem analisando, anualmente, em média, cerca de 150 monografias.

Durante várias décadas, o ensino e a pesquisa realizados no então designado Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina, e que teve o seu nome depois alterado, por lei federal, para **Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES)**, foram motivo de orgulho para a nossa Universidade Federal pelo seu nível de excelência, equivalente aos de centros de renome internacional.

Ainda na área da Saúde, a Universidade Federal da Bahia criou o **Instituto de Saúde Coletiva (ISC)**, que tem realizado vasto programa de pesquisas de excelente qualidade, muitas das quais aceitas para publicação em periódicos nacionais e estrangeiros dos mais prestigiosos em todo o mundo, e que têm sido objeto de debates na Academia de Ciências da Bahia e resumidas nas



Memórias da mesma instituição. Os tempos passaram e muita coisa mudou. Houve considerável diversificação nos temas de pesquisa científica e tecnológica em curso na Bahia. Apesar disso, os assuntos referentes à saúde continuam a ser os mais frequentemente pesquisados nas entidades locais. Porém, já não se encontra a enorme concentração nessa área, como foi no passado, o que resultou da formação mais diversificada de pesquisadores, em consequência das numerosas atividades em âmbito de pós-graduação, instaladas sobre temas de crescente variedade.

*Roberto Figueira Santos*  
Presidente da ACB  
Bahia, Dezembro de 2014

1. Atividades da  
Academia de Ciências  
da Bahia





Viga Gordilho – Série: Tempo gerúndio  
7 módulos: fotografia 3, pintura, fibras, conchas, ouro, prata e cobre. 20 cm X 14 cm. 2014



## 1.1 CONFERÊNCIAS

### INVESTIGAÇÕES SOBRE A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA ARTE AZULEJAR



MÁRIO MENDONÇA DE OLIVEIRA  
Professor Emérito da Universidade Federal  
da Bahia  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 28 de Março de 2014

Não obstante a arte dos revestimentos de cerâmica vitrificada tenha suas origens na Alta Antiguidade, sendo trazida pelos árabes para a Península Ibérica, adquire em Portugal e suas colônias contornos de arte maior, principalmente no Brasil e, de maneira particular, na Cidade do Salvador, reconhecida pelo insigne Santos Simões como detentora do maior repertório da arte do azulejo, depois de Lisboa. Infelizmente, este extraordinário acervo de memória da arte lusa vem sendo tratado, de maneira empírica, ou pior ainda, de maneira bisonha com sequelas na sua conservação, de modo que estamos perdendo, em velocidade alarmante, os testemunhos desta brilhante manifestação de arte dos nossos antigos.

A apresentação proposta demonstra algumas investigações científicas e de procedimentos técnicos para a conservação do nosso patrimônio azulejar desenvolvidas pelo Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração (NTPR) durante anos de trabalho, que saíram do laboratório para a prática contribuindo, sobretudo, para formação de especialistas e empresas capazes de tratar o problema da conservação azulejar de maneira mais adequada.





Mário Mendonça (em pé), Salão Lazareto, FAPESB. Foto: Lorena Bertino.

IMPACTO DE POLÍTICAS SOCIAIS NA MORTALIDADE:  
RENOVANDO O DEBATE DETERMINANTE BIOLÓGICO  
VERSUS DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE



MAURÍCIO BARRETO  
Professor Titular da Universidade Federal  
da Bahia  
Pesquisador I-A do CNPq  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 30 de Abril de 2014

Desde Hipócrates, e em especial a partir do século XIX, pensadores e pesquisadores explicam a saúde humana como um fenômeno determinado por fatores sociais, econômicos ou ambientais (DSS), centrados nos contextos e nas populações. Marcos importantes desta linhagem de conhecimento são as investigações de Virchow, na Alemanha, Villermé, na França e Chadwick, na Inglaterra, anteriores à era microbiana. Ao final do século XIX, avanços no conhecimento sobre a microbiologia, a biologia humana e a fisiologia, marcam a emergência das ciências biomédicas. Programas de pesquisas como o de Claude Bernard em medicina experimental e fisiologia, de Koch e Pasteur, com a descoberta dos micróbios e associação destes com doenças específicas, são paradigmáticos deste momento e criam uma alternativa explicativa para as doenças humanas, centradas na biologia e no indivíduo. Cada uma das vertentes explicativas gera proposições e formas diferentes de abordar os problemas de saúde em indivíduos e populações e o seu debate se propaga pelo século XX e, em especial, no século XXI. Apesar de dominante, a perspectiva biomédica tem falhado em dar conta de velhos problemas e não tem impedido o surgimento de novos problemas de saúde.



Estas falhas, estimulam ao retorno ou ao desenvolvimento de explicações alternativas, centradas na história, na forma que as sociedades humanas vivem, como se relacionam com a natureza e como repartem as riquezas geradas. Pesquisas sobre os efeitos de duas intervenções massivas e recentes em curso na sociedade brasileira (Programa Saúde da Família-PSF e Programa Bolsa Família-PBF) e em especial o impacto das mesmas sobre a saúde da população, desenvolvidas em meu grupo de pesquisa\*, tem aberto renovada oportunidade para rediscutir efeitos na saúde de intervenções fundadas na biomedicina, implementadas pelo PSF, bem como dos efeitos de intervenções que atuam sobre potenciais determinantes sociais da saúde, implementadas pelo PBF. Este esforço acadêmico, além de contribuir para o entendimento de duas importantes políticas públicas, tem se constituído em uma oportunidade única de atualizar e contextualizar este histórico debate.

\*Rasella D, Aquino R, Santos CA, Paes-Sousa R, Barreto ML. Effect of a conditional cash transfer programme on childhood mortality: a nationwide analysis of Brazilian municipalities. *Lancet*. 2013 Jul 6;382(9886):57-64.



Maurício Barreto (em pé), Salão Lazareto, FAPESB.



## LEPTOSPIROSE EM SALVADOR: DAS FAVELAS ÀS MOLÉCULAS



MITERMAYER GALVÃO DOS REIS  
Professor Titular da Universidade Federal  
da Bahia  
Pesquisador Titular na Fundação Oswaldo Cruz  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 07 de Maio de 2014

Será apresentada uma síntese dos estudos realizados por nosso grupo sobre leptospirose. Esses estudos demonstram que o padrão epidemiológico da leptospirose em Salvador é diferente do padrão tradicionalmente descrito, com um único sorovar, o Copenhageni. O seu reservatório, o *Rattus norvegicus*, causa epidemias anuais nas mesmas comunidades carentes com transmissão predominantemente peridomiciliar e sendo homens jovens o principal grupo de risco. A letalidade é de aproximadamente 10% nas formas graves clássicas, alcançando 70% nas formas graves com hemorragia pulmonar. Será abordada também a estratégia utilizada para o desenvolvimento de um teste rápido para o diagnóstico da leptospirose, já aprovado pela ANVISA e que será produzido no Brasil por Biomanguinhos, da Fundação Oswaldo Cruz, e poderá ser licenciado para produções por empresas estrangeiras para atender o mercado externo.

A palestra enfocará ainda os estudos que estamos realizando para identificar fatores da leptospira, do ambiente e do hospedeiro que possam estar relacionados, isolados ou em conjunto, com o desenvolvimento das formas graves com hemorragia pulmonar, que aumentam a letalidade de 15 para 70%.



Mitermayer Galvão dos Reis (em pé). Salão Lazareto, FAPESB. Foto: Lorena Bertino.



## CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DA GEOFÍSICA NA EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO DA BACIA DO RECÔNCAVO



MILTON JOSÉ PORSANI  
Professor Titular da Universidade Federal  
da Bahia  
Coordenador do Instituto Nacional de Ciência e  
Tecnologia de Geofísica do Petróleo do CNPq  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 30 de Maio de 2014

Será apresentado um resumo das principais contribuições e desafios da geofísica aplicada à exploração do petróleo, envolvendo a pesquisa e a formação de recursos humanos, conduzidas no âmbito do Centro de Pesquisa em Geofísica e Geologia da UFBA. Será enfatizada a importância e o sucesso do Programa de Formação de Mestres e Doutores (PETROBRAS/UFBA) da década de 1980, da criação do curso de graduação em geofísica na UFBA (1992) e do apoio dado pelo projeto INCT-GP/MCTI/CNPQ, (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Geofísica do Petróleo), em execução na UFBA. Adicionalmente serão apresentados resultados obtidos com os novos métodos geofísicos de exploração e de processamento de dados sísmicos, desenvolvidos por pesquisadores do CPGG/UFBA e do INCT-GP, ilustrando suas potenciais aplicações na exploração de petróleo na Bacia do Recôncavo.



Milton Porsani (em pé). Salão Lazareto, FAPESB. Foto: Lorena Bertino.



CIÊNCIA NA ESCOLA - ENSINO MÉDIO (2013):  
CONSTRUINDO UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO PARA  
A PESQUISA NA EDUCAÇÃO BÁSICA



CHARBEL N. EL-HANI  
Professor da Universidade Federal da Bahia  
Vice-Presidente da Associação Brasileira de  
Filosofia e História da Biologia (ABFHIB)  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 09 de Julho de 2014

*Rosileia Oliveira de Almeida  
Amanda Amantes*

Foram apresentados os princípios de planejamento do Programa Ciência na Escola-Ensino Médio, conduzido em 2013 pela SEC/IAT, tendo como formadores os professores Charbel N. El-Hani (Laboratório de Ensino, Filosofia e História da Biologia LEFHBio - IBIO/UFBA), Rosiléia Oliveira de Almeida e Amanda Amantes (Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências e Matemática - EnCiMa - FACED/UFBA).

O programa parte do princípio de que propostas de melhoria da educação passam necessariamente pelo desenvolvimento profissional de professores, como principais atores do processo educativo, responsáveis pela mediação das interações discursivas em sala de aula, que não somente estabelecem o processo de ensino, como também criam as condições para a aprendizagem. Não obstante, muitas iniciativas que visam à melhoria da educação brasileira incidem sobre recursos, como livros didáticos, equipamentos de ensino etc., que, apesar de sua importância, são

apenas ferramentas em mãos dos professores, demandando um uso crítico e criativo. Isso implica que, malgrado a relevância do aprimoramento de tais recursos, não se deve perder de vista o desenvolvimento profissional dos professores como foco principal. Outro ponto considerado reside na relativa ineficácia de cursos isolados, sejam focados em conteúdos específicos ou metodologias de ensino, sobre tal desenvolvimento profissional, sendo mais produtiva a realização de programas de formação e ação docente, particularmente de longo termo. O programa alinha-se com estes dois pontos que julgamos centrais: (1) foco sobre desenvolvimento profissional dos professores; (2) implementação de programa de formação e ação docente de longo termo.

A proposta envolveu, de um lado, pesquisa estudantil, a saber, projeto sobre questões socioambientais das comunidades onde se situam as escolas, com ênfase sobre o protagonismo juvenil e a destinação dos produtos da pesquisa para instâncias exteriores à escola, como associações de bairro, tomadores de decisão, cooperativas etc. De outro, envolveu pesquisa docente sobre o engajamento cognitivo e comportamental dos estudantes, conduzida pelos professores como meio de avaliar a eficácia da metodologia de projetos utilizada quanto à participação e aprendizagem dos estudantes. Nesse sentido, o intuito foi o de favorecer a apropriação de ferramentas que permitissem aos professores avaliarem suas ações docentes a partir da sistematização de dados do seu próprio contexto, tomando como base, nesse momento, os projetos que foram desenvolvidos com seus alunos. Resultados obtidos em ambas as iniciativas de pesquisa foram apresentados e discutidos.





Charbel N. El-Hani (em pé). Salão Lazareto, FAPESB.  
Foto: Lorena Bertino.



JOÃO CARLOS SALLES  
Reitor da Universidade Federal da Bahia  
Presidente da Sociedade Interamericana de  
Filosofia  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 14 de Agosto de 2014

Em 14 de agosto de 2014, o novo reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), João Carlos Salles, eleito para o quadriênio 2014-2018, proferiu palestra na Fapesb sobre as perspectivas da UFBA na sua gestão. O evento, promovido pela Academia de Ciências da Bahia (ACB), teve como coordenador o ex-governador e atual presidente da ACB, Dr. Roberto Santos. João Carlos Salles utilizou trechos de uma palestra de Roberto Santos, de 1996, para embasar seu discurso. No texto, Roberto Santos, na época deputado federal, citava a tensão entre o modelo de universidade e a permanência de uma estrutura de escolas isoladas. Falava, também, sobre a preocupação em relação à expansão da Universidade, afirmando que para superar as deficiências na qualidade de vida da população, o crescimento da UFBA deveria se dar de forma mais rápida.

“Os problemas da Universidade não podem ser desconhecidos, e sim, enfrentados”, disse João Carlos Salles. Ele citou a política de Ações Afirmativas, que ampliou o acesso da população à universidade, mas que ainda deixou a desejar na política de efetiva inclusão: “Não podemos deixar de analisar o significado e que tipo de correção e política devem ser feitas, levando em conta a diferença de rendimento de cotistas e não cotistas, bem como o fato de que precisamos continuar a combater, dentro da UFBA,



formas de discriminação”. O novo reitor falou, também, sobre a interiorização do ensino superior. Segundo ele, a UFBA coopera pouco com a rede estadual de ensino: “Sei da importância da Fapesb neste sentido de promover essa cooperação. Isso é algo que tem que ser aprofundado”, afirmou. João Carlos Salles disse que é preciso estabelecer fóruns regionais para que as universidades estaduais e federais possam traçar, em conjunto, políticas de expansão, além da melhoria na qualidade dos cursos, cooperação em eventos e editais.

Retomando o texto de Roberto Santos, João Carlos Salles disse que uma das questões que precisa ser analisada na UFBA é a da gestão fragmentada das escolas: “Temos uma política que ainda reflete o comportamento das escolas isoladas, uma gestão fragmentada”, disse. Ele falou, também, da interdisciplinaridade como elemento fundamental para o processo de produção do conhecimento. “Estamos muito acanhados nesta reflexão e, às vezes, nós avançamos na implantação sem pensar nas implicações profundas do que é a interdisciplinaridade, que há séculos causa dificuldades.”

Algumas medidas importantes foram destacadas pelo novo reitor, como a atenção necessária às demandas específicas da universidade e da sociedade: “Não há um modelo abstrato, uma boa gestão não tem que impor um modelo, e sim ficar atenta às demandas específicas. Por exemplo, temos hoje uma demanda do curso de engenharia, o desafio específico de expansão e implantação do Campus de Camaçari que não pode ser feito sem uma reflexão cuidadosa”. Outras duas demandas ressaltadas por Salles foram a educação básica, desde os cursos de licenciatura até a educação à distância que, segundo ele, não tem tido a atenção devida da UFBA, e as parcerias com o empresariado, criando possibilidades inovadoras para estimular a pesquisa em nosso Estado.

Salles falou ainda sobre a importância do acolhimento dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTS): “O INCT

não é uma iniciativa isolada, envolve, também, as universidades”, disse. Ele lembrou da Chamada Pública que está com inscrições abertas até o dia 08/09/2014 para consolidação dos INCTS no país. Esta chamada é uma parceria entre o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, CNPq, CAPES e Fundações de Amparo à Pesquisa. A Fapesb disponibilizou recursos no valor de R\$ 20 milhões.

Texto elaborado por Lorena Bertino. ASCOM/FAPESB



João Carlos Salles e Presidente Roberto F. Santos. Salão Lazareto, FAPESB.  
Foto: Lorena Bertino.





Salão Lazareto, FAPESB Foto: Lorena Bertino.

## PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO NO ESTADO DA BAHIA: PASSADO E PRESENTE



SÉRGIO LUIS COSTA FERREIRA  
Professor Titular da Universidade Federal  
da Bahia  
Pesquisador 1A do CNPq  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 26 de Agosto de 2014

Esta palestra abordou três dos principais segmentos que servem como parâmetros de avaliação de pesquisa e pós-graduação de um estado: produção científica, classificação dos cursos de pós-graduação com base na avaliação trienal da CAPES e o número de bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

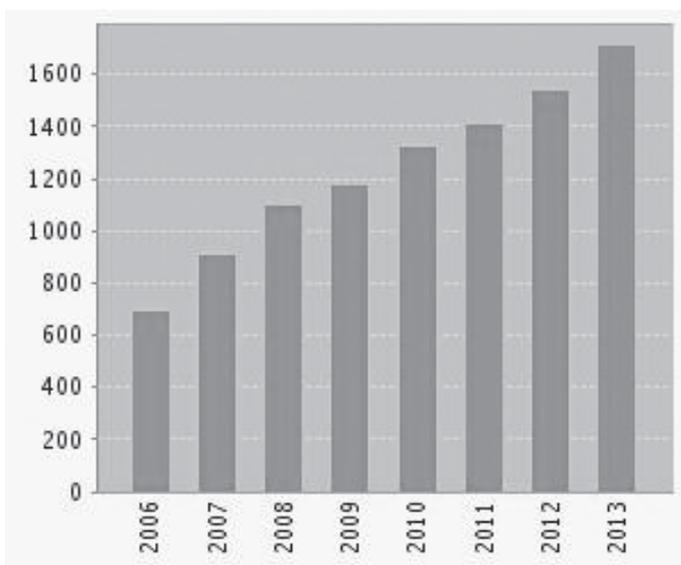
Dados da Produção científica do Estado da Bahia foram levantados usando a *Web of Science* (WS), base de dados que congrega artigos inscritos no *Institute for Science Information* (ISI). Assim, de acordo com a WS, uma pesquisa bibliográfica realizada em 13 de agosto de 2014, estimou a publicação de instituições baianas em 15142 artigos, com um índice H igual a 108. Destes, a UFBA tem 7908 artigos (52%) com índice H de 89, seguido da FIOCRUZ com 1416 artigos (9%) e índice H de 61. Este levantamento revelou também que os hospitais baianos têm publicado suas pesquisas em bons jornais científicos e que o Hospital São Rafael é o que detém o maior número de publicação 161 artigos. Entre os 15142 artigos, observa-se que a área de saúde é a que efetivamente tem o maior número de artigos publicados. Esta pesquisa bibliográfica revelou que a produção científica do Estado da Bahia é plenamente ascendente, embora a interação entre as instituições baianas seja ainda bastante incipiente.



A Bahia tem apenas 227 (4%) entre os 5674 cursos de pós-graduação do Brasil. Destes, 67 cursos são de doutorado, 133 de mestrado acadêmico e 27 de mestrado profissionalizante. A UFBA congrega o maior número de cursos 118, sendo 47 de doutorado, 62 de mestrado acadêmico e 09 de mestrado profissionalizante. A avaliação dos dados revelou que a qualidade dos cursos de acordo com a classificação da CAPES é boa. Considerando que cursos com nota 5: 38 (17%) atribuindo conceito **muito bom**, Cursos com nota 4: 92 (41%) atribuindo conceito **bom** e Cursos com 3: 89 (39%) conceito **regular**. Entretanto a quantidade de cursos é relativamente pequena em função da população que demanda PG no Estado da Bahia.

A Bahia conforme levantamento no site do CNPq em 13 de agosto de 2014 tinha apenas 354 bolsas (2,33%) de um total de 15181 bolsas de produtividade em pesquisa concedidas pelo CNPq. Destas, 227 (64%) foram concedidas a pesquisadores da UFBA. Entre as 354 bolsas, 122 bolsas de classificação 1 e 232 de classificação 2. Esforços devem ser feitos para aumentar este número em função da importância destas bolsas nas agências de fomento a pesquisa.

### Artigos publicados no Estado da Bahia (2006 - 2012)



Fonte: <http://wokinfo.com/>



Sérgio Ferreira (em pé), Salão Lazareto, FAPESB. Foto: Lorena Bertino.

APOIO À INTERAÇÃO DE PESQUISA ENTRE O CENTRO  
DE TECNOLOGIAS ESTRATÉGICAS DO NORDESTE E  
PESQUISADORES DA REGIÃO NORDESTE



ANDRE GALEMBECK  
Professor da Universidade Federal  
de Pernambuco  
Coordenador Geral do Centro de Tecnologias  
Estratégicas do Nordeste  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 11 de Setembro de 2014

Criado em 2005 para apoiar o desenvolvimento tecnológico da Região Nordeste promovendo a integração entre conhecimento, fomento e sociedade, o Centro de Tecnologias Integradas do Nordeste (CETENE) compõe o quadro de unidades de pesquisa do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação e tem como missão desenvolver, introduzir e aperfeiçoar inovações tecnológicas que tenham caráter estratégico para o desenvolvimento econômico e social do Nordeste brasileiro, promovendo cooperações baseadas em redes de conhecimento e nos agentes da economia nordestina.

O seu quadro gerencial busca atuar em extensa rede de competências com as universidades, empresas e outros centros de pesquisa constituindo esforços com forte orientação para a utilização do conhecimento na solução de problemas, promoção da inovação e da difusão de tecnologias. Atua, também, como facilitador da formação de redes temáticas de pesquisa a partir da identificação de oportunidades e necessidades locais, regionais e nacionais.

As estratégias de atuação adotadas pelo CETENE são flexíveis, e visam atender especificidades locais e dos atores envolvidos, identificando oportunidades e buscando apoio dos agentes de fomento. Identificar grupos de pesquisa para a execução de projetos de cooperação, multiplicar competências e infraestrutura sem duplicar esforços é também um dos objetivos da instituição.

Através dos diversos temas de sua organização, se constitui também em um instrumento importante de inserção de tecnologias no setor produtivo e na sociedade. As ações que compreendem este conceito vão desde a orientação para implantação de projetos tecnológicos, fundamentados a partir de estudos científicos, até a organização em cooperativas e/ou associações para capacitação das comunidades alvo para assimilar as técnicas de implantação das atividades dos projetos. Seus objetivos institucionais se fundamentam numa ampla rede de atividades voltadas para a coletividade, dentre as quais se destacam: 1. ser um centro de excelência em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação; 2. apoiar o desenvolvimento industrial e a agroindústria da região pela execução de projetos em cooperação e prestando serviços tecnológicos de alto nível; 3. disponibilizar laboratórios e equipamentos de nível internacional para a comunidade acadêmica como facilidades abertas (open facilities); 4. viabilizar a inserção de tecnologias maduras no setor produtivo; 5. constituir-se em um fórum permanente de difusão tecnológica, abrigando eventos, promovendo cursos, workshops e outras iniciativas para acelerar o fluxo e a transferência de informação e de conhecimento. Tendo como prioridade atender demandas da sociedade, o CETENE atua articulando o conhecimento científico e tecnológico e o acesso ao fomento, promovendo, desta forma, a transferência de tecnologia de produtos e processos que contribuam com o desenvolvimento da região.





Andre Galembeck e o Presidente Roberto F. Santos durante a palestra. Salão Lazareto, FAPESB. Foto: Lorena Bertino.

## O PAPEL DA CIÊNCIA NA EXPLORAÇÃO MINERAL



AROLDO MISI  
Professor Titular da Universidade Federal  
da Bahia  
Pesquisador 1A do Conselho Nacional de  
Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 19 de Setembro de 2014

Os depósitos minerais geram produtos essenciais para nossa existência e para o desenvolvimento econômico e social de um país. O conhecimento dos processos envolvidos na formação desses depósitos – *metalogênese* ou *processos metalogenéticos* – os quais podem ser considerados verdadeiras anomalias da natureza, é necessário e imprescindível para o bom êxito da *exploração mineral*, ou seja, para a descoberta de novos depósitos ou para o aumento das reservas daqueles já em produção.

A formação de um depósito mineral está relacionada a uma complexa interação entre os diversos processos geodinâmicos que ocorreram (e continuam a ocorrer) durante a evolução dos quase cinco bilhões de anos do nosso Planeta Terra. Assim, como tem sido demonstrado por diversos pesquisadores, existem períodos da história da Terra quando alguns tipos de depósitos são abundantes (época *metalogenética*). Este é o caso, por exemplo, dos depósitos de ferro: os maiores e mais importantes depósitos estão relacionados a períodos quando a atmosfera alcançou saltos significativos de aumento de oxigênio, relacionados a glaciações globais.

Os processos metalogenéticos são de enorme complexidade e de caráter multidisciplinar. O êxito de novas descobertas requer



sempre um papel de destaque da pesquisa científica, que é realizada principalmente pela Academia. O avanço do conhecimento científico e a pesquisa de novos métodos de investigação são, portanto, indispensáveis para que ocorram novas descobertas.

O Grupo de Metalogênese, Modelos Metalogenéticos e Exploração Mineral (CPGG-UFBA e CNPq) vem atuando, desde a sua criação em 1970, no desenvolvimento de *modelos metalogenéticos\** previsionais. Recentemente concluiu, com apoio da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM), o *Mapa Metalogenético Digital do Estado da Bahia*, no qual as províncias minerais estão classificadas e delimitadas de acordo com a sua idade e com os processos metalogenéticos. Atualmente em sua segunda fase, o Projeto realiza levantamento de novos dados em cada uma dessas províncias para revisão e/ou refinamento dos *modelos*, tais como: assinaturas espectrais com uso de equipamentos e imagens de satélite, estudo de inclusões fluidas em minerais, dados isotópicos, geocronológicos, químicos etc., além de análise e integração com os levantamentos geofísicos e geoquímicos disponíveis. Estão sendo desenvolvidos também estudos sobre origem e controles de depósitos de fosfato em bacias sedimentares pré-cambrianas, que já resultaram na descoberta de rocha fosfática em três novas localidades, requerendo estudos adicionais para definir possível continuidade.

\*Conjunto descritivo de atributos de um grupo de depósitos relacionados com sua origem



Aroldo Misi (em pé), Salão Lazareto, FAPESB. Foto: Lorena Bertino.



## PESQUISA E DESENVOLVIMENTO NA UNIVERSIDADE, O CASO DA PUCRS E DO TECNOPUC



DIÓGENES SANTIAGO SANTOS  
Coordenador do Instituto Nacional de Ciência  
e Tecnologia em Tuberculose  
Professor Titular da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 24 de Setembro de 2014

Tuberculose (TB) continua sendo um grande problema de saúde em todo o mundo, especialmente em regiões de alta carga de TB associado ao vírus da imunodeficiência humana (HIV) e TB multirresistente e extensivamente resistente (TB-MDR/XDR), como no Brasil. Em maio de 2014, foi aprovado pela Assembleia Mundial da Saúde, o Programa Global de Controle da TB (PGCTB) proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) com metas para serem alcançadas em 2035. Entre as metas, foram priorizadas: a) desenvolvimento de novos métodos diagnósticos rápidos para TB resistente; b) identificação de biomarcadores associados com progressão de TB infecção para TB doença e associados com infecção recente por *Mycobacterium tuberculosis* (Mtb) que possam ser utilizados na avaliação de novas vacinas; c) desenvolvimento de novos fármacos/regimes terapêuticos mais eficazes e que diminuam o tempo de tratamento; d) pesquisa operacional sobre o processo de incorporação de novos métodos diagnósticos e/ou de biomarcadores para TB, TB resistente no sistema de saúde. Portanto torna-se urgente a busca de mais alvos metabólicos e compostos químicos com ação biológica útil na terapêutica antituberculose, novos métodos diagnósticos e biomarcadores

que possam ser rapidamente incorporados no sistema público. O INCT-TB busca alvos moleculares para o desenvolvimento de fármacos anti-TB a partir de vias metabólicas definidas que estão presentes no *M. tuberculosis*: via da biossíntese dos ácidos micólicos (Sistema FAS II), via do ácido chiquimico, vias da síntese de novo e de salvamento de purinas e pirimidinas, via de biossíntese da L-histidina, sobretudo a histidinol desidrogenase, via de biossíntese do folato. A maioria das enzimas foi clonada, superexpressa de maneira heteróloga em *Escherichia coli* e purificadas de maneira homogênea por cromatografia líquida de alta performance.

Tais proteínas foram então objetos de estudos bio-físico-químicos: espectrometria de massa para determinação da massa molecular e sequenciamento, cinética bioquímica em estado estacionário e pré-estacionário (*stopped-flow*), estudos termodinâmicos por microcalorimetria de titulação isotérmica, ressonância plasmônica de superfície (Biacore) e submetidas a protocolos de cristalização. As que geraram cristais foram levadas ao Laboratório Nacional de Luz Síncrotron do MCTI, em Campinas e tiveram suas estruturas 3D resolvidas por difração de raios-X, usando luz síncrotron e os mapas de densidades eletrônicas, depositados no Protein Data Bank (<http://www.rcsb.org>).

As estruturas terciárias nos permitiram acessar o sítio de catálise das enzimas e desenhar estruturas químicas, semelhantes ao estado de transição do substrato, que foram sintetizadas, derivatizadas quimicamente e ensaiadas contra a enzima alvo em ensaios cinéticos por espectrofotometria, espectrofluorimetria, *stopped-flow* e microcalorimetria por titulação isotérmica para obtenção das constantes termodinâmicas, sobretudo o  $\Delta G$  de Gibbs (energia de ativação), importantes para o desenvolvimento de fármacos. No desenvolvimento de novos regimes terapêuticos para tratar TB, especialmente as formas latentes e resistentes do bacilo, manteremos a análise de inibidores enzimáticos, como



o IQG607 inibidor da 2-trans-enoil-redutase do bacilo e CPBMF 454 potente inibidor da DNA Girase do *M. tuberculosis*, com valor de IC<sub>50</sub> de 170 nM, frente a amostras sensíveis e resistentes do *M. tuberculosis*, especialmente aquelas com resistência múltipla aos principais fármacos de primeira linha. Ademais, estamos investigando possíveis interações e associações farmacológicas destes compostos com outros agentes usados nas terapias atuais anti-tuberculose e anti-retrovirais (tratamento de co-infectados com HIV). Além do mais, o INCT-TB também visa consolidar competências no Brasil, para a realização de estudos pré-clínicos e, talvez, futuramente, ensaios clínicos para estas ou outras moléculas relacionadas ao tratamento da tuberculose. No momento, os avanços realizados pelo INCT-TB já permitiram a síntese do IQG-607 na ordem de gramas (500 g/lote), o que possibilitou a realização de uma série de ensaios funcionais (Toxicologia aguda e crônica em roedores, ensaios de eficácia em roedores infectados). Atualmente a etapa de escalonamento de ambos fármacos IQG-607 e CPBMF 454 está sendo realizada na Índia, sob responsabilidade do laboratório industrial SSK Biosciences Pvt Ltd - Pilani, Hyderabad Campus, Jawahar Nagar. A formulação está a cargo da empresa União Química Nacional S.A. O primeiro lote de cinco quilogramas do IQG-607 encontra-se em Porto Alegre e será usado nos ensaios com mini-porcões, no Hospital Israelita Albert Einstein em São Paulo. Na área de desenvolvimento de vacinas pretendemos construir e caracterizar cepas mutantes definidas de *M. tuberculosis* (i) para validar sua importância biológica no metabolismo de *M. tuberculosis*, persistência e virulência, e (ii) para gerar cepas mutantes atenuadas de *M. tuberculosis* que poderiam ser usadas como novas vacinas contra a TB humana. Uma vez obtidas estas linhagens micobacterianas mutantes definidas serão testadas quanto a sua virulência, em modelos de infecção em macrófagos e camundongos. Na área de diagnóstico pretende-se continuar o desenvolvimento de novos testes mole-

culares, focando no diagnóstico de TBMDR/XDR acoplados ou não a identificação de linhagens mais virulentas, como de nano-probe em papel, teste multiplex via Luminex e teste fenotípicos modificados Nitratase, prosseguir na transferência de tecnologia para indústria nacional com os testes PCR em tempo real (para diagnóstico e/ou quantificação de bacilo viável para monitorar tratamento) acoplado ao equipamento Q3 do IBMP-PR, PCR em microarranjo, além da identificação e validação de biomarcadores associados a progressão de TB infecção para TB doença e a recidiva de TB.



Diógenes S. Santos (em pé), Salão Lazareto, FAPESB. Foto: Lorena Bertino.

PERSPECTIVAS DE APLICAÇÕES NANOTECNOLÓGICAS NOS  
LABORATÓRIOS DO INSTITUTO DE FÍSICA DA UFBA



ANTONIO FERREIRA  
Professor Titular da Universidade Federal da  
Bahia  
Membro Titular do Conselho Nacional de  
Desenvolvimento Científico e Tecnológico,  
CNPq  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 29 de Setembro de 2014

Investigações de novos materiais são fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas com possibilidades de aplicações em nichos tecnológicos com desdobramentos em diversas áreas do conhecimento, geralmente inter-relacionadas.

Direcionamos algumas destas pesquisas em energias alternativas, fotocatalise/produção de hidrogênio, células solares, biomateriais, spintronic, monitoramento de átomos, nanociência/nanotecnologia e suas aplicações na confecção de dispositivos optoeletrônicos.

Relacionamos elas com a nanociência a qual está se tornando um dos alicerces da Pesquisa Contemporânea e um dos desafios ao século atual com as suas inúmeras aplicações. Mostramos que várias destas pesquisas são desenvolvidas nos laboratórios do Instituto de Física/UFBA e em colaborações com laboratórios nacionais e internacionais.



Antonio Ferreira (em pé), e o Presidente Roberto F. Santos (sentado) durante a palestra. Salão Lazareto, FAPESB. Foto: Lorena Bertino.



## A CAATINGA E O PROJETO DO PARQUE NACIONAL BOQUEIRÃO DA ONÇA



JOSÉ ALVES DE SIQUEIRA FILHO  
Professor Associado da Universidade Federal  
do Vale do São Francisco  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 23 de Outubro de 2014

A caatinga brasileira, diferente do que se afirma, é um bioma rico em fauna e flora, que abriga em sua extensão várias espécies ameaçadas. Para assegurar sua preservação e garantir uma exploração racional integrando homem e natureza, torna-se imperativo transformar sua extensão no território baiano num parque nacional. Isto é que propõe o biólogo José Alves Siqueira Filho, professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em Petrolina (PE), conforme relatou em concorrida palestra na Academia de Ciências da Bahia.

Com uma área de 800 mil hectares, o Parque Boqueirão da Onça se transformaria num habitat seguro para a sua fauna e flora, garantindo ao tatu-bola e à onça-pintada, além do imbuzeiro, preservação continuada. Segundo o Prof. Siqueira, este seria o maior parque nacional fora da região amazônica, formando um conjunto de grande beleza natural, onde despontam serras com mais de mil metros de altitude, vales e rios. A região abriga cerca de 4470 espécies vegetais nas várias modalidades de caatinga, constatação surpreendente para quem imagina haver apenas um tipo de caatinga. Foram identificados na verdade vários tipos deste ecossistema, tendo sido identificados sete tipos. A maioria dos habitantes da cidade associa o conceito caatinga com a paisagem árida, sem verde, com chão sempre rachado e vegetação de arbusto. Esta é na

verdade apenas uma faceta do semiárido, que na verdade é de uma grande abrangência de fauna e flora. Em seus 800 mil hectares são encontradas 51 espécies de aves, 143 de mamíferos, 98 de répteis, 61 de anfíbios e 250 de peixes. Existe também uma grande diversidade entre grupos de animais, pois só a ictiofauna possui cerca de 250 espécies. Merece especial destaque o fato de ser a caatinga o habitat de duas espécies ameaçadas: a ararinha-azul e o tatu-bola. A ararinha-azul é considerada pássaro extinto na natureza, sendo encontrada hoje somente em cativeiro, enquanto o tatu-bola vem sendo dizimado pela caça predatória. Se medidas de preservação não forem tomadas sem demora, muitas outras espécies estão ameaçadas e correm o risco de extinção, a exemplo da onça-pintada, da onça-parda, do tamanduá-bandeira, da jaguatirica, do gato-do-mato, dentre outras.

Para o Prof. Siqueira, há que se encarar o problema sob uma visão holística, em que se deve harmonizar a fauna e flora com o elemento humano. Cerca de 30 milhões de pessoas moram na região, e por isso torna-se imperativo implementar um projeto de desenvolvimento sustentável, pois só desta forma é possível conciliar demandas e oportunidades, freando o ritmo de destruição da caatinga. Há 10 anos apenas 30% do ambiente estavam alterados, hoje 60% do bioma não existem mais em sua forma original. Tal fato leva o pesquisador a uma visão pessimista do futuro da caatinga, que já tem 22% da sua área sofrendo com o processo de desertificação.

Siqueira aponta outra grande tragédia da região que está se materializando há anos, de forma contínua e sob a indiferença dos governos, que é a morte lenta do São Francisco. Suas nascentes estão secando, e boa parte da parte do Parque Nacional da Serra da Canastra está queimado. Em Ibotirama, na Bahia, cessou a navegação devido à situação do rio e à falta de chuvas. Entre 2008 e 2012, Siqueira e um grupo de pesquisadores realizaram mais de 200 expedições para escrever o livro *A Flora das Caatingas do Rio*



*São Francisco: História Natural e Conservação*, obra agraciada com o Prêmio Jabuti de 2013. Para o pesquisador, “o São Francisco não é mais um rio com vida exuberante como era no passado, mas apenas um canal de água”.

A criação do Parque Boqueirão da Onça, segundo Siqueira, é, portanto, um projeto notável de preservação ambiental e grande importância ecológica. É também uma tarefa impostergável da Bahia para as futuras gerações.



José Alves de Siqueira Filho (em pé) durante a palestra Salão Lazareto, FAPESB.  
Foto: Lorena Bertino.

## MANTENDO E PROMOVEDO A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL



ROBERT EVAN VERHINE  
Pró-reitor de Ensino de Pós-Graduação da  
Universidade Federal da Bahia  
Local: Salão Lazareto, FAPESB  
Data: 01 de Dezembro de 2014

Existem duas tendências internacionais em relação à manutenção e à promoção da qualidade da educação superior. A primeira trata da busca para a qualidade máxima de cursos e instituições, tipicamente utilizando processos de *ranqueamento*, com o intento de gerar competição e premiar os mais sucedidos. Os *ranqueamentos* mais conhecidos, como o THE (Londres) e o ARWU (Xangai), tentam identificar as melhores instituições de educação superior do mundo, utilizando diversos indicadores, tratando, por exemplo, da reputação da entidade, seu nível de produção científico/acadêmico, seu grau de internacionalização e o sucesso (ou não) de seus graduados no mercado de trabalho. As universidades brasileiras tendem a não se situar bem nos referidos *ranqueamentos* internacionais, por várias razões, inclusive pela rigidez burocrática institucional e o pouco domínio por parte da comunidade acadêmica da língua inglesa, que hoje em dia é a língua predominante no contexto da ciência mundial. Também importante a considerar é o fato de que, diferentemente de muitos países, como a Austrália, a Rússia e a Alemanha, o Brasil não tem uma política nacional que promova a qualidade máxima de



suas universidades e que sistematicamente busca coloca-las entre as melhores do mundo. Pelo contrário, no Brasil, as políticas em prol da qualidade da educação superior priorizam a segunda tendência internacional, a de focalizar a qualidade mínima de cursos e instituições. Tal foco é plenamente justificável pela natureza da educação superior no país, que é marcada pela expansão (para atender uma demanda cada vez mais crescente) e pela tentativa de diversificar o corpo discente (buscando a inclusão de uma quantidade maior de alunos em situação sócio-econômica precária e/ou que pertencem a grupos historicamente discriminados). Outros dois fatores que justificam o foco do Brasil na qualidade mínima, e não na qualidade máxima, de cursos e instituições de educação superior é a predominância no cenário nacional de instituições de cunho privado, sendo muitas delas não universitárias e com fins lucrativos, que significa que tendem a priorizar a obtenção de lucros em vez de assegurar uma qualidade mínima de educação aos seus alunos. Porém, em instituições públicas, a qualidade mínima também não é garantida, pois a combinação de greves, estágios probatórios pouco exigentes e a falta de monitoramento do ensino de sala de aula refletem uma tendência de valorizar mais a autonomia e o poder do corpo docente do que a qualidade do ensino ofertado ao corpo discente. Assim, a criação, em 2004, do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), torna-se relevante, pois através de processos de avaliação interna e externa e de articulação nítida com políticas nacionais de regulação, o referido Sistema, que hoje abrange 2.400 instituições e 32.000 cursos de graduação, assegura a oferta de educação de qualidade minimamente aceitável em todas as IES em todas as regiões do país.



Robert Verhine (em pé) durante a palestra no Salão Lazareto, FAPESB.  
Foto: Vágna Felício.





## 1.2. Elaboração de Projeto





Viga Gordilho – Série: Tempo gerúndio  
7 módulos: fotografia 6, pintura, fibras, conchas, ouro, prata e cobre. 20 cm X 14 cm. 2014



# GT EDUCAÇÃO – PROJETO PRELIMINAR PARA MELHORIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL NA BAHIA

*Irundi Edelweiss  
José Adeodato de Sousa Neto  
Eduardo Rappel  
Amilcar Baiardi  
Fernando Alcoforado*

O objetivo deste projeto é estabelecer uma metodologia de ensino que supere atuais deficiências de qualidade do ensino fundamental, em menor tempo, nas escolas públicas do Estado.

No mundo inteiro os governos vêm tentando através de reformas melhorar as insuficientes qualidades do aprendizado e da transmissão de conhecimentos, evidenciados pelos resultados no PISA (*Program for International Student Assesment da OECD*), onde o Brasil tem consistentemente obtido as últimas colocações. Programas de avaliações do ensino fundamental no país, como o IDEB (Índice de Desenvolvimento do Ensino Básico) do MEC, expõe o pífio desempenho da Bahia no cenário nacional.

A metodologia sugerida pressupõe a realização, em caráter experimental, de projeto piloto e sua avaliação em escolas públicas selecionadas em diferentes Municípios do Estado, a chancela da Academia de Ciências da Bahia na identificação de professores “inspiradores”, o apoio dos governos estadual e municipal, da sociedade civil pelas suas representações e do empresariado.

## INTRODUÇÃO – A EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL NA BAHIA

Nenhum dos nossos leitores desconhece a precariedade do ensino nos níveis fundamental e médio da educação na maio-



ria das escolas no Brasil, o que está amplamente comprovado em pesquisas que incidem sobre as escolas, os seus alunos e ex-alunos. Com efeito, a posição do Brasil nas avaliações realizadas pelo *Programme for International Student Assessment*, PISA, da OECD (*Organization for Economic Co-operation and Development*) entre cerca de 65 economias e países nos anos de 2006, 2009 e 2012, mostra o Brasil em posição pouco lisonjeira, invariavelmente próxima das últimas colocações, levando-se em conta os quesitos de ciências, matemática e leitura (interpretação/memorização/reflexão e avaliação). Por seu turno, o Estado da Bahia mostra números igualmente decepcionantes nos “boletins” da educação brasileira, o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), realizados pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) do MEC. Os números observados para a rede pública nas avaliações entre a 4ª e 8ª séries de 2005, 2007, 2009 e 2011, mostram que a Bahia situa-se consistentemente melhor apenas que estados de Alagoas e Sergipe. O IDEB mostra ainda que a rede de escolas privadas têm notas substancialmente melhores que as da rede pública estadual e municipal.

Entre outros fatores para o mau desempenho dos alunos e ex-alunos em avaliações nacionais e internacionais, deve mencionar-se o comportamento de muitos professores que ocupam o tempo das aulas a seu cargo, ditando as informações sobre o tema em pauta como se as informações por eles transmitidas fossem verdades absolutas e definitivas, sem que se ofereça qualquer oportunidade para os alunos debaterem o que a eles está sendo dito. Disso resulta uma posição de passividade que pouco ou nada estimula o intelecto do aluno ao recolherem essas informações. É essa a razão principal da falta de iniciativa apontada pelos nossos pesquisadores, quanto ao aporte de ideias inovadoras nos trabalhos aos quais se dedicam. Embora haja crescido expressivamente, no Brasil das décadas mais recentes, a produção de trabalhos cien-

tíficos com repercussão sobre a economia nacional, pouquíssimo se refletiu esse aumento no registro de patentes capazes de favorecer o autor das ideias que geraram o avanço na economia.

Verifica-se, por motivos dessa natureza, que os professores das escolas dedicadas ao ensino básico devam, sempre que possível, assumir atitude diversa da que vêm adotando. Espera-se que esses professores deixem claro perante seus alunos que podem e devem ser estimulados a ter uma atitude ativa nas salas de aula, seja pedindo ao professor informações adicionais sobre o mesmo tema, seja concordando ou discordando do que o professor acabou de mencionar. Demonstram, assim, os alunos, que não apenas estão atentos à aula, como já encontraram outras informações sobre o mesmo assunto em fontes diversas das mencionadas pelo professor. Assim como podem ter sido geradas pelos raciocínios dos próprios alunos.

Quando for essa a atitude preferida pela generalidade dos professores das escolas básicas, ter-se-á em meio à juventude da nossa terra a capacidade de gerar ideias próprias, o que, atualmente, constitui exceção. E, dentre essas ideias próprias, algumas representarão inovações quanto ao que se propôs até então sobre o mesmo tema. A grande dificuldade para adoção desse princípio está na possibilidade de alcançar números expressivos de professores que se disponham a rever o seu comportamento perante os alunos. Como atingir, então, o que, desde logo, pode parecer ir-realizável?



## CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO BAIXO DESEMPENHO

São muitas e conhecidas as causas do mau desempenho do estudante brasileiro do ensino fundamental com destaque para os aspectos de natureza econômica, que não propiciam a muitos estudantes condições ambientais satisfatórias de estudo seja na

escola ou fora dela e os de natureza sociocultural, quando a própria condição de baixa escolaridade dos pais não estimula a qualidade do aprendizado. Outros fatores são frequentemente apontados como contribuintes do desempenho negativo da educação básica no Brasil como o despreparo dos gestores das escolas, a ausência de determinação política de levar adiante reformas consequentes do sistema educacional e, acima de tudo, a qualidade dos professores.

Inúmeros estudos mostram que a qualidade do professor, independentemente da sua titulação acadêmica, e consequentemente do ensino é mais importante do que o tamanho da classe, nível de renda ou acesso a equipamentos sofisticados. Maus professores, mais abundantes na periferia dos grandes centros urbanos e em muitos Municípios do Estado, são detrimenais ao futuro das crianças. O educador Geoffrey Canadá, criador de um dos mais ambiciosos experimentos sociais e pedagógicos dos EUA, o *Harlem's Children Zone*, que atende a mais de 10.000 crianças em cerca de 97 quadras do Harlem, afirma que é menos trágico pagar professores desastados para ficar na biblioteca lendo jornais do que nas salas de aula arruinando o futuro das crianças. Ainda nos EUA, foi noticiado recentemente a vitória na justiça de uma ação movida por um grupo intitulado Students Matter em favor de 9 crianças pobres. Os queixosos arguíam que as leis daquele país permitiam que professores comprovadamente ineficazes permanecessem nas suas funções de ensino e que esse professores eram desproporcionalmente encontrados em áreas pobres ocupadas por pessoas **não brancas**. A decisão favorável ao afastamento desses professores baseou-se no princípio constitucional que garante direitos iguais à educação de qualidade.

Segundo um estudo do National Bureau of Economic Research dos EUA, publicado em 2011, alunos de professores de alta-performance têm melhores chances de entrar na Universida-

de, obterem melhores salários e as meninas de não engravidarem prematuramente.

O modelo de gestão privada de escolas públicas, já é largamente praticado nos EUA (*Charter Schools*), e na Europa. A Suécia introduziu desde 1992 o sistema de *vouchers* em que o aluno transfere os recursos da sua educação pública para outra escola, de qualquer natureza, arcando com eventuais diferenças de custo. A Dinamarca e a Inglaterra seguem a mesma trajetória de empregar os recursos públicos em escolas com gestão privada.

No Brasil, a estabilidade do professor chega muito cedo na carreira, e os maus professores ali permanecem prejudicando gerações de jovens. Um estudo de pesquisadores da FGV/IBRE do Rio de Janeiro em 2009 sobre os motivos da evasão escolar indica que mais de 60% abandonam os estudos por razões distintas das econômicas (geração de renda familiar) ou de acesso à escola, e, portanto, parecem estar vinculadas à qualidade do ensino.

Um em cada quatro alunos que inicia o ensino fundamental no Brasil abandona a escola antes de completar a última série. É o que indica o Relatório de Desenvolvimento 2012, divulgado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento).

A situação no nosso Estado apresenta números ainda mais dramáticos. Somadas a evasão nos anos iniciais e nos anos finais do ensino fundamental chega-se a alarmantes 31,6%, segundo dados do Governo do Estado em 2005. Por seu turno, essa evasão escolar desagua na baixa qualificação da mão de obra, subemprego, ônus de reparações futuras e, acima de tudo, no aumento da criminalidade.

Muito tem sido feito ou pensado em termos de melhoria do quadro da educação na Bahia e no Brasil, desde as Escolas Parques, concepção do Prof. Anísio Teixeira, inspiração para os projetos escolares de CIEPs no Rio e dos CEUs em S. Paulo. O Ensino em Tempo Integral (que requerem investimentos robustos em novos espaços escolares e, pelo menos, a duplicação do quadro de do-



centes), Programas de Treinamento de Professores, Federalização do Ensino Básico, Meritocracia e Ensino a Distância (EAD), também vêm sendo implementados ou pensados, porém nenhum contempla mudanças consistentes na qualidade do ensino.

#### UM EXPERIMENTO COM FOCO NA QUALIDADE

Uma experiência com foco na qualidade do ensino requer obviamente que professores de alta qualidade sejam selecionados e levados a todas as escolas públicas num curto espaço de tempo. Essa tarefa, impensável há alguns anos, poderia, tecnicamente, ser materializada nos dias de hoje com o auxílio da internet e dos computadores.

Há porém gigantescas barreiras a serem ultrapassadas, não só por aqui, mas em todo o mundo, e estas são de uma maneira geral reações esperadas, embora não elogiáveis, quando se trata de dar melhores condições futuras aos jovens brasileiros.

Os obstáculos a esse intento não são desprezíveis, desde a reação dos pares, avessos a críticas e a mudanças, passando pela estabilidade na função, que preserva maus professores e à ação dos sindicatos da classe, cujo compromisso atende prioritariamente a apetites eleitoreiros.

Em todas as áreas da atividade humana, há a necessidade do líder inspirador, aquele que faz a diferença, aquele que leva os seus liderados a superar obstáculos e a indicar caminhos seguros onde outros se complicam. Na educação não é diferente ou, por outra, o “professor inspirador” faz toda a diferença. Quantos de nós não nos lembramos daqueles poucos professores que nos prendiam voluntariamente na sala de aula, que nos faziam ficar atentos aos seus ensinamentos e nos despertavam para o prazer de aumentar o conhecimento em determinado assunto, em alguns casos, determinantes para a escolha da profissão abraçada.

Não obstante, o objetivo desejado de resgatar a juventude das garras de um futuro trágico ou carente de oportunidades, justifica o empenho da ACB por esse projeto.

Identificados os “professores inspiradores” ou de “alta-performance”, o projeto consiste em gravar as suas aulas para 1 ano completo ou 4 anos do Ensino Básico das disciplinas Matemática, Português e Ciências. A partir desse ponto e com a ajuda de profissional animador, que reduza reações contrárias, executar a experiência e avalia-la ao fim do ano letivo. Os professores existentes na escola fariam o acompanhamento presencial (correção de exercícios e provas e outras atividades correlatas) ao mesmo tempo em que estariam reciclando os seus conhecimentos. Outro benefício do projeto é que as aulas digitalizadas permitiriam aos alunos aprender no seu próprio ritmo, podendo repetir a aula quantas vezes lhe fosse necessário para a compreensão.

#### CUSTOS DO PROJETO

A experiência deverá ser implementada preferencialmente em escolas públicas, podendo também ser contemplada em escolas públicas com gestão privada (PPP), em dois tamanhos: apenas um ano do ensino fundamental ou para 4 anos, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Nesses casos os custos estão estimados em R\$600.000,00 (seiscentos mil reais) para apenas 1 (um) ano do ensino fundamental ou em R\$1.600.000,00 (um milhão e seiscentos mil reais) para 4 anos do ensino fundamental.





## 2 . H o m e n a g e n s



## MITERMAYER GALVÃO DOS REIS É O NOVO PRESIDENTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA TROPICAL (SBMT)

Em eleição realizada na última semana, durante o 49º Congresso de Medicina Tropical, em Campo Grande/MS, a Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (SBMT), passa a contar com novos diretores para o biênio 2013-2015. A Sociedade será presidida pelo pesquisador da Fiocruz Bahia e doutor em Patologia Humana, Mittermayer Galvão dos Reis, que assume destacando a importância do apoio de todos os membros da SBMT para realizar seu trabalho à frente de uma instituição com mais de 50 anos de existência.

Segundo o novo presidente, o objetivo da Sociedade é “analisar essas doenças de maneira integral e multidisciplinar, sendo possível a partir desta perspectiva discutir a questão da epidemiologia, que tem a ver com a incidência dessas doenças na sociedade e a carga delas para o Sistema de Saúde, além da ampliação das pesquisas e práticas clínicas realizadas dessas doenças tropicais”, afirma.

O objetivo da nova gestão, de acordo com Galvão, é ampliar a discussão dos aspectos da imunopatogênese que envolvem a patologia das doenças tropicais, além de discutir mecanismos de controle e prevenção, bem como pensar em informar e comunicar a sociedade. Os estudos das doenças tropicais contribuíram para descobrir que muitas doenças eram transmitidas através de vetores. Hoje o conceito da Medicina Tropical vai além da proteção do colonizador e colonizado. “Hoje a consciência é de que é preciso fazer Medicina Tropical para dar conta da necessidade das pessoas que vivem nessa área. Pesquisadores têm a compreensão de que trabalham para compreender melhor essas doenças, como é que elas são transmitidas, além de garantir ações que permitam maior controle e prevenção”, aponta. “Este trabalho precisa estar asso-



ciado ao contexto social. É preciso descobrir não só a doença em si, mas sim os determinantes sociais e ecológicos que podem estar por traz dessas doenças”, defendeu. São doenças consideradas Tropicais: doença de Chagas, Tripanossomíase africano ou doença do sono, Leishmaniose, Lepra (ou hanseníase), Filariose linfática, Malária, Cegueira oncocercose ou do rio, Esquistossomose, Infecções sexualmente transmissíveis, Coinfecção TB / HIV e Tuberculose.

Diretoria - Além de Mitermayer Galvão dos Reis, formam a nova diretoria: Aluisio Augusto Cotrim Segurado (vice-presidente); Selma Maria Bezerra Jerônimo (1<sup>a</sup> secretário); Sinval Pinto Brandão Filho (2<sup>o</sup> secretário); Cleudson Nery de Castro (1<sup>o</sup> tesoureiro); Luciano Pamplona de Goes Cavalcanti (2<sup>o</sup> tesoureiro), e pelos conselheiros fiscais Flávio de Queiroz Telles Filho, Marcos Boulos, Naftale Katz, Rivaldo Venâncio da Cunha e Wilson Duarte Alecrim.

Histórico - A Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (SBMT), fundada em 1962, tem o compromisso técnico-político de apoiar os órgãos públicos e particulares envolvidos no enfrentamento e controle de doenças tropicais, infecciosas e parasitárias, em várias frentes de apoio, respeitando as diretrizes do SUS. A Sociedade tem caráter multidisciplinar, albergando em seu quadro, profissionais de diferentes áreas da saúde, tais como entomologistas, epidemiologistas, parasitologistas, patologistas, imunologistas, biólogos, enfermeiros, farmacêuticos, médicos, ecologistas, engenheiros sanitários, pesquisadores, professores universitários entre outros. São doenças consideradas tropicais: doença de Chagas, leishmanioses, hanseníase, filariose linfática, malária, esquistossomose, infecções sexualmente transmissíveis, Coinfecção TB / HIV e Tuberculose.

Fonte: Ascom/Fiocruz Bahia  
10/08/2014

## PAULO COSTA LIMA TOMA POSSE NA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA

O compositor Paulo Costa Lima, educador e membro da Academia de Letras da Bahia, vai ocupar a cadeira de número 21 da Academia Brasileira de Música, que pertenceu ao jornalista e crítico musical Luiz Paulo Horta e teve como fundador o compositor Paulo Santoro. A data de posse do Acadêmico eleito ainda não foi definida e será na sede da ABM, no Rio de Janeiro.

A respeito do significado do ingresso na Academia Brasileira de Música, Paulo Costa Lima demonstrou satisfação. “A Academia é um lugar de referência para todos nós da música erudita. É uma casa de excelência para regentes e musicólogos, mas também com ênfase na composição. O ingresso é um reconhecimento do meu currículo e das minhas atividades”, aponta o acadêmico.

O compositor Paulo Costa Lima é baiano e iniciou os estudos de música em 1969, na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Graduou-se em Composição pela University of Illinois at Champaign-Urbana (USA), em 1977. É Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (1998) e em Artes pela Universidade de São Paulo (2000). Leciona Composição e Teoria da Música na graduação e pós-graduação da Escola de Música, onde atua como professor desde 1979.

Com sede no Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Música foi fundada em julho de 1945, seguindo o modelo da instituição francesa, pelo maestro Heitor Villa-Lobos. Atualmente 40 cadeiras compõem a ABM que escolhe seus membros através de eleições por proposição, em que os candidatos apresentam uma carta de intenção e o currículo.

Por Marília Marques

Fonte: <https://academiadeletrasdabahia.wordpress.com>

14/10/2014



MAURICIO BARRETO ELEITO PARA A ACADEMIA  
MUNDIAL DE CIÊNCIAS, THIRD WORLD ACADEMY OF  
SCIENCES (TWAS), MUSCAT, SULTANATO DE OMÃ

O seu último artigo, veiculado este ano na revista **The Lancet**, relaciona a redução da taxa de mortalidade infantil em um grupo de pessoas beneficiadas pelo programa Bolsa Família, do Governo Federal. O epidemiologista Maurício Barreto, docente e pesquisador do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA e ex-vice-presidente da Abrasco foi eleito esta semana para fazer parte do seletivo grupo de integrantes da Academia Mundial de Ciências. Ele é um dos 11 brasileiros que está entre os 52 novos indicados para a associação que promove o avanço da ciência em países em desenvolvimento. O pesquisador baiano, que é mestre em Saúde Comunitária pela UFBA e Ph.D em Epidemiologia pela Universidade de Londres tem um vasto currículo e já ocupou diversos cargos na universidade baiana. Barreto será um dos coordenadores, ao lado do professor Sebastião Loureiro, do V Seminário de Gestão de Tecnologia e Inovação em Saúde, que ocorrerá na próxima quinta (10) e sexta-feira (11), na Bahia. O evento vai reunir pesquisadores do Brasil, Reino Unido, Itália e Espanha e terá como tema a avaliação do impacto de intervenções na saúde das populações. O encontro, promovido pelo Instituto Nacional de Inovação e Tecnologia em Saúde, em parceria com o ISC já tem 20 palestrantes confirmados, dentre eles, a ministra do Desenvolvimento Social, Tereza Campello. “Pela primeira vez vamos debater no Brasil um tema que interessa a um conjunto de atores, pesquisadores, gestores, empreendedores, sociedades científicas e organizações sociais, importantes na formulação de Políticas Públicas para o Setor de Saúde”, antecipa o professor do ISC Sebastião Loureiro, que é um dos coordenadores do seminário.

Fonte: <http://www.abrasco.org.br/site/2013/10/mauricio-barreto-eleito-para-a-academia-mundial-de-ciencias/>  
08/10/14

## EDIVALDO M. BOAVENTURA É HOMENAGEADO EM LIVRO: UM CIDADÃO PRESTANTE

Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, Edivaldo M. Boaventura, também professor da Universidade Salvador (Unifacs) e Fundação Visconde de Cairu, além de escritor, entre outras atribuições, recebe uma justa homenagem na próxima terça-feira, 4 de novembro de 2014.

A iniciativa é do jornalista, poeta, compositor, professor e escritor Sergio Mattos, que lança neste dia, a partir das 18h30, na Reitoria da Universidade Federal da Bahia, no Canela, a obra *Um Cidadão Prestante, entrevista biográfica com Edivaldo M. Boaventura*. É uma publicação da Quarteto Editora com apoio da Universidade Federal da Bahia, além de ter o objetivo de preservar a memória de Edivaldo M. Boaventura, doutor em Direito e em Educação, integra as comemorações dos 80 anos do entrevistado, completados em 10 de dezembro de 2013.

No contexto da sociedade do espetáculo, em que todos querem ser celebridades, com méritos duvidosos, o livro honra a trajetória de Edivaldo, que, como lembra Mattos na introdução da obra, é “um intelectual produtivo e que sempre se fez presente, direta ou indiretamente, em todos os acontecimentos de relevância da Bahia nos últimos 60 anos”.

O escritor Sérgio Mattos e o biografado Edivaldo Boaventura, aliás, comungaram importantes experiências profissionais, entre as quais, no campo jornalístico, quando ambos conviveram na redação do **A TARDE**.

“Uma entrevista deste porte tem características próprias e definidas no objetivo final, o que exigiu tanto de mim como do entrevistado a checagem de datas, nomes e elaboração de um roteiro prévio. Dividi este livro, que chamo de entrevista biográfica, em seis partes, de modo a oferecer ao leitor um perfil do professor Edivaldo”, afirma Mattos.



“Conheço Edivaldo há mais de 40 anos, com quem trabalhei em várias instituições (UFBA, Secretaria de Educação e A TARDE), além de frequentarmos as mesmas instituições culturais da Bahia. Este conhecimento e convivência próxima não me deixaram dúvidas de que ele era e é uma pessoa especial e que merecia ser biografado”, complementa o entrevistador.

Foram oito meses de entrevistas (de julho de 2013 a fevereiro de 2014), mais uns dois a três meses para checagem de dados, até a elaboração do texto final, resultando no livro que tem apresentação do presidente da Academia de Ciências da Bahia, Roberto Figueira Santos, prefácio da professora da UFBA Zilma Parente de Barros e do poeta Luiz Antonio Cajazeira Ramos e posfácio de Leda Jesuino dos Santos.

#### ORGULHO DE SER PROFESSOR

Na entrevista, Mattos, em uma das perguntas, interroga a Edivaldo como gostaria de ser lembrado e este não titubeia. “Gostaria de ser lembrado como professor”, o que diz muito de Edivaldo, que teve uma vida dedicada à Educação.

“A sala de aula é meu palco e minha vida”, afirma Edivaldo, casado com Solange (formada em Línguas neolatinas), pai de Lídia (professora), Daniel Boaventura (ator e cantor) e Pedro Augusto (veterinário, falecido em 2002). “Fiquei feliz com este livro, que mostrou a trajetória de um menino do interior, Feira de Santana, até se tornar professor universitário”, conclui, modesto.

Por Eduarda Uzêda

Fonte: <http://atarde.uol.com.br/cultura/literatura/noticias/1636165-professor-edivaldo-boaventura-e-homenageado-em-livro>  
03/11/2014

## PORTUGAL, UM DENSO PAÍS

*Edivaldo Boaventura*



O acadêmico Edivaldo Boaventura apresentou seu livro Portugal um denso país, conduzindo todos os presentes por um passeio lusitano em Sessão Ordinária realizada no dia 14 de junho, às 17 horas, ambientada na sala de reuniões da Academia de Letras da Bahia.

“A cada viagem uma aprendizagem” disse o palestrante ao falar das cidades, curiosidades, patrimônios e especificidades das terras portuguesas. Ele associou alguns momentos do seu relato com os trechos dos relatos de viagens de Goethe à Itália em 1786 e de Saramago a Portugal na década de 1970.

O cônsul de Portugal, José Manuel Lomba, também prestigiou esse fim de tarde que se constituiu em um deleite para quem gosta de histórias narradas com arte e erudição.

Por Barbara Coelho

Revisão e autorização do acadêmico Carlos Ribeiro.

Fonte: <http://editoraquadreto.com.br/catalogo-livro-escolhido.php?livro=129>  
13/03/2014





3 . P r e s e n ç a   d a   A c a d e m i a  
d e   C i ê n c i a s   d a   B a h i a   e m  
E n t i d a d e s   C o n g ê n e r e s





Viga Gordilho – Série: Tempo gerúndio  
7 módulos: fotografia 6 e 7, pintura, fibras, conchas, ouro, prata e cobre. 20 cm X 14 cm. 2014



## ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO – ABE

A Academia Baiana de Educação realizou nesta terça-feira, nove de setembro de 2014, a sessão comemorativa pelos seus 32 anos de fundação. O evento foi aconteceu à noite, no auditório da Fundação João Fernandes da Cunha, tendo a participação do presidente da Academia de Ciências da Bahia, Dr. Roberto Santos. Da programação constaram atos administrativos e homenagens póstumas a vários acadêmicos.



## ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA - ALB

A Academia de Letras da Bahia inaugurou, na última quinta-feira, 18 de setembro de 2014, a placa em homenagem aos patronos de suas Cadeiras, no Salão Nobre Magalhães Neto. O evento teve como orador o acadêmico e ex-presidente Edivaldo M. Boaventura que destacou os principais aspectos da vida e da produção intelectual dos 40 patronos, dentre os quais estão grandes nomes das letras e da história da Bahia e do Brasil, a exemplo de Frei Vicente de Salvador (1567-1639), Gregório de Mattos e Guerra (1636-1696), Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), Junqueira Freire (1832-1855), André Rebouças (1838-1898), Castro Alves (1847-1871) e Francisco Mangabeira (1879-1904).

A iniciativa foi destacada pelo presidente da Academia, escritor Aramis Ribeiro Costa, como um registro de grande importância para a memória da instituição fundada em 7 de março de 1917. Em 2013, nesta mesma gestão, já havia sido inaugurada a primeira placa, com os nomes dos sócios fundadores. Outro passo importante, segundo o presidente, será a edição do Dicionário bibliográfico da Academia de Letras da Bahia a ser realizada até o centenário da instituição, em 2017.

Compôs a mesa, durante a cerimônia, a ex-reitora da UFBA Eliane Azevedo, os acadêmicos Myriam Fraga, Edivaldo M. Boaventura, Aramis Ribeiro Costa e Roberto Santos, a quem coube fazer o descerramento da placa sob os aplausos do público presente.

Fonte: <https://academiadeletrasdabahia>

## ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA (ALBA)

Foi reverenciada a memória, no ano de seu centenário de nascimento, bem como a vida e a obra de Rômulo Barreto de Almeida. Um pensador a frente de seu tempo e homem profundamente generoso, como conta o livro escrito por Antônio Jorge Moura.

Formado em Direito, professor e jornalista. Notabilizou-se como economista. O doutor Rômulo Almeida destacou-se como planejador do desenvolvimento industrial do Brasil – sob a ótica nacionalista. Depois de servir e criar a Assessoria Econômica da Presidência da República no final do primeiro período da era Vargas, ocupou cargos públicos relevantes desde os anos 50 do século passado, como a presidência do Banco do Nordeste e a vice-presidência da Rede Ferroviária Federal, que ajudou a criar integrando ramais públicos e privados (sem interligação) que existiam pelo país. Depois da redemocratização, no governo do presidente José Sarney, foi diretor do BNDES. Foi também um incentivador e formulador de opções para o desenvolvimento da América Latina, mas o cerne do seu trabalho teve como objetivo colocar o Brasil em outro patamar no concerto das nações. Visionário, pensou o Brasil ao lado de uma geração de “notáveis” economistas – pensamento que gerou empresas como – a Petrobras, a Eletrobras e o Banco do Nordeste.

Na Bahia foi o mentor do Desenbanco e do Polo Petroquímico de Camaçari, corolário do seu trabalho de planejador e formulador de uma ideologia nacionalista, desenvolvimentista. Mas Rômulo Almeida também atuou como empresário, criador de empresas e formulador de políticas para a indústria nacional, especialmente para o seu financiamento. Na política, foi opositor do regime militar de 64, filiando-se ao PMDB, partido que presidiu entre 1980 e 1983. Cidadão generoso, no campo partidário se candidatou duas vezes a vice-governador da Bahia, ao Senado Federal, no



pós-64. Nos anos 50 disputou uma cadeira de deputado federal, mas ficou na primeira suplência. Foi criador do centro de estudos do MDB (depois PMDB baiano), a Fundação João Mangabeira – sendo criador de seu centro de estudos.

## TRAJETÓRIA

Colaborador próximo do economista Rômulo Almeida no MDB e no PMDB, no Instituto João Mangabeira, Antônio Jorge Moura, é formado pela UFBA em Comunicação Social, com extensão em Comunicação Diálogo e Gestão Criativa de Conflitos. Começou a trabalhar no jornalismo baiano em 1973, atuando no Jornal da Bahia, Tribuna da Bahia, Correio da Bahia, nas sucursais do Globo e do Jornal do Brasil.

Trabalhou como assessor de comunicação social nas secretarias Infraestrutura e de Educação do governo estadual, bem como na Câmara Federal. Foi secretário-executivo da Fundação João Mangabeira, além de assessor de imprensa de duas campanhas majoritárias nos anos 80 do século passado, nas campanhas a governador do professor **Roberto Santos**, presente ao evento, e de Waldir Pires, em 1982 e 1986.

Fonte: <http://www.al.ba.gov.br/noticias>

## ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE MEDICINA - ABM

O professor Roberto Figueira Santos, convidado da Associação Bahiana de Medicina (ABM) para proferir a palestra “O que precisamos saber”. O tema tratou das consequências do processo, autorização e reconhecimento das escolas médicas no Brasil.

Roberto Figueira Santos formou-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1949. Nos EUA, especializou-se em clínica médica, em estágios sucessivos nas universidades de Cornell, Michigan e Harvard (1950-1953). Além de médico e professor, teve atividade política, tendo sido governador da Bahia, (1975 e 1979), foi presidente do CNPq, Ministro da Saúde e Reitor da UFBA.



## CENTRO DE PESQUISAS GONÇALO MONIZ (CPGM)

A Fiocruz Bahia iniciou suas atividades no Parque Tecnológico da Bahia. Com a inauguração da Plataforma de Tecnologias para o Sistema Único de Saúde (SUS), a instituição passa a integrar um projeto que pretende avançar, em sinergia, as bases para a inovação no estado. “Estamos no lugar certo para fomentar esta área, que também é nova na Fiocruz. Com o projeto m-ACS, vamos desenvolver soluções tecnológicas, com a utilização de tablets e aplicativos específicos, que atendam às necessidades dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e gerem informações importantes para o gerenciamento do sistema de saúde”, explicou o diretor Manoel Barral Netto, que fez a abertura da solenidade de inauguração, realizada no dia 12 de dezembro de 2014.

O projeto m-ACS, que foi apresentado pelo pesquisador Roberto Carreiro, é apenas a primeira iniciativa nesta área de tecnologia da informação e saúde. Para o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, o espaço físico da sala, de cerca de 80 metros quadrados, em que está instalada a Plataforma, indica parcialmente o desafio de todos os envolvidos no projeto. “Este é o começo de algo muito promissor para a pesquisa, o serviço e a gestão da saúde pública. Penso que é transformador mesmo pelo impacto que poderá produzir, principalmente quando inserido no contexto da inovação, que é uma meta constante da instituição”, acrescentou. A plataforma é fruto de um convênio entre a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia (Secti) e a Fiocruz. A iniciativa conta ainda com o apoio dos senadores Lídice da Mata e Walter Pinheiro.

Presente no evento, o senador Walter Pinheiro, autor da emenda constitucional que culminou na regularização da profissão dos ACS, ressaltou que os impactos do projeto nesta atividade, com o uso de tablets e outros dispositivos móveis, podem começar com

a digitalização dos dados dos relatórios de visitas, que hoje são gerados em papel. “São milhares de relatórios produzidos a cada dia pelos mais de 257 mil agentes no Brasil inteiro. A tecnologia tornará muito mais eficiente o processamento das informações”, destacou Pinheiro, o fato da plataforma poder ser associada ao supercomputador instalado no SENAI/Cimatec. O evento também contou com a **presença do ex-governador Roberto Santos**, e do coordenador executivo do Parque Tecnológico, Leandro Barreto.

Publicado em: 18/12/2014  
Fonte: Ascom - Fiocruz Bahia



## FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DA BAHIA (FAPESB)

A solenidade de premiação do Concurso Ideias Inovadoras da Fapesb concedeu prêmios de R\$ 15 mil mais consultoria da empresa Vilage Marcas e Patentes ao 1º Lugar; R\$ 10 mil para o 2º; e R\$ 5 mil para o 3º, em cada categoria. A inclusão de “Inventores da Economia Criativa”, resultado da parceria entre a FAPESB e a Secretaria de Cultura do Estado (SecultBA), compreende a importância do fomento à inventividade nos setores de patrimônio, expressões culturais, espetáculos artísticos, literatura, audiovisual, moda, design e publicidade. “Nós, representantes do Governo do Estado, já articulamos um programa chamado Bahia Criativa, do qual a Fabesp também participa. Temos conhecimento de que a área de Economia Criativa é importante e merece investimentos. Muitos acreditam que é a economia do século 21 e eu concordo”, afirmou o secretário estadual de Cultura, Albino Rubim.

A categoria recebeu um total de 16 propostas, da capital e interior, com inovações voltadas a áreas como cultura popular, artesanato, música, audiovisual, cultura digital e museus. “Os projetos exploraram novas ideias, que representam pequenos benefícios: um produto, um serviço, um processo, um método ou um sistema que não existia anteriormente, ou que tenha alguma característica nova e diferente”, explica a diretora de Economia da Cultura da SecultBA, Carmen Lima.

A avaliação levou em conta os critérios de originalidade, aplicação, impacto, diferenciação, mercado potencial e perfil do empreendedor ou equipe. Os vencedores do Concurso apresentaram ideias que abordam diversos aspectos da inovação, como o técnico, no emprego de materiais alternativos ou formas mais baratas de produção; de gestão ou produção, com ferramentas ad-

ministrativas ou de apoio à produção; e de distribuição, em novas plataformas e estruturas de acesso à produção cultural, dentre outros.

Fonte: Ascom/SECULT-BA



## INSTITUTO BAHIANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA E CIÊNCIAS AFINS – IBHMCA

O Instituto de História da Medicina e Ciências Afins – IBHM-CA realizou seis conferências no decorrer do ano de 2014, tendo o Prof. Roberto F. Santos comparecido a duas, a saber:

1 “ A Medicina desde a época do Brasil Colonial e a história do ensino da medicina na Bahia de 1808 a 1908” - Parte I.

*Antonio Carlos Nogueira Britto (conferencista).*

2 “ A Medicina desde a época do Brasil Colonial e a história do ensino da medicina na Bahia de 1808 a 1908” - Parte II.

*Antonio Carlos Nogueira Britto (conferencista).*

# INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA (IGHB)

120 ANOS DO IGHBA EM 2014

Fundado em 1894, o IGHBA, a Casa da Bahia, comemora neste ano de 2014 120 anos de atividades ininterruptas. A partir de 2 de julho de 1923, Bernardino José de Souza, secretário-perpétuo, o sediou no edifício-monumento, construído para assinalar o centenário da Independência do Brasil na Bahia. Somamos, portanto, 120 anos de serviço à história e à tradição, que é um forte sentimento da nação baiana.

Anterior ao IGHBA houve o Instituto Histórico da Bahia, criado em 3 de maio de 1856, que perdurou até 1877. Uma tentativa provincial, não provinciana, de seguir o exemplo da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838. Informa Aldo José Morais Silva (2012, p.99), em sua tese sobre origens e estratégias de consolidação institucional, que esse antecedente, matizado de cores monárquicas, teve funcionamento incerto com atividades exíguas. O Instituto Histórico Provincial, assim chamado, estava ligado ao arcebispo primaz, Dom Romualdo Antônio de Seixas.

A situação presente do Instituto é de pleno vigor e determinação sob o comando da presidente Consuelo Pondé de Sena. Na previsão de significativas realizações, projeta-se a criação do Memorial do Dois de Julho com os caboclos, símbolos patrióticos e indianistas, misticamente consagrados. Nada representa tão bem a Bahia quanto o caboclo no século XIX. É expressão do sentimento religioso do povo. O caboclo é a ressignificação do índio.

Ao longo dos anos, o Instituto tem sido um importante instrumento de proteção e preservação das nossas tradições, destacando como símbolos maiores as imagens do caboclo e da



cabocla. É o Instituto que as guarda e as entrega solenemente para o desfile cívico-popular, na data maior da Bahia, o Dois de Julho. Tomam parte no préstito o governo, as forças armadas, as representações políticas, as etnias afrodescendentes, os estudantes e o povo em geral. Festa cívica e popular, de ampla composição dos diversos segmentos da nação baiana, perfeitamente, concertada com a pátria brasileira. Dois de Julho é uma festa verde e amarela combinada com o azul, vermelho e branco, as cores da Bahia.

Há muito que o caboclo passa do imaginário cívico para o religioso. A Bahia se encontra, assim, entre as emblemáticas figuras do caboclo, herança do romantismo indianista do século XIX, e do negro, em vertiginosa ascensão social, econômica, política e religiosa. Na trajetória das tradições, o Dois de Julho é a chave de entrada no Instituto. Concordamos plenamente com a presidente que todo povo tem direito à sua história e a tradição que o identifica (RAMOS, 21 mar. 2014).

## NÚCLEO DE CIÊNCIA, CULTURA E FÉ – NCCF

O Professor Roberto F. Santos compareceu e colaborou nas discussões nos seguintes eventos promovidos pelo Núcleo de Ciência, Cultura e Fé no decorrer do ano de 2014.

Conferência: **Didática e Ética de Jesus**

*Eliane S. Azevedo*

Conferência: **Escuta: razão e coração**

*Edivaldo Boaventura e Emanuel Nonato*

Conferência: **Espiritualidade Câncer**

*Rodrigo Guindalini*

Conferência: **Flávio Josefo**

*Antonio Carlos Nogueira Britto*

Conferência: **Os Puritanos e a Ciência**

*Amilcar Baiardi*

Conferência: **Influência do Cristianismo no ordenamento jurídico**

*Consuelo Medauar*

Conferência: **Religião e Arquitetura**

*Pasqualino Magnavita*

Conferência: **Hinduísmo**

*Célia Leal Braga*

Conferência: **Teilhard de Chardin: um depoimento pessoal**

*Dom Murilo Krieger*

Conferência: **Cristianismo**

*José Luiz Mattos*

Conferência: **Evolução: mitos, filosofia e ciência**

*Eliane S. Azevedo*

Conferência: **Jerusalém: história e mística**

*Ernane Gusmão*



O Núcleo de Ciência, Cultura e Fé, coordenado pela Dr<sup>a</sup> Eliane Azevedo é um espaço aberto ao diálogo entre ciência e religião, com acolhimento à participação de adeptos a qualquer religião, ateus e agnósticos. Tem como objetivo aproximar pessoas dedicadas a atividades acadêmicas, científicas e culturais com interesse em compartilhar reflexões sobre questões de fé. O NCCF tem por lema “o que nos une”.

## UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)



Foto: Posse do reitor João Carlos Salles

A comunidade acadêmica, representantes de vários segmentos da sociedade, parlamentares e autoridades políticas lotaram o Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, no começo da noite desta segunda-feira (08/09/2014), para assistir à cerimônia de transmissão do cargo de reitor da UFBA ao professor João Carlos Salles Pires da Silva, nomeado pela Presidente da República, Dilma Rousseff, e já empossado pelo Ministro da Educação, José Henrique Paim, no último dia 21/08, em Brasília.

Em verdadeiro clima de celebração, os presentes participaram ativamente da solenidade, cantando com emoção o Hino Nacional, aplaudindo e saudando a entrada do cortejo reitoral, composto pelos Reitores João Carlos Salles, Dora Leal Rosa, Roberto Santos, Eliane Azevedo e Germano Tabacoff, as apresentações dos novos pró-reitores e as palavras proferidas nos discursos da reitora Dora Leal e do novo Reitor João Carlos.

Com rápidas e emocionadas palavras, a Reitora Dora Leal agradeceu o apoio manifestado durante sua gestão e lembrou o crescimento alcançado mediante a aplicação dos recursos do Programa REUNI. Ao entregar o cargo mediante o repasse simbólico da borla reitoral (artefato de lã para pôr na cabeça) para o novo



Reitor, a professor Dora desejou maiores realizações para a gestão do professor João Carlos que se estenderá até o ano de 2018.

Ao final da solenidade, o Reitor João Carlos Salles saudou o público ávido por ouvir suas primeiras palavras após a posse e, especialmente, ao vice-reitor eleito, professor Paulo Miguez. Salles propôs uma reflexão sobre “a UFBA que queremos”. Ele destacou para a necessidade de trabalhar pela afirmação de uma universidade autônoma, autêntica e comprometida com a produção do conhecimento com independência. O Reitor também destacou a necessidade de definir os interesses maiores da comunidade acadêmica, olhando para o presente com a expectativa do futuro, abrindo o cenário para, no ano de 2015, realizar o Congresso da UFBA cujo objetivo é afirmar a Universidade como espaço democrático de criação.

Fonte: <https://www.ufba.br/noticias>

## 4 . E n t r e v i s t a s





Viga Gordilho – Série: Tempo gerúndio  
7 módulos: fotografia 4, pintura, fibras, conchas, ouro, prata e cobre. 20 cm X 14 cm. 2014



REVISTA BAHIACIÊNCIA  
ENTREVISTA ROBERTO FIGUEIRA SANTOS  
UM LÍDER DE CONCRETAS CRIAÇÕES



*Roberto Figueira Santos*

Ao falar de seu trajeto, da pesquisa na área médica às altas esferas da política, o ex-governador reflete sobre a construção do Brasil contemporâneo e desvela uma Bahia fundamental na formulação de futuros. Um senhor de notável elegância em suas roupas bem cortadas segura com naturalidade na mão direita a bengala que lhe dá apoio na caminhada. É fácil notar a seguir seu sorriso afável com vocação para tornar-se caloroso riso aberto e eventualmente se transmutar em sonora gargalhada, as palavras leves e bem medidas que capturam delicada e rapidamente a atenção do interlocutor, e o intenso azul das íris espantosamente cristalinas por trás dos óculos que não conseguem barrar uma singular mistura de acuidade, inteligência, autoridade e determinação do olhar. Toda a *Gestalt*, digamos assim, ali apresentada de chofre, sugere que se está diante de um líder formado para se exercer como tal por toda a vida.

Roberto Figueira Santos, é ele o personagem, 88 anos a serem completados em 15 de setembro próximo, é, entre outras qualificações, uma referência viva sem competidores quando se trata



do tema da produção do conhecimento científico e tecnológico na Bahia. De todo modo, sua rica e multifacetada biografia permite que se tome, ao gosto de cada um, uma multiplicidade de pontos de partida na intenção de apresentá-lo. A seu próprio juízo, por exemplo, duas construções marcam mais profundamente que outras seu trajeto pela vida e pelo mundo: primeiro, ter formado novas gerações de médicos, “instilando neles o gosto pela pesquisa científica”; em segundo lugar, “haver gerado e iniciado a formação de meia dúzia de baianas e baianos, também brasileiras e brasileiros, que por sua vez estão gerando outras e outros que irão enfrentar o futuro que a Deus pertence”. É uma forma de enfatizar com inegável graça seus papéis de mestre e de pai atento e amoroso de 6 filhos, ou, se preferirmos ainda, seu exercício essencial de líder nas esferas intelectual, educativa e afetiva.

Originário de uma tradicional família da elite baiana, filho do fundador da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Edgard Rego dos Santos, e de Carmen Figueira Santos, casado por cerca de meio século com Maria Amélia Menezes Santos, de quem ficou viúvo em 2010, Roberto Santos foi reitor da UFBA, governador da Bahia, presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ministro da Saúde, entre outras funções proeminentes que exerceu. Ocupou cargos políticos relevantes nos anos da ditadura mantendo-se ao largo e na ignorância, ressalta, dos métodos violentos adotados pelo regime militar para esmagar toda e qualquer oposição ou contestação. Transitou para a redemocratização ao lado de Tancredo Neves, atuando na formação do Partido Popular, integrou-se adiante ao PMDB, posteriormente ao PSDB, e tem uma interlocução tranquila e aberta com o governador Jacques Wagner e outros políticos do PT. Não são poucos, na verdade, os admiradores e amigos de Roberto Santos que estiveram em campo oposto àquele em que se dava sua ação política e administrativa em muitos momentos do passado.

Culto, a curiosidade intelectual estendida sobre amplos domínios, sempre às voltas com a leitura em paralelo de pelo menos três diferentes livros e ardoroso devorador de boas biografias, sua formação de pesquisador científico da área médica foi sólida e sofisticada. Ela incluiu três anos nos Estados Unidos, especialmente no Massachusetts General Hospital da Universidade Harvard, onde trabalhou com temas então de ponta do metabolismo hidromineral humano e, entusiasta da aventura do conhecimento, não viu problema em fazer-se cobaia de um pequeno experimento — o que minimiza sob a ponderação de que isso era muito comum na época. Adiante, Inglaterra, Alemanha e França entrariam no circuito de sua formação contínua.

Roberto Santos, com todo o seu conhecimento do campo, tem uma visão crítica aguda do processo de desenvolvimento científico no Brasil, onde vê largamente a emergência de uma ciência que apenas faz acréscimos ao conhecimento já estabelecido, é pobre em ideias inovadoras e em sua articulação com o processo de inovação no setor produtivo. Uma chave central para transformar isso, em sua visão, sempre esteve no âmbito da educação, e não é gratuito, assim, que sua criação mais recente, a Academia de Ciências da Bahia, fundada em 2010 e da qual é presidente, tenha na educação das crianças para a ciência um norte fundamental.

A entrevista a seguir, concedida especialmente para a *Bahiaciência*, aprofunda algumas questões abordadas 10 anos antes para a revista *Pesquisa Fapesp* ([revistapesquisa.fapesp.br/2004/11/01/observacoes-de-um-espectador-engajado/](http://revistapesquisa.fapesp.br/2004/11/01/observacoes-de-um-espectador-engajado/)) e trata de forma sintética temas mais largamente esmiuçados em uma série de conversas gravadas em 2012 e 2013 (e que deverão ter em breve aproveitamento adequado). Registre-se a propósito que, a par de outras características que o tornam a personalidade que é, com sua poderosa coerência e humanas contradições, o professor Roberto Figueira Santos domina como poucos a arte de narrar histórias e conversar descortinando mundos para o interlocutor.



## **Vamos começar pela Academia de Ciências da Bahia. Como foi criar essa academia em 2010?**

O que me levou a cogitar a criação de uma Academia de Ciências na Bahia foi uma motivação de várias décadas: contribuir para maior evidência da participação dos institutos básicos dentro da universidade. Uma retrospectiva histórica permite esclarecer melhor essa questão.

## **Antes da retrospectiva, o senhor nos diria como funciona a instituição?**

A Academia está com 54 membros, todos pesquisadores em algum ramo da ciência. Aos poucos constituímos também um grupo com personalidades da filosofia e das artes, e isso nos levou, em seguida, à formação de novos grupos. Por exemplo, o tema do ensino das ciências no nível fundamental despertou muito interesse, e formou-se um grupo a esse respeito. Tomou corpo no Brasil ultimamente a ideia de que o país tem pouco trabalho que represente inovação em comparação ao que aconteceu com a produção científica. Medida em publicação de artigos em periódicos e livros, esta cresceu muito. O número de patentes resultantes de ideias inovadoras que tiveram sucesso em empreendimentos econômicos é muito menos frequente que o número de pesquisas em ciência que apenas complementam trabalhos já feitos e que não representam, portanto, avanço. Assim, entendemos que para o Brasil se tornar mais inovador na pesquisa científica é preciso que a formação do futuro cientista nesse sentido inovador ocorra desde os primeiros tempos de escola, quando se pode incutir num grande número de brasileiros a vontade de inovar. E então, quando eles chegarem à idade de trabalhar com a aplicação

dos princípios científicos, teremos uma chance maior de ver aparecerem ideias verdadeiramente inovadoras.

### **Por que é difícil que as ideias verdadeiramente inovadoras ganhem corpo?**

Se olharmos para a pesquisa no ambiente baiano, vemos que uma criatividade muito grande logo se manifestou no campo das artes – da música, da dança, do teatro e de outras expressões da atividade artística – e que ela não foi tão intensa no campo das ciências, embora tenhamos, sobretudo na área de saúde, alguns pesquisadores que se destacaram. Nos anos 50 do século XIX, entre 1856 e 1857, surgiu na Bahia a primeira revista científica, a *Gazeta Médica da Bahia*, que perdurou por várias décadas, depois foi interrompida, atravessou uma segunda fase de publicação e sofreu depois uma nova interrupção. Assim, a pesquisa em saúde foi precoce, especialmente em virtude da projeção da nossa Faculdade de Medicina desde o começo dos oitocentos. Os números da *Gazeta Médica da Bahia*, hoje digitalizados e disponíveis na internet, mostram que muitos dos primeiros pesquisadores descreveram doenças incidentes na Bahia antes descritas em outros lugares — portanto, eram pesquisas não tão inovadoras. Mas um deles, [Manuel Augusto] Pirajá da Silva, sustentou por meio de trabalhos realmente inovadores uma intensa polêmica com alguns tropicalistas internacionalmente reconhecidos sobre a espécie de schistosoma que existia na Bahia. Eles entendiam que se tratava apenas de uma variedade do que já tinha sido descrito no Egito enquanto Pirajá da Silva sustentou que eram duas espécies diferentes: o *Schistosoma japonicum* e o *Schistosoma mansoni*, muito espalhado na Bahia. Por muito tempo aqui era comum se encontrar, nos hospitais que recolhiam os doentes mais graves, pacientes com a forma avançada da



esquistossomose desse segundo tipo, incidente com muita frequência no sistema porta da circulação que atinge o fígado. E era igualmente frequente um tipo de cirrose resultante dessa hipertensão portal, que levava inclusive à hematemese, vômito de sangue. Isso já não é visto com tanta frequência nos hospitais, embora a incidência de *Schistosoma mansoni* continue bastante alta no estado, mesmo na vizinhança de Salvador. Mas ela vem sendo tratada em suas fases iniciais e as pessoas estão comendo melhor, então há provavelmente um fator nutricional associado à redução notada.

### **A Academia de Ciências da Bahia foi criada com o apoio da Federação das Indústrias do Estado da Bahia, a Fieb. Como está hoje essa articulação?**

Inauguramos a Academia na sede da Federação das Indústrias da Bahia (Fieb). Seu presidente era José de Freitas Mascarenhas, um grande realizador que teve a seus cuidados, nos anos 1970, a organização do Polo Petroquímico de Camaçari, de enorme importância para o estado. Na verdade, o Polo seguiu desempenhando pelos anos afora seu papel transformador na economia baiana, uma vez que, a partir do complexo petroquímico, surgiram várias outras indústrias que transformaram Camaçari num polo industrial muito mais abrangente. O modo como a Fieb foi conduzida até recentemente resultou na criação do Cimatec [Centro Integrado de Manufatura e Tecnologia], que tem levado adiante a modernização dos equipamentos destinados ao aproveitamento da ciência na indústria. Sob a gestão de Mascarenhas foram instalados, por exemplo, o Instituto Brasileiro de Robótica e três supercomputadores no complexo Senai Cimatec, dois deles com apoio da Petrobras, que são os de maior capacidade de processamento da América do Sul. O Cimatec começou formando artesãos

e técnicos no nível secundário de educação e cresceu a ponto de criar uma Faculdade de Engenharia e até implantar mestrado e doutorado nas áreas científicas. Houve muita colaboração entre a Academia e a Federação.

### **Como a Academia apresenta os resultados de seu trabalho?**

Publicamos três livros de memórias, um por ano, e um quarto está sendo preparado para sair no começo de 2015. Neles se tem uma visão das atividades da Academia: as palestras, em sua maioria proferidas por acadêmicos convidados das áreas dos setores básicos do conhecimento, e os simpósios e seminários. Tema de grande evidência, como a ética na ciência, já mereceu a publicação de um livro [*ver resenha na página 73*] com a participação de vários membros da Academia.

### **Poderíamos passar à retrospectiva histórica a que o senhor se referiu no começo?**



Sim. Durante mais de 300 anos, desde o descobrimento do Brasil, a Metrópole Portuguesa impediu a criação de universidades em seu território. O assunto só foi acolhido pela Corte Portuguesa quando o regente Dom João chegou ao Brasil, em 1808. E só em 1934 surgiria a primeira universidade no país, a Universidade de São Paulo (USP). Não bastasse essa carência, foi muito reduzido o número de profissionais que frequentaram escola superior na

Europa e vieram para cá. Assim, houve grande escassez de profissionais de nível superior no Brasil ao longo dos referi-

dos 300 anos. Por isso as primeiras escolas superiores aqui formadas se destinaram a suprir essa falta. Em 1808 foram criadas as primeiras escolas na área da saúde – a de Cirurgia no Real Hospital Militar da Bahia em fevereiro, enquanto a família real estava em Salvador, e em novembro a de Medicina no Rio de Janeiro, que era desde 1763 a sede do governo central da colônia. Pouco depois se formaram as duas primeiras Faculdades de Direito, uma em Olinda e outra em São Paulo. E, mais tarde, criou-se no Rio de Janeiro a Escola Central do Exército, destinada a formar militares, porém oferecendo cursos equivalentes aos de uma escola politécnica. Todas ofereciam o ensino dos setores básicos do conhecimento necessários à compreensão das práticas necessárias ao futuro profissional e, em seguida, no mesmo currículo, as disciplinas profissionalizantes. Isto perdurou ao longo do século XIX e na maior parte do século XX, quando todas as escolas criadas no Brasil tiveram esse feitio. Houve várias tentativas de criação de universidades desde o século XIX, que não foram adiante. Em 1934 o governo do Estado de São Paulo criou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e, na mesma época, a Universidade de São Paulo (USP). Por acaso isso se deu numa época propícia à vinda de personalidades mundiais de excepcional valor, em razão das perseguições aos israelitas na Alemanha nazista de Adolf Hitler e na Itália fascista de Benito Mussolini. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo formou professores para o ensino básico e iniciou a formação de pesquisadores nos setores básicos do conhecimento (matemática, física, química, geociências, ciências humanas, letras, filosofia), o que teve importância decisiva na educação superior no Brasil. Outras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras foram implantadas em vários estados, nas quais era ministrado o ensino e se realizavam pesquisas nas disciplinas referentes aos citados setores básicos do conhecimento.

A seguir, em algumas cidades do Brasil, foram implantadas universidades pela aglutinação de faculdades até então isoladas. As universidades da Bahia e de Pernambuco datam de 1946.

### **A da Bahia com seu pai, o professor Edgard Santos, à frente do processo.**

Exatamente. Ele foi fundador e primeiro reitor de nossa primeira universidade federal. Mas houve um precursor, na pessoa de Ernesto Souza Campos, professor de microbiologia da USP, que tinha o título de doutor em medicina preventiva pela famosa Universidade John Hopkins. O professor Gustavo Capanema, que ocupou o cargo de Ministro da Educação no governo Vargas, valeu-se muito do professor Souza Campos como assessor de altíssimo nível para as iniciativas nas áreas acadêmicas ligadas à saúde, inclusive quando da criação do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Bahia, hoje Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES). O Professor Souza Campos foi trazido à Bahia em 1935, quando meu pai era diretor da Faculdade de Medicina, e se tornou, desde então, um profundo conhecedor da situação do ensino superior na Bahia. A pedra fundamental do Hospital das Clínicas foi lançada em 1938 e só 10 anos mais tarde ocorreu a sua inauguração.



### **Há um fio que liga esse processo à sua motivação para criar a Academia de Ciências da Bahia?**

Sim, o meu entendimento sobre a formação do ensino superior no Brasil. Considero um problema fundamental que as escolas superiores destinadas a formar profissionais, mesmo depois da constituição das universidades, tenham continua-

do a abrigar o ensino dos setores básicos do conhecimento, juntamente com o das disciplinas referentes às práticas das profissões que exigem nível superior de educação. Assim, na Bahia, por exemplo, havia cátedras de matemática na Escola Politécnica e outras nas Faculdades de Arquitetura, Economia, e mais outras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Dessa forma, as cátedras de matemática eram distribuídas em várias faculdades e não adquiriram massa crítica para a pós-graduação *stricto sensu* (títulos de mestre e doutor) nem para a formação de pesquisadores e a realização de atividades de pesquisa. O mesmo se aplicava à física, à química, à biologia básica, às geociências, às ciências humanas e às letras.

### **Mas essa era, na verdade, uma condição geral do ensino superior no país, não?**

Sim, todas as universidades federais sofreram com o atraso nos setores básicos do conhecimento. A primeira mudança a esse respeito nasceu na Universidade de Brasília (UnB), concebida sob a orientação de Anísio Teixeira, um baiano, e de seu discípulo Darcy Ribeiro. Não havia, pela forma como fora concebida a construção da nova capital do país, faculdades isoladas que viessem a ser aglutinadas para formar a universidade local. Anísio e Darcy a idealizaram, então, desde o seu início, com a implantação de unidades responsáveis pelo ensino e a pesquisa nos setores básicos do conhecimento. Assim começou a UnB a funcionar em 1961. Mas poucos anos após, em 1964, ocorreu a grave crise política, da qual resultou a implantação do governo militar, com profundos reflexos na recém-criada UnB. Assim, a concepção original da estrutura desta instituição foi sofrendo alterações. Pouco depois, no Conselho Federal de Educação (CFE), alguns conselheiros, inclusive Walmir Chagas e Newton Sucupira, entre outros que

havam conhecido a estrutura originariamente proposta para a UnB, concentraram-se sobre o tema da reformulação das universidades brasileiras a partir daquele modelo inovador. Eu fazia parte daquele Conselho ao apreciar o assunto, que era então presidido por Deolindo Couto, professor de neurologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), uma grande personalidade, dono de uma inteligência fora do comum. Era ele amigo íntimo de Luiz Vianna Filho, então ministro da Casa Civil do presidente [Humberto] Castello Branco, e essa relação facilitou a assinatura por Castello Branco dos dois decretos-leis que, pelo destaque dado aos setores básicos do conhecimento, representaram a grande reforma nas universidades federais do Brasil: o 53, de 1966, e o 252, do começo de 1967. Conto toda essa história porque houve nas universidades quem esquecesse, talvez propositadamente, esses dois decretos-leis por considerá-los leis do governo militar. Mas sua origem era outra. Eles favoreceram o avanço das universidades e foram esquecidos em favor de outros decretos-leis, atribuídos aos acordos MEC-Usaid [convênios de cooperação técnica assinados entre o Ministério da Educação brasileiro e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional], cujo pessoal não chegou a se reunir, e não teve efeito nenhum.



### **Mas se tratava de uma luta política, não é?**

Sim, era uma luta política. Logo depois que entraram em vigor os dois decretos-leis, no final do governo Castello Branco, fui eleito e nomeado reitor da UFBA. Pouco antes eu fora escolhido por Luiz Viana, então indicado para o governo da Bahia, para ser secretário da Saúde do estado. Assumi a Secretaria em 7 de abril de 1968 e fiquei no cargo durante menos de três meses, devido à minha nomeação para a reitoria.

## **Gostaria que o senhor abordasse, antes de sua gestão como reitor da UFBA, sua trajetória de pesquisador.**

Logo depois de formado em medicina, fui em 1950 para os Estados Unidos com uma bolsa da Fundação Kellogg, e lá permaneci por três anos. Tive a oportunidade de fazer uma adaptação da medicina de influência francesa que havia aprendido na Bahia, para o estilo de ensino e o exercício da profissão com a orientação anglosaxã, especialmente norte-americana. Depois de seis meses dessa adaptação na Universidade Cornell, fui para a Universidade de Michigan, em Ann Arbor, onde trabalhei como residente no hospital da universidade. No final desse período fui para o Massachusetts General Hospital, em Boston, na Universidade Harvard, onde estava o máximo da pesquisa médica nos Estados Unidos. O Massachusetts General Hospital funcionava em terreno onde havia então 13 pavilhões, alguns dedicados só à pesquisa médica. Fui para aquele onde estava começando a funcionar o Laboratório de Metabolismo Hidromineral, chefiado pelo professor Alexander Leaf [1920-2012]. Ele saíra do famoso laboratório do professor Fuller Albright [1900-1969], que cuidava, sobretudo, do metabolismo de fósforo e cálcio no sistema ósseo, e começara pesquisas sobre água, sódio e potássio no novo laboratório, cujo equipamento principal foi o fotômetro de chama, posteriormente industrializado e que facilitava enormemente a dosagem de sódio e de potássio nos vários líquidos do organismo humano, incluindo sangue e urina. Fiz aí minha iniciação em pesquisa médica de elevado nível. Entre outros temas, Leaf estava então trabalhando com o que na época se chamava, abreviadamente, de “receptores de volume”.

## **Como estudante na Bahia, o senhor pesquisara algo nesse campo?**

Não, o metabolismo hidromineral como objeto de pesquisa sofisticada estava apenas começando. Era já bem estabelecido que as pequenas variações da pressão osmótica do sangue, regulada principalmente pelo sódio do organismo, resultavam em alterações do hormônio antidiurético secretado pela hipófise, ou seja, era importante fator de regulação na liberação do pitressin. Mas suspeitava-se de que o conteúdo líquido do organismo também tivesse influência sobre tal regulação. Por isso procuravam-se os “receptores de volume”, que se imaginava ser de regulação muito mais lenta e menos exata do que as variações da pressão osmótica. Trabalhei mais de perto sobre isso e por orientação do professor Leaf, para identificar melhor a desidratação que resultava na diminuição do volume, me internei na enfermaria metabólica do Massachusetts General Hospital. Ali me submeti experimentalmente a uma desidratação que resultou numa variação de volume e tornou claro, por meio da medição do sódio na urina, que havia realmente essa regulação pelo volume do conteúdo líquido do organismo, embora fosse um mecanismo mais lento e menos preciso do que o da variação da pressão osmótica.



## **O senhor foi então objeto de sua própria pesquisa?**

Sim, junto com um colega inglês que trabalhava no mesmo laboratório, sob a orientação do professor Leaf, e que também se submeteu a experiência semelhante. E tudo isso depois foi publicado num artigo cujos autores eram Leaf e colaboradores.

## **Resumindo, quais são as principais conclusões desse artigo?**

Que existem realmente os receptores de volume regulados pelo conteúdo líquido do organismo e que influenciam a liberação do pitressin, o hormônio antidiurético da hipófise.

## **Onde se encontram esses receptores?**

Sobretudo no segmento cefálico do corpo, provavelmente na vizinhança da própria glândula hipófise. Tinha sido publicado um primeiro artigo no *Journal of Clinical Investigation*, sob o título “Evidence in man that urinary electrolyte loss induced by Pitressin is a function of water retention”.

## **É outro artigo que leva sua assinatura.**

Outro sobre o mesmo tema que assino como coautor. O primeiro autor é o professor Leaf. Depois, já na Bahia, fiz uma tese de doutoramento trabalhando com a literatura por mim levantada em torno do assunto e com a demonstração mais minuciosa dos vários exames feitos durante a experiência da ação dos receptores de volume. Havia, até 1929, uma tradição de exigência das teses de doutoramento na Faculdade de Medicina para o exercício da profissão. Depois essa tradição foi abandonada e essas teses passaram a constituir apenas uma forma de desencadear a carreira universitária, como foi o meu caso.

## **Na tese foi possível agregar dados locais aos achados da pesquisa em Harvard?**

Fiz experiências em torno do metabolismo hidromineral como aprendera em Harvard, mas com material baiano, de-

pois da tese de doutoramento. Com isso, elaborei durante dois anos a tese submetida ao concurso para a docência livre da Clínica Propedêutica Médica, cujo título é “A prova de tolerância a água nas hepatopatias crônicas”. Havia no Hospital das Clínicas muitos pacientes com aquele quadro a que me referi da esquistossomose avançada, cirrose hepática e desnutrição, com conseqüente hipertensão no sistema portal, que resultava em vômitos de sangue e terminava com óbito do paciente. Estudei, então, o metabolismo hidromineral dos portadores de hepatopatias crônicas, com e sem ascite [barri-ga d’água] e edema. Para isso submeti à prova da tolerância a água três grupos distintos. Ou seja: a) pessoas jovens e saudáveis, b) portadores de hepatopatias crônicas sem ascite nem edema, e c) portadores de hepatopatias crônicas com ascite e edema. A principal conclusão foi de que nos pacientes do terceiro grupo existiam fatores que levavam à retenção primária de água, somada à que deve ocorrer secundariamente à retenção do sódio. E essa prova de tolerância a água tanto serviu de matéria para o concurso como foi objeto de publicações, uma delas no sofisticado *Journal of Clinical Investigation*. Mais tarde fiz uma outra série de estudos que serviu para a minha tese de cátedra, sob o título “Da regulação renal e extra-renal do equilíbrio ácido-básico”. A tese foi objeto de publicações em jornais internacionais, como o *Journal of Clinical Investigation* e o *American Journal of Physiology* (“*Extra-renal action of adrenal glands on potassium metabolism*”), ambos muito exigentes na aceitação das matérias.



**Seu trabalho com função renal, metabolismo hidromineral, regulação do sódio etc., sempre lidou com a fisiologia do corpo humano?**

Fisiologia clínica, muitas delas experiências feitas no ser humano. A tese submetida ao concurso para a cátedra de clínica médica, por exemplo, tomou por base dois trabalhos referentes ao metabolismo hidromineral. Um deles tratava da regulação renal do equilíbrio ácido-básico e resultou de experiências realizadas em pessoas saudáveis para pôr à prova a hipótese de que a depleção sódica [perda de sódio] seria o estímulo essencial para o aumento da excreção urinária de amônia resultante da ação de sais ácido-formadores. A conclusão das experiências-testemunho em seis adultos normais foi que o aumento da excreção renal de amônia em resposta ao uso de sais ácido-formadores, em vários dias consecutivos, não resulta necessariamente no estado de depleção sódica. O segundo trabalho refere-se à regulação tecidual do equilíbrio ácido-básico. Alguns autores negam e outros admitem a influência dos hormônios das suprarrenais sobre a permeabilidade ao potássio das células do organismo em seu conjunto. Eu queria conhecer melhor o mecanismo de ação desses hormônios e os fatores que influenciam o transporte de íons através da membrana celular, diante de perturbações do equilíbrio ácido-básico. Para isso pesquisamos em animais adreno-privos [sem função da suprarrenal], com a supressão da função renal, se a resposta a sobrecargas ácidas e alcalinas estaria ou não modificada. Realizamos experiências em cães submetidos a nefrectomia bilateral [extração dos rins] quando ainda em situação de normalidade e em outros previamente adrenalectomizados [com as glândulas suprarrenais extirpadas]. A conclusão dessas experiências mostrou que, suprimida a função renal no cão, os produtos das suprarrenais

não exercem influência sobre as relações entre as alterações do equilíbrio ácido-básico do líquido extra-celular e a permeabilidade ao potássio da membrana das células do organismo em seu conjunto. Nos trabalhos então realizados, na parte que envolveu seres humanos, assim como tinha ocorrido comigo no estudo em Harvard, alguns alunos de Medicina que se prestaram a experiências ainda hoje se lembram disso com muita alegria.

### **Isso não levava problemas éticos à pesquisa?**

As experiências não ofereciam riscos, perigos reais. Tudo era levado até certo ponto, de modo que não causassem perturbações metabólicas.

### **Em sua experiência no Massachusetts, por quantas horas o senhor ficou desidratado?**

Não foi um processo implantado subitamente em poucas horas. Durou três ou quatro dias, foi gradual, com uma dieta muito cuidadosamente feita pelas supernutricionistas e enfermeiras da Enfermaria 04, chefiada pelo professor Albright. Ele era uma figura extraordinária, um homem ainda relativamente jovem com um parkinsonismo muito avançado. Vejo o livro dele sobre fisiopatologia de cálcio e fósforo no metabolismo ósseo como uma das coisas mais bonitas de toda a literatura médica. Em sua enfermaria sempre trabalhavam em regime de rodízio três ou quatro estudantes e, justamente por causa de seu problema de saúde, uma das condições para se merecer trabalhar na Enfermaria 04 era o estudante poder conduzi-lo de casa para o hospital e vice-versa em automóvel próprio.



**O senhor chegou ao topo da carreira de professor ainda muito jovem. Com quantos anos?**

Cumpri em pouco tempo as várias exigências acadêmicas e me tornei catedrático exatamente com 30 anos, em outubro ou novembro de 1956. E nesse momento, a Fundação Kellogg, que me concedera a primeira bolsa para os Estados Unidos e, por meu intermédio, para vários alunos recém-formados em medicina e em enfermagem que haviam trabalhado comigo, proporcionou recursos para eu montar meu laboratório de metabolismo hidromineral, no 6º andar do Hospital das Clínicas. Estava desocupado, e então o fui ocupando. Depois vieram outros laboratórios dos ex-alunos da Faculdade que tinham recebido bolsa da Kellogg. Foram vários: o meu, o de genética clínica da professora Eliane Azevedo, o do metabolismo do pós-operatório do professor Álvaro Rabelo, entre outros.



## Nesse momento o senhor tinha dedicação exclusiva?

Passei a fazer dedicação exclusiva por minha conta. Eu não estava casado – namorei e casei pouco depois de ter feito essa carreira muito puxada em direção à cátedra –, morava na casa de meus pais, de modo que tinha pouca despesa e o salário de tempo parcial era suficiente para eu sobreviver.

## O senhor não queria o caminho tradicional do médico formado na época: trabalhar metade do tempo no consultório privado e dividir a outra metade entre o hospital e Faculdade de Medicina?

Exatamente. E foi a maneira de eu conseguir me preparar para a cátedra em pouco tempo. Gostaria de observar que até o começo da Segunda Guerra Mundial a influência na medicina brasileira e latino-americana era francesa. Depois dos 10 anos seguintes, da guerra até o fim do famoso Plano Marshall, quando os Estados Unidos estiveram mergulhados na recuperação da Europa, este país se voltou então bastante para a América Latina. Escolheram entidades beneficentes que criaram laços com a região e, em relação às faculdades de medicina, a escolhida foi a Fundação Kellogg, da empresa fabricante de *corn flakes*, grande operadora do mercado de cereais na Bolsa de Chicago. Durante aqueles 10 anos entre guerra e Plano Marshall, o Brasil ficou desligado dos países que tinham uma evolução maior em ciência e tecnologia, dessa forma tivemos um atraso tanto na parte clínica quanto na parte da fisiologia e da bioquímica aplicadas à medicina clínica. Mais ou menos a essa altura assumi a cátedra e senti necessidade de uma atualização das nossas faculdades de medicina. Comecei a trabalhar sobre a questão do ensino da medicina, do currículo e da concepção das várias disciplinas do ponto de vista do conteúdo,



e em decorrência disso fui me desligando da pesquisa. Nessa época criamos a Associação Brasileira de Educação Médica, com a nossa mobilização e a de vários professores de outras faculdades de medicina do Brasil mais avançadas, caso das escolas da USP, UFRJ, universidades federais de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul (UFMG e UFRGS), entre outras. O primeiro a presidir a Associação foi Oscar Versiani Caldeira, de Minas. Eu fui o segundo presidente e depois foi Clementino Fraga Filho, do Rio, meu amigo-irmão durante décadas. E a Associação segue viva e atuante.

### **Como o senhor passou da Faculdade de Medicina para a reitoria da UFBA?**

Em 1966, Miguel Calmon tinha iniciado seu reitorado como uma renovação da Universidade. Meu pai tinha sido reitor até 1962, fora reeleito como primeiro da lista tríplice para ocupar o cargo novamente, mas o presidente Jânio Quadros resolveu nomear Albérico Fraga. Meu pai ficou muito desorientado, até porque consultara Jânio antes para saber se seria nomeado, caso entrasse na lista e, diante da certeza que o presidente lhe dera, se preparara para o sexto mandato juntando recursos num fundo de reserva que resultava das sobras de orçamento de um ano para o outro. Assim, ao assumir, Albérico encontrou a Universidade em situação confortável, mas ao fim dos quatro anos ela entrara em crise financeira. Miguel o substituiu e, além de ser da Politécnica, ele era um banqueiro, sabia lidar com finanças, embora não fosse tão rico como muita gente pensava. Muito bem relacionado no ambiente financeiro brasileiro e internacional, consertou as finanças da Universidade. E ele me convidou para dirigir o Departamento Cultural da Universidade.

## Que missão tinha esse departamento?

Bastante ampla, porque passava a coordenar as reflexões e a definir junto com o reitor as ações para a modernização da Universidade. Além disso, criei ali o Jornal Universitário, um meio de informar as diferentes faculdades sobre o que as outras estavam fazendo. O jornal era feito por estudantes de jornalismo que, além das condições de espaço para preparar as reportagens, tinham um laboratório de fotografia para fazer as imagens correspondentes. Enquanto Miguel estava como reitor, a expectativa geral, inclusive minha e de minha família, era de que seu substituto fosse Orlando Gomes, que tinha sido vice-reitor durante três dos cinco mandatos do meu pai, sempre com um espírito de lealdade e de colaboração enorme. Ele também desempenhara um papel muito importante junto à Faculdade de Direito, cujo prédio novo, no Vale do Canela, foi construído enquanto ele era vice-reitor, e tinha uma liderança fortíssima no Conselho Universitário – na época, todo-poderoso. Mas havia outro candidato fazendo campanha, um médico. Ao mesmo tempo, como Orlando pertencera na década de 1930 ao Partido Socialista romântico, a que muitos baianos depois eminentes haviam sido ligados, transformaram isso em suspeita de que ele era comunista, então uma palavra feia como o demônio. Eu estava satisfeito na Secretaria de Saúde, mas amigos de meu pai, e entre eles muito amigos de Orlando, começaram a suspeitar que Brasília vetaria seu nome e a insistir para que eu fosse candidato.



## Existia uma lista tríplice prévia?

Existia, e nela figuravam os nomes de Orlando Gomes em primeiro lugar, por unanimidade, o médico em segundo, e o terceiro era Hernani Sobral, professor da Politécnica e da

Arquitetura – que foi depois meu vice-reitor, uma pessoa excelente. Quando começaram a me pressionar, eu dizia que esperava um dia ser reitor, mas não naquela hora. Mas, diante da insistência, me afastei da Secretaria um pouco antes da lista ser fechada, para fazer campanha.

### **Luiz Viana entendia bem todo o caso, não?**

Sim, ele e Miguel eram casados com duas irmãs, entendiam-se muito bem e representaram durante muito tempo um mesmo pensamento na política baiana. Orlando foi eleito em primeiro lugar por unanimidade, fiquei em segundo, e Hernani em terceiro. E eu estava na reunião mensal do Conselho de Educação em Brasília quando o ministro Tarso Dutra mandou me chamar. Ele tinha sido senador pelo Rio Grande do Sul e fora o presidente da Comissão de Finanças da Câmara e do Senado num tempo em que meu pai ia muito ao Congresso num esforço para incluir no orçamento recursos para a UFBA, e especialmente para construir o Hospital das Clínicas. Quando descii para o gabinete dele, no 2º andar, já estava ali o vice-reitor Adriano Pondé, que fora levar a lista preparada pelo Conselho Universitário — Miguel Calmon tinha falecido. Tarso Dutra disse que me chamara porque ia me nomear reitor da UFBA. Argumentei que esperávamos que o nomeado fosse Orlando Gomes dos Santos. Ele disse que reconhecia o gabarito de Orlando, mas que ele não poderia ser nomeado reitor e acrescentou que me nomeava pelo meu passado tão atuante, apesar de ser ainda um jovem professor, mas também por minha família e por meu pai. Fiz uma ardente defesa de Orlando, mas ele respondeu que, se eu não aceitasse, devolveria a lista para o Conselho Universitário reconsiderar os nomes, o que jamais se fizera. Adriano e eu pedimos a ele que sustasse a nomeação até falarmos com Orlando. O telefone era

um problema na época, mas conseguimos falar com Orlando e, quando expliquei a situação, ele disse que não haveria devolução de lista. “Você aceita a nomeação e eu vou lhe ajudar naquilo que você precisar.” Voltamos ao ministro e dissemos qual fora a decisão.

### **Foram momentos difíceis?**

Muito difíceis. Nem terminei minha participação na sessão do Conselho de Educação, pegamos o avião e viemos para Salvador. Quando chegamos, já foi aquela aclamação, e eu sem jeito. Mas fui ser reitor.

### **O senhor assumiu em meio ao crescimento do movimento estudantil, à generalização das passeatas e de outras formas de protesto e luta política que se intensificaram até o final de 1968.**

Exatamente. Fui nomeado reitor em meados de 1967 e peguei o movimento estudantil em sua maior intensidade até dezembro de 1968, quando da edição do AI-5 [o Ato Institucional número 5, que suspendeu as garantias constitucionais e restringiu dramaticamente a liberdade de expressão, entre outros efeitos, assinalando o começo do período mais duro dos governos militares].

### **Lembro-me de vê-lo vez por outra circulando nas galerias em torno do salão nobre da reitoria, observando as assembleias estudantis.**

Eu franqueei ao DCE [Diretório Central dos Estudantes] o salão nobre para o debate dos estudantes. Em determinado momento, em 1968, houve uma greve, a polícia foi advertida



e procurou desmanchar a manifestação. Os estudantes, como de costume, dirigiram-se ao prédio da reitoria, entraram no salão nobre, e a polícia quis entrar. Eu estava no andar de cima, junto com outros professores que foram prestar solidariedade diante da confusão que reinava na cidade universitária e tentar impedir que a polícia entrasse.

### **O senhor, então, desceu até a porta de entrada da reitoria.**

Sim, e ao meu lado estava Jorge Hage, hoje ministro-chefe da Controladoria Geral da União (CGU), então meu chefe de gabinete, que colaborou muito para acalmar as coisas e impedir que a polícia entrasse. Mas o fato é que coube a mim aplicar os dois decretos-leis da reestruturação.

### **Com a universidade reagindo...**

Interessante, a reação não foi tanto dos estudantes, e sim dos professores das escolas profissionalizantes.

### **Eles acharam que era um esvaziamento profundo dessas escolas.**

Exatamente. Na medicina houve um esvaziamento não dos setores básicos das ciências em geral, mas da biologia. As disciplinas de anatomia, fisiologia, bioquímica etc., passaram todas ao Instituto de Ciências da Saúde. Portanto, foi na minha primeira fase no Conselho de Educação e, depois, na reitoria, que cresceu em mim a paixão pelos setores básicos do conhecimento. Minha nomeação para o Conselho, em 1963, foi decorrência do trabalho numa comissão de ensino médico criada pelo Ministério da Educação, em que também estavam

Clementino Fraga Filho, Rubem Maciel, do Rio Grande do Sul, e várias pessoas que se destacaram depois na vida pública do país. Fui presidente dessa comissão.

### **De seu ponto de vista, quais foram suas realizações mais importantes como reitor da UFBA?**

Passei os quatro anos implantando os institutos que já tinham sido cogitados por Miguel Calmon. Além da comissão de reestruturação, graças às suas relações financeiras internacionais, ele tinha bolado um financiamento do BID [Banco Interamericano de Desenvolvimento] para a construção dos prédios dos institutos e para trazer do exterior para a Bahia até três professores de matemática, de física, de química etc., escolhidos pela Unesco [Conselho das Nações Unidas para a Educação e a Cultura]. A liberação desse financiamento só foi ocorrer em meu período de reitor, quando foram implantados nove institutos e elaborados seus regimentos, atividade na qual Orlando Gomes e Calmon dos Passos me ajudaram muito. O Instituto de Biologia só foi concluído mais tarde. Quando os professores estrangeiros foram embora, os docentes que os substituíram, assim como os reitores seguintes, não deram aos setores básicos do conhecimento o suporte necessário. Resultado: eles não tiveram a projeção social que eu esperava nem provocaram aquele impulso que imaginei. Os professores das disciplinas profissionalizantes continuaram governando a universidade e projetando-a junto à sociedade baiana. Acontece que, antes mesmo do primeiro decreto-lei de 1966 de que falamos, Newton Sucupira já tinha emitido, em 1965, o famoso parecer que criava os cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Os institutos de pesquisa são, assim, simultâneos à estruturação da pós-graduação e da pesquisa. Nesse meio tempo, o Conselho Nacional de Pesquisa, depois



Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), criado em 1951, tomou impulso. E tudo isso ganhou força junto.

### **Findo seu período na reitoria, o senhor se mudou para Brasília?**

Quando meu mandato foi chegando ao fim – e na época não era possível recondução –, comecei a frequentar o Hospital das Clínicas. Mas a reitoria era tão exigente que me afastei. E então, findo o reitorado, me tornei presidente do Conselho de Educação e me mudei para Brasília. O primeiro presidente tinha sido meu pai, o segundo, Deolindo Couto, depois foi Raimundo Muniz de Aragão, baiano que vivia no Rio. Durante a gestão de Muniz de Aragão o Conselho foi transferido do Rio para Brasília. Ele ainda ficou um tempo, mas não quis a recondução, e então se abriu uma vaga para meu começo de vida na comunidade de educação. O Conselho era muito prestigiado pelo Ministério da Educação, e como membro passei a ter contato com o mundo político.

### **Foi então no Conselho Federal de Educação que se ampliou a base política para sua condução ao governo da Bahia?**

Certamente. Entre as figuras políticas com quem comecei a conviver se destacou Petrônio Portela, senador pelo Piauí e presidente da Arena, um político de grande habilidade, e estou certo de que, se ele não tivesse escondido o infarto que o acometeu, a transição para a democracia teria sido melhor e ocorrido mais cedo. Foi Petrônio quem realmente me introduziu no meio federal. Ney Braga era ministro da Educação e

colaborou com ele para isso e, acima de tudo, Luiz Viana Filho. Petrônio percebeu, ao tempo em que o MDB [Movimento Democrático Brasileiro, depois PMDB] era muito pequeno em todo o Nordeste, que havia na Arena da Bahia quatro facções que brigavam entre si como cão e gato. Eram os grupos de Luiz Viana Filho, de Jutahy Magalhães – Juracy, o patriarca, já havia se afastado –, de Lomanto Júnior e de Antonio Carlos Magalhães. O presidente Ernesto Geisel, junto com Golbery do Couto e Silva – de quem eu não gostava e que também não gostava de mim, assim como [João Baptista] Figueiredo, enquanto achavam todos muita graça em Antônio Carlos Magalhães – autorizara cada uma dessas quatro facções a apresentar três nomes de candidatos ao governo da Bahia. Todas indicaram nomes que não eram aceitos pelas outras facções.

### **O que criava um impasse.**

Sim, mas três das quatro facções admitiam ter meu nome como segundo em suas listas. A exceção era a de Antônio Carlos. E, como parte do processo de escolha, ele dizia na Bahia que os políticos, sequer seriam recebidos por mim, e em Brasília dizia para não me nomearem porque eu não seria escolhido pela Assembleia Legislativa. A essa altura, Geisel havia nomeado Petrônio para percorrer todas as assembleias estaduais do país colhendo impressões sobre os candidatos. Antônio Carlos então armou uma situação para que eu não conseguisse estar na Bahia no dia marcado para Petrônio conversar com os deputados. Mas foi em vão, cheguei na véspera. Petrônio constatou que todos me admitiam como segundo nome e levou isso a Brasília.



## O senhor o desarmou com um contragolpe.

E isso o deixou furioso. Ele tinha indicado, além de Clériston Andrade, Luís Sande e, em terceiro lugar, Barbosa Romeu. Quando Sande percebeu que não tinha chance, começou a se afastar e acabou brigado mesmo com ele. Um dia, João Falcão, o dono do *Jornal da Bahia*, que estava numa guerra acesa com Antônio Carlos, me visitou em Brasília. Antônio Carlos soube disso, foi ao Golbery e disse que não podiam indicar ao governo baiano uma pessoa que recebera em seu gabinete na presidência do Conselho de Educação o seu inimigo, portanto, tinham que me tirar da lista. Golbery disse que os nomes já tinham sido indicados. Ele propôs então colocar em sua lista, em vez de mim, José Mascarenhas, um técnico jovem e muito competente, mas Golbery não aceitou e eu fiquei como o segundo na lista de todos. Fui nomeado e voltei à Bahia para preparar o governo.

## Quais foram, em sua visão, suas mais importantes realizações como governador?

Como disse em um de meus livros, *Na Bahia das últimas décadas do século XX*, publicado pela Edufba em 2008, dedicar-me à preparação dos planos de governo foi uma das tarefas mais gratas de toda a minha vida pública. Para isso contei com o auxílio de uma equipe que fez um excelente trabalho sob a direção geral do professor Raimundo Vasconcelos. Preocupava-me especialmente atribuir grande destaque aos projetos da área social, porque bastava a simples análise das estatísticas de saúde e educação para verificar a situação constrangedora em que nos encontrávamos, baianos e brasileiros, mesmo quando comparada com a de alguns países cuja economia era menos desenvolvida que a nossa. Assim, prevaleceu em nosso

programa a ideia de que a atenuação da pobreza e das grandes desigualdades sociais da população exigia prioridade absoluta por parte dos órgãos oficiais responsáveis pela educação, pela saúde e pelo bem-estar social. E não fizemos outra coisa ao longo dos quatro anos em que fui governador. Ao mesmo tempo, era fundamental promover o desenvolvimento econômico para dar sustentação aos ambiciosos projetos relativos à melhoria da qualidade de vida dos grandes segmentos populacionais, o que ocorreu, prioritariamente, com a implantação acelerada do Polo Petroquímico de Camaçari, que estava em seu início. No final, os indicadores da economia do estado revelariam com clareza o acerto dessas escolhas: por exemplo, o PIB estadual cresceu à impressionante taxa média anual de 13,1% entre 1975 e 1978, apesar da grande seca de 1976, e a renda *per capita* dos baianos subiu de US\$ 302 em 1975 para US\$ 582 em 1978, 43% acima da elevação registrada no Brasil e 24% superior ao crescimento verificado em São Paulo.

**Depois de governador da Bahia, o senhor foi presidente do CNPq e ministro da Saúde. Como foi sua experiência nesses cargos em tempos de redemocratização?**

Ao deixar o governo, a exemplo de outros governadores e prefeitos que tinham servido naquele período sem adotar os métodos e processos do regime militar, comecei a me afastar da Arena. Aproximei-me de Tancredo Neves e de Magalhães Pinto, antigos adversários que tinham se juntado e começado a preparar um novo partido. Conseguimos no Congresso e contra a vontade do regime sair do bipartidarismo e criar outros partidos, inclusive o Partido Popular (PP), a melhor coisa na área política que já conheci no país. Tancredo se apresentou como candidato a presidente pelo partido, e na Bahia eu seria o candidato a governador. Enquanto o PP ganhava o eleitora-



do que tinha sido da Arena, sobretudo no Nordeste, onde o MDB criara a imagem de um partido “comunista” e tinha um eleitorado pequeníssimo, Golbery deu um golpe nesse novo partido: ele conseguiu passar no Congresso uma lei pela qual os partidos deveriam ter candidatos a todos os cargos abertos à eleição em cada estado. O MDB na Bahia, mesmo sendo muito pequeno, tinha profundas divergências internas, e os grupos de Chico Pinto e de Josaphat Marinho se digladiavam. Ao voltar do exílio, Waldir Pires assumiu o comando do partido e se tornou o candidato a governador pelo MDB. Mas, a minha candidatura pelo PP e a de Waldir pelo MDB, compunham uma fórmula para nenhum de nós sequer se aproximar da eleição, porque, com a oposição dividida, a Arena, muito mais forte, acabava com qualquer veleidade de outra candidatura. Nesse quadro pouco favorável, a solução proposta por Tancredo foi juntar o PP ao MDB de Ulisses Guimarães e formar um partido só. Assim nasceu o PMDB. Importa dizer que fiquei pertencendo ao mesmo partido que José Sarney, que resolveram colocar como candidato a vice-presidente na chapa do PMDB. Ele estava em evidência naquele tempo, não lembro por quê. Sarney hesitou, mas aceitou. Tancredo foi eleito e veio aquele período de sua doença e, como fizera Petrônio, Tancredo escondeu a doença. Quando, afinal, descobriram que ele estava com um processo inflamatório grave, já estava grave demais. Tancredo morreu. Havia um dispositivo legal que indicaria levar para a presidência da República o presidente da Câmara, mas Ulysses Guimarães, não sei por quê – ele era uma figura interessante, mas tinha uns recuos e umas cerimônias – não aceitou. E Sarney tinha sido escolhido vice-presidente, portanto, seria o presidente.

## **Ulysses dizia que, do ponto de vista legal, Sarney é que deveria assumir.**

É, ele disse, mas foi ele quem não quis a presidência que lhe foi oferecida com insistência. Sarney começou a preparar o governo de acordo com o que sabia que Tancredo montara. E respeitou que eu fosse presidente do CNPq, o órgão que desde 1950 comandava a área da ciência e tecnologia. Ulysses teve direito a escolher três ministros: Waldir Pires para a Previdência, Almir Pazzianotto para o Trabalho e Renato Archer, que assumiu um ministério que tinha de ser formado: o da Ciência e Tecnologia. Dentre os órgãos que caberiam num tal ministério, o CNPq, que eu estava presidindo, era o único organizado, com uma estrutura e uma tradição. Archer, acredito que com satisfação e liberdade, me confirmou no CNPq, que passara a ser o principal órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia. Os principais assistentes dele, com quem passei a conviver, eram o atual presidente do BNDES, Luciano Coutinho, secretário-geral do Ministério, e o atual ministro Celso Amorim, chefe de gabinete. De modo que formamos os três o Ministério da Ciência e Tecnologia da época.

## **Mas o senhor ficou pouco tempo no CNPq. Por quê?**

No ministério de Sarney tinha sido incluído, por ser um deputado de muito destaque, um ex-secretário da Educação de meu governo, Carlos Sant'anna. Mas exatamente porque era um deputado destacado, ele precisou deixar o ministério em 1986 para se tornar líder do governo Sarney na Assembleia Nacional Constituinte. Voltaria em janeiro de 1989, com a nova Constituição promulgada, para assumir a Educação. Eu fui convidado para o ministério da Saúde em fevereiro de 1986



em substituição a Sant'anna, creio que Sarney considerou aquilo uma promoção. Mas o Ministério da Saúde até a nova Constituição só atuava na área preventiva, e todo o dinheiro da Saúde ia efetivamente para o Ministério da Previdência, que lidava com a saúde do trabalhador. Assim, o que para Sarney foi uma promoção, para mim foi um corte na carreira. Não me ajeitei muito no Ministério da Saúde.

### **Adiante o senhor se candidatou a deputado e a governador de novo.**

Quando exerci o cargo de governador, me esforcei muito para atingir assuntos prioritários para a Bahia e, mesmo sem ter trabalhado especificamente para isso, fiz um eleitorado que ficou sem aproveitamento do ponto de vista político. Figueiredo, que se revelaria o pior e mais fraco dos presidentes militares, se entendia bem com Antônio Carlos Magalhães, então já brigado comigo. Figueiredo jamais se entendeu bem comigo, nem como chefe do SNI, enquanto eu estive na reitoria e no governo, nem enquanto presidente. Então, o que fez? Botou Antônio Carlos para me substituir. Isso era um problema para a política da Bahia, porque ele iria tentar destruir tudo que eu tinha feito. Procurando atenuar isso, o que pude fazer foi me candidatar a eleições partidárias para governador. Fui derrotado, diante do poder enorme que Antônio Carlos havia angariado. Mais tarde, quando me demiti do Ministério da Saúde e voltei para Salvador, Sarney me nomeou para representar o Brasil na Organização Mundial da Saúde (OMS). Fiquei por quatro anos e gostei muito dessa atividade internacional. Findo aquele período, voltei a Salvador e me candidatei a deputado federal. Fui eleito com a maior votação dos candidatos de oposição e exerci o mandato por quatro anos.

## **Contrariado?**

Sim, porque a pessoa se mexe muito e não produz nada mais sólido. Vi que não era conveniente para alimentar o eleitorado para continuar os mandatos e encerrei a carreira.

**Sua biografia é marcada por várias criações institucionais efetivas. Uma delas é o Museu de Ciência e Tecnologia da Bahia, implantado quando o senhor era o governador, e cuja decadência começou logo depois. Haveria certo interesse em reativar essa instituição pioneira?**

Como governador, pude refletir no exercício do cargo a minha formação. Daí nasceram iniciativas como a criação do Museu de Ciência e Tecnologia. Eu visitara vários desses museus nos períodos em que vivi no exterior e daí me surgiu a ideia de que precisávamos fazer na Bahia algo similar. Não seria um museu histórico nem artístico, mas didático, e o primeiro da América do Sul. Trouxemos um dos diretores do Museu de Ciência e Tecnologia de Londres, Keohane, e ele teve aqui um papel extraordinário, por sua capacidade de organizar as táticas de um museu didático e pela competência científica em apontar caminhos para a demonstração de princípios das ciências básicas de forma lúdica para as crianças das escolas de ensino fundamental.



**O museu foi implantado dentro do Parque de Pituvaçu, certo?**

Sim, dentro do parque, já na periferia, com espaço previsto para ampliação. A topografia do Parque de Pituvaçu permitia o uso de pedalinhas nesse pequeno lago, equipamento que insistimos em instalar pensando nas crianças.

## **Lembro-me de uma réplica de uma torre de petróleo no museu.**

A Petrobras, entre 1975 e 1979, nos ajudou muito. E talvez as peças mais caras do material de exposição fossem as moléculas em três dimensões de produtos do Polo Petroquímico. Eram modelos específicos que incluíam produtos intermediários da indústria petroquímica, muito complexos, com informações tanto sobre as matérias-primas usadas para fazê-lo quanto sobre produtos de consumo resultantes do trabalho em torno delas. Outra coisa que despertava bastante interesse era o trabalho de um anatomista das faculdades de Medicina e de Odontologia da UFBA, Aldemiro José Brochado, que injetava corantes no sistema vascular. Parte foi feita em adultos e outra parte, em fetos, em modelos reais depois das autópsias. Ele usava um produto que fazia o que chamavam “diafanização” tanto no músculo cardíaco quanto no tecido que forma os pulmões, e por esse processo de tornar diáfanos essas massas de tecidos era possível trabalhar as peças distintas com diferentes cores.

## **Algo parecido com as técnicas usadas naquelas grandes exposições do corpo humano que vieram dos Estados Unidos nos anos 2000?**

Exatamente, essa técnica representa um avanço do que conseguimos aqui em 1975. Quanto à torre de petróleo, sim, tinha um modelo que a Petrobras nos facilitou. Já a Secretaria Estadual de Transporte providenciou camadas de estradas e trajetos, desenhos de estradas em diferentes épocas, desde os tempos mais remotos, passando pela Idade Média, chegando ao começo do uso do asfalto, até finalmente as estradas

asfaltadas contemporâneas. A Aeronáutica nos ofereceu um pequeno avião e a então Rede Ferroviária Leste Brasileiro nos forneceu uma locomotiva e vagões de estrada de ferro, em tamanho real.

### **O museu foi inaugurado em 1979, quando o senhor estava prestes a deixar o governo do estado.**

Isso. Depois houve um empenho do governo do estado em dificultar as coisas para o museu, até que entre 1992 e 1996 ele ficou fechado. Conseguiu-se reabri-lo, adiante foi entregue à Universidade do Estado da Bahia (Uneb), que instalou áreas de trabalho de ordem burocrática nas salas onde antes havia experiências. Mais recentemente surgiu um debate entre vários órgãos do governo estadual a respeito da destinação daquele espaço.

### **Em que pé está hoje o museu?**

Praticamente fechado, com o espaço disputado e numa situação de incerteza. Os equipamentos sumiram quase todos.

### **Parece-lhe haver alguma possibilidade de reativação do museu?**

Tem havido um empenho. O museu foi oficialmente transferido para a SECTI por decreto do governador Jacques Wagner no final da gestão do secretário Paulo Câmara, que se empenhou por essa transferência. A secretária Andrea Mendonça, que o substituiu, já demonstrou interesse em dar prosseguimento à iniciativa.



**O senhor acredita que há condições hoje favoráveis na Bahia para que a produção do conhecimento científico e a capacidade de inovação tecnológica consigam um status decisivo e socialmente reconhecido no processo de desenvolvimento deste estado?**

Essa é minha expectativa e a minha esperança. Continuo trabalhando para isso na Academia de Ciências da Bahia.

Em 28 de agosto de 2014  
Por Marluce Moura

Fotos: Léo Ramos

Fonte: <http://bahiaciencia.com.br/2014/08/entrevista-roberto-figueira-santos/>

## ENTREVISTA JOÃO CARLOS SALLES UM FILÓSOFO QUER SACUDIR A UFBA



A cerimônia de transmissão do cargo de reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) a João Carlos Salles Pires da Silva, 53 anos, no fim da tarde da segunda feira 8 de setembro, foi um acontecimento. À frente do chamado cortejo reitoral, de braços dados com a ex-reitora Eliane Azevedo e acompanhado pelos ex-reitores Dora Leal Rosa, Germano Tabacoff e Roberto Figueira Santos, Salles atravessou o Salão Nobre do tradicional palácio do Canela, da entrada até o palco ao fundo, sob os aplausos prolongados e para lá de entusiasmados da multidão de estudantes, professores, funcionários da universidade, políticos, autoridades do estado, amigos e familiares.

Das galerias do salão, pendiam faixas da União Nacional dos Estudantes, a velha UNE, e de outras instituições estudantis, a proclamar “Democracia na UFBA. Reitor empossando + 1 aliado”. Se numa galeria acomodava-se o madrigal da universidade, versado em repertório mais erudito, na porta do prédio uma filar-



mônica já tratara de saudar os convidados que chegavam, e perto do palco concentravam-se os músicos do Ilé Funfun com os atabaques preparados para a abertura dos trabalhos e dos caminhos. Pouco depois de o cortejo ter alcançado seus lugares na mesa solene, o hino nacional cantado vigorosamente por todos daria uma medida da elevada temperatura emocional daquela celebração dentro de uma solenidade político-administrativa, e que, aliás, se manteria inalterada até as últimas palavras do discurso do novo reitor e a sessão de cumprimentos subsequente.

Mas quem é o personagem central deste ato, este reitor escolhido, numa disputa acirrada, por mais de 50% dos votantes, ou seja, professores, estudantes e funcionários técnico-administrativos da universidade? Um filósofo especializado em Wittgenstein, pasmem! – nada menos popular. O filho de uma conservadora e tradicional família de Cachoeira, criança criada num sobrado do século XVIII que hoje, transformado em espaço cultural, carrega o poético nome de Pouso da Palavra, para alegria de Salles, que louva a coincidência. Afinal, a palavra tem peso fundamental, decisivo, em seu trabalho.

Ele é também o adolescente de 13 anos que, no começo da década de 1970, chega a Salvador para estudar no Colégio Dois de Julho, presbiteriano, mas liberal como poucos naquele período pesado, e que descobrirá entre deslumbrado e assustado a cidade grande e novas formas aventureiras de estar no mundo. Experimentará um certo modo de ser *hippie*, a macrobiótica e uns tantos percursos até a militância estudantil e a participação na Ação Popular Marxista Leninista, a AP, que alguns jovens idealistas buscam reorganizar em 1977, depois de a organização ter sido destroçada em 1973, com a prisão e a morte de seus principais dirigentes. À distância, Salles fala com carinho de Jair Ferreira de Sá, um dos poucos dirigentes sobreviventes do massacre, que ele conheceu naqueles verdes anos.

O jovem militante marxista escolheria naturalmente a economia como carreira a se dedicar, mas a filosofia o atrairá sem concessões. E é de dentro de seus domínios que ele trabalhará firmemente para que a filosofia na Bahia rompa um longo isolamento institucional e intelectual e se articule com a comunidade filosófica brasileira e internacional. Nada a estranhar, assim, que João Carlos Salles tenha se tornado diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA de 2009 a 2014. Ao longo desse trajeto também sua produção acadêmica tornou-se robusta e hoje inclui, entre outros livros, *A gramática das cores em Wittgenstein* (CLE/Unicamp, 2002), *O retrato do vermelho e outros ensaios* (2006) e *O cético e o enxadrista: significação e experiência em Wittgenstein* (2012), publicados pela Editora Quarteto.

Foi em seu gabinete, na ensolarada manhã do sábado 27 de setembro, que João Carlos Salles concedeu à revista *Bahiaciência* a entrevista cujos principais trechos publicamos a seguir.

**Comecemos pela incrível cerimônia de sua posse. A que você atribui tamanha torcida por sua condução à reitoria da UFBA?**

Vou ensaiar algumas possibilidades de resposta. A primeira, acho que tem a ver com a própria situação da universidade. A UFBA apresentava um cenário de esvaziamento da política e de diminuição da sua tradicional estima elevada, do seu orgulho, da sua alegria. Estava entrando um pouco numa certa pauta negativa de enfrentar problemas que, às vezes, não eram próprios dela, como mobilidade urbana, segurança, violência. Também enfrentava pressões as mais diversas, precarização do trabalho dos docentes, uma terceirização bastante acentuada, problemas com relação à assistência estudantil, problemas com relação à divulgação e ao reconhecimento de suas pesquisas. Ou seja, a UFBA estava atravessada por um



sentimento estranho de que a mais importante instituição de ensino superior do estado da Bahia não vivia seus melhores dias, pressionada por um contexto econômico, por novas legislações que burocratizavam desde a simples licitação a até mesmo o convívio, a liberação, a progressão funcional de professores e coisas desse tipo. Daí uma certa sensação de mal-estar, da qual posso diagnosticar como um dos elementos a falta de uma política de autorreflexão, de uma identidade da gestão com os sentimentos mais característicos da universidade. Começamos uma campanha com uma pauta positiva que levou à eleição.

**Vocês começaram a campanha uns seis meses antes da eleição, não?**

Até dezembro de 2013 eu não estava certo de que ia ser candidato. Estava com passagem, seguro e visto para viajar aos Estados Unidos. Após um tempo na gestão da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, eu disse: “é hora de fazer um pós-doutorado”. Aliás, não tinha feito isso ainda porque desde que retornei do doutorado tinha sido tragado pela gestão, ao tempo que continuava a trajetória de pesquisador. Era o momento de sair, mas a pressão dos amigos, o cenário que se desenhava, me tocou. Fui tocado pela militância.

**A propósito, por falar em amigos e militância, que forças são as que você representa?**

Primeiro não diria que são forças políticas, curiosamente. Acho que é um campo.

## Acadêmico?

Um campo acadêmico e político. Como campo acadêmico compreende a universidade como um lugar de trabalho requintado, sofisticado, formador, comprometido com valores científicos, mas, ao mesmo tempo, não um lugar de pesquisa separado do mundo, desvinculado de compromissos sociais. Esse campo acadêmico compreende a composição da universidade, a necessidade de sua abertura para uma camada mais ampla da população, sem perder a qualidade. Portanto, ele compreende e consegue ligar essas duas coisas. Tenho uma visão de esquerda em relação à universidade, o que tem a ver com minha trajetória política. E, embora meus amigos estejam hoje espalhados em várias agremiações políticas – PC do B, PSol, várias correntes do PT etc. –, temos um vínculo de confiança conquistado há muito tempo.

## Você foi originalmente da Ação Popular, não?

Sim, fui da Ação Popular Marxista Leninista. Essa é minha trajetória de 1977 até 1981, cujo começo coincide mais ou menos com o da existência do jornal *Em Tempo*. Saio da condição de militante secundarista (quando criamos a corrente Avante) e passo a fazer a transição para a universidade. E aí se criam laços de confiança muito fortes com pessoas que conheci na militância, até o momento de fundação do PT. Cheguei a assinar a ficha de filiação ao PT, mas essa filiação não se confirmou depois e eu me afastei inclusive da política mais organizada, digamos assim, e migrei para a filosofia, que já é outra história. Esses amigos, mais os amigos pesquisadores da UFBA, os amigos de São Lázaro, da Filosofia e do Instituto de Psicologia, que viveram comigo uma experiência de gestão que teve como base um diálogo muito intenso, são importantes na



continuação do diálogo e do campo que a candidatura veio a representar.

**Foi então com base principalmente em sua trajetória como diretor da Faculdade de Filosofia que se encaminhou sua candidatura à reitoria?**

Digamos assim, esses amigos e os pesquisadores se organizaram em função de uma experiência recente de gestão muito bem-sucedida que tirou a Faculdade de Filosofia de um sentimento para baixo, um sentimento de que as coisas não estavam dando certo, de que a pesquisa não estava sendo valorizada.

**Durante sua gestão a Faculdade de Filosofia recuperou um sentimento de poder fazer?**

Sim, mas sobretudo, eu diria, a sociabilidade ficou destravada. Os grupos de pesquisa que sempre disputavam espaços e posições sentiram um tratamento republicano, um espaço democrático de diálogo, tanto que eu consegui – talvez essa seja uma chave – que pessoas com posições muito afastadas e em conflito até recentemente, por exemplo, em função de uma greve que tivemos, apoiassem a candidatura.

**Você se tornou aquela liderança capaz de aglutinar diferentes visões e polos divergentes.**

Acho que sim. E talvez a alegria da posse signifique que pessoas que têm e devem continuar tendo divergências, o que é bom, sabem, entretanto, que podem constituir um espaço público de diálogo que não se separa da gestão. Não consigo pensar a gestão como um lado tecnocrático separado da po-

lítica. A gestão tem sua dinâmica, seu ritmo, seu tempo, e a política tem outro tempo, às vezes bem diferente, mas se pode combinar e oxigenar uma pela outra. A experiência de São Lázaro, que não deixa de ser um lugar especial para a reflexão sobre a universidade e sobre o próprio sentido da universidade, lugar de filosofia, história, sociologia, beneficiou o diálogo com as diversas áreas da UFBA. E isso contagiou as pessoas. Então, tivemos apoio e uma votação extremamente expressiva, cerca de 55% dos votos nas três categorias de eleitores (professores, trabalhadores técnicos e administrativos e estudantes). Na alegria da posse tem outra coisa: um modo de construção em torno de um projeto com determinados valores. Fizemos, de fato, um trabalho conjunto de construção – e esse foi o nome da chapa, Construção Coletiva.

### **Você tomou toda a sua experiência de militância e fez essa construção.**

Fizemos juntos. Foi mais a experiência da gestão, porque às vezes a militância é limitada. Se fôssemos apenas pensar nas experiências de militância, poderia ser o contrário. Traríamos um pacote pronto de projetos, uma carta de propostas, e buscaríamos convencer as pessoas. Em vez disso, lancei um texto-compromisso com uma série de valores, e juntos, num seminário, construímos uma plataforma política. Foi um processo democrático e com ideias não previstas que surpreendem. E isso é bom, a imprevisibilidade da política invadindo a possibilidade de uma gestão mais participativa.



## **Olhando já da posição de reitor, quais são os pontos fundamentais dessa plataforma?**

Primeiro, uma vontade de integração da gestão. Percebia-se que a gestão estava fragmentada por não haver um espaço político de debate. E não haver esse espaço, curiosamente, acaba fazendo com que mesmo o gestor mais generoso se torne um pouco tirânico involuntariamente. Porque há uma separação, um corte. Da mesma forma, não haver um espaço público faz a gestão se fragmentar, porque ela acaba representando as diferentes correntes, posições, interesses, e não se tem uma gestão concentrada, oxigenada pelo diálogo com a sociedade. Assim, a primeira questão é um certo procedimento democrático de deliberação, de construção da gestão, isso é o que estamos sentindo e tentando hoje. Faltava muito a ideia de equipe que pensa articuladamente a universidade, e insistimos nisso. Por exemplo, a assistência estudantil não se descola de pesquisa, não se pode fazer pesquisa na UFBA desconhecendo a extração social do mundo dos estudantes. Então, tem que se ter uma política de pesquisa articulada, que não gere uma elite de pesquisadores por oposição à massa desvalida. O interessante é possibilitar esse diálogo enriquecedor, no qual se junta um bom pesquisador a um estudante que às vezes tinha um déficit de escolaridade e ao qual se oferecem condições para que se aproxime e aqui se realize plenamente.

## **Trata-se então de trazer estudantes que entram na universidade pelo sistema de cotas para as possibilidades plenas de desenvolvimento oferecidas na universidade. Como?**

Esse é um ponto-chave: não basta acesso, é preciso real inclusão. Então, fizemos uma operação conceitual, na qual a palavra excelência foi uma chave importante. Queríamos mostrar que

só tem excelência acadêmica a instituição que possui uma boa assistência estudantil, que combate a homofobia, manifestações de autoritarismo etc. Ou seja, a excelência acadêmica é um conceito mais amplo, não elitizante, mas de combate à elitização que os mecanismos da produção de saber naturalmente geram.

### **Onde vocês se reuniam para fazer discussões dessa natureza durante a campanha?**

Em várias unidades. Claro que em São Lázaro, nos vários institutos, na Geociências, na Arquitetura... Então, eu diria que houve, sim, uma construção conceitual, uma compreensão nova de certas noções que estavam isoladas e pareciam ser meras bandeiras. Elas apareceram a todos nós como possíveis sementes, como projetos efetivos de gestão. Conseguir fazer com que uma bandeira política, que geralmente está no campo da utopia, se desloque para alterar decisões acerca de que bolsas vão ser concedidas, que orçamento vai ser destinado, como se vai querer equilibrar, decidir certas questões, dá uma energia nova, que é o sentimento de que podemos fazer isso conjuntamente, oxigenando o espaço público, compreendendo a boa energia da UFBA. E se pensamos na posse, vemos que ela congrega talvez alguns elementos interessantes do nosso projeto. Primeiro, essa presença dos políticos, da qual não temos medo porque não estamos subordinados: eles são interlocutores, não senhores. Não temos medo do diálogo com o Estado, precisamos dialogar com o Estado e com todas as dimensões da sociedade. é neste diálogo que mantemos a nossa autonomia, não o contrário, não por isolamento. Ao mesmo tempo, precisamos dialogar com a nossa cultura, com a história. E isso é tanto um madrigal sofisticado ou um *virtuose* como Mario Ulloa, cujo toque do *El Cóndor Pasa* foi o tema da campanha,



quanto a filarmônica na entrada da reitoria recebendo as pessoas, com Fred Dantas, da Oficina de Frevos e Dobrados, e também os atabaques do *Ilê Funfun* abrindo os caminhos, com um certo tipo de tradução respeitosa em relação ao que é a nossa posição no nosso discurso, no próprio ritual. E onde a continuidade não impede a diferença, onde a diferença não significa desrespeito, ao contrário, uma reverência até mais do que justa a toda dedicação da professora Dora, a reitora que me antecedeu. A cerimônia trouxe as marcas de nossa campanha. Não fizemos uma campanha de ruptura, de oposição, de crítica negativa, sobretudo não em relação à reitora, cuja condução sempre foi muito elegante, respeitosa e responsável com a universidade. E depois o nosso discurso representa um pouco esse tipo de tentativa de juntar as coisas.

### **O que você destacaria que tem que ser feito em seus anos de reitoria?**

Primeiro tentei fixar essa ideia do que seria atual. Segundo, penso que é fundamental recuperar um certo cuidado com o patrimônio público, numa correção dos procedimentos que nos levam a um tratamento burocrático, por exemplo, na condução das obras. Hoje somos obrigados a entrar num jogo pesado das licitações em que é muito difícil garantir qualidade, preço, bom emprego dos recursos, boa fiscalização. E como a universidade foi sacudida por um grande investimento em obras, esse é um ponto fundamental do nosso compromisso. Temos muitos prédios em obras, muitas obras paradas, obras com qualidade bem longe do desejável, tanto que abri uma sindicância geral do conjunto das obras da universidade nesta semana [final de setembro].

## Isso compromete o orçamento da universidade?

A destinação de verbas para essas obras já vem rubricada [pelo governo federal]. Assim, mesmo que sejam insuficientes e precisem ser complementadas, eu diria que se compromete mais a vida da universidade. Há setores parados às vezes por anos a fio, várias escolas na iminência de mudar e sem conseguir fazê-lo, laboratórios sem poderem ser usados. Problemas com as empresas são uma luta constante, então, embora eu não goste que seja assim, as obras precisarão ser o centro da atenção. E se conseguirmos dentro dos próximos quatro anos dizer que não nos preocupamos mais com obras, isso terá sido uma grande vitória. Com a comissão de sindicância criada, vamos responsabilmente ver o que pode ser acelerado e o que deve ser corrigido para que nossa comunidade possa recuperar e usar esses espaços. Mas o que impacta o orçamento hoje é um crescimento muito grande dos custos com limpeza, vigilância, proteção e portarias. Tudo isso se deslocou para contratos terceirizados que representam gastos de cerca de R\$ 40 milhões por ano. Só à vigilância patrimonial são destinados cerca de R\$ 25 milhões, um valor bastante pesado.



## E o patrimônio está tão ameaçado de roubo?

Não, mas existe um sentimento não justificado de insegurança muito forte. Temos na UFBA mais de 500 câmeras, é mais do que o município dispõe. Certamente o número de ocorrências dentro da UFBA é bem menor do que fora. Isso não significa que vamos descuidar da nossa segurança, mas não deixa de ser em parte infundada essa sensação.

## **Aconteceu algo que tenha levantado essa paranoia?**

Episódios isolados. Houve recentemente uma ocorrência, absolutamente aleatória, que escapa a toda previsibilidade, que foi um disparo feito por um vigilante contra um aluno que estava pichando um muro. Nada justifica o que o vigilante fez, mas isso também não tem a ver com uma política. E só para registrar: um ou outro furto, um que outro episódio numa festa, tudo isso pode criar um sentimento de insegurança não estatisticamente justificado ou relevante. Mas temos que dizer: há, sim, ocorrências de furto, isso deve ser combatido e a vigilância é necessária.

## **Então o esquema de vigilância está passando por um redimensionamento?**

Vamos estudar isso para exatamente ordenar e mobilizar a comunidade a enfrentar o que seria uma política de segurança. Mas, ao mesmo tempo, mobilizá-la para o que seria uma política de pesquisa, ensino etc., correspondente à nossa situação de hoje, de necessidade de internacionalização do conhecimento e de incremento da produção científica. E, para isso, vamos fazer um grande congresso na UFBA. Este foi um dos pontos na nossa proposta que mais entusiasmaram as pessoas: a possibilidade de fazer a UFBA parar e pensar sobre si mesma, pensar quais são seus projetos de longo prazo.

## **Esse congresso coincide com os 70 anos da universidade?**

Não, vamos fazê-lo no segundo semestre de 2015, e os 70 anos serão comemorados em 2016.

## E como você o vislumbra?

A ideia é fazer um congresso numericamente expressivo e cuidadosamente preparado. Vamos tentar fazer com que a nossa comunidade, um conjunto de mais de 40 mil pessoas, tenha a oportunidade de participar. As aulas estarão suspensas, vamos usar nossos pavilhões de aulas e transformar a UFBA, por pelo menos uma semana, num grande centro de convenções. É claro que será antecedido por uma grande preparação, vamos definir alguns eixos de força para os quais vamos mobilizar nossa comunidade acadêmica, as pesquisas, o debate, e trazer convidados. É sempre importante que a universidade não dialogue sozinha, não se feche. Até para pensar sobre si mesmo você tem que dialogar com outras experiências.

## Qual é o fulcro do congresso?

Pensar a UFBA é pensar seus marcos regulatórios, o estatuto, o regimento. Será que esses documentos que regem a vida universitária estão em conformidade com o que se deseja? Há pontos do regimento que são questionados pela comunidade, por exemplo, uma exigência de carga horária superior ao que a Lei de Diretrizes e Bases obriga. É necessário refletir sobre como estão funcionando os nossos conselhos, os fóruns rotineiros de deliberação. Há questões muito objetivas do ponto de vista da legislação da UFBA a serem pensadas. Mas há sobretudo questões acerca de política: como a UFBA lida com as avaliações do conhecimento que produz? Qual é a política que tem em relação à graduação e em relação à pós-graduação? Compreende diferenças, vai aplastrá-las? Vai investir mais na internacionalização? Como? Pelo intercâmbio, pela publicação de *papers*? Talvez este seja o grande desafio acerca da produção sobre o que a UFBA tem que refletir: o que torna a



produção acadêmica relevante? São indicadores de impacto? Vamos ter medidas distintas para as diversas áreas, dado que realizam a competência acadêmica de formas muito diversas? Vamos valorizar o livro? E quanto ao ensino? Ele pode se beneficiar das experiências de ensino a distância, de novas tecnologias? A política de cotas, tão fundamental, deve ser aprofundada? Quais são seus resultados depois de 10 anos? A expansão foi suficiente? E outra coisa que é a vocação (ou vocações), a marca distintiva, da UFBA. Como ficam as artes? Acho que a nossa posse recupera um pouco a ideia de que a universidade envolve ciência, arte, filosofia. A UFBA nasce como universidade nesse sentido mais generoso de não ser técnica, de não ser unilateral. A possibilidade de recuperar esse diálogo, essa energia, é própria de um congresso. Trata-se de confrontar medidas, confrontar ciências duras com outros modos de articular o conhecimento, e tudo isso pode nos permitir a elaboração de medidas conjuntamente.

**Exercendo-se filósofo, em seu discurso você transitou da indagação “o que é a UFBA?” para “quem é a UFBA?”. Mantenho as duas perguntas: o que é a UFBA e quem é a UFBA?**

Objetivamente eu poderia definir o que é a UFBA, segundo vários marcos legais, como uma instituição de ensino superior que cumpre tais e quais métricas, que forma tantas pessoas, que contrata tantas pessoas, que tem um orçamento bem definido, tem obrigações em relação à expansão, sendo tutora de outras universidades, que tem uma história. Tudo isso é a UFBA, mas assim descrita ela aparece flagrada numa rotina massacrada pela previsibilidade, podendo ser fotografada por relatórios de gestão e balancetes contábeis. Mas, se deslocarmos o olhar para perceber quem é a UFBA, começamos a vê-la como um lugar de investimento pessoal muito grande, onde

as pessoas realizam – não sempre e não todas, mas boa parte das que definem esse ser –, onde associam profissão e vocação. São pessoas que vivem a universidade integralmente sem saber quantas horas estão gastando aqui, sem se preocupar com frequência, porque a estão pensando sempre, estão inovando, realizando pesquisas as mais sofisticadas. E estão se realizando como cidadãos, fazendo aqui sua militância, defendendo os interesses dos trabalhadores, os interesses da ciência, defendendo as artes, procurando articular saberes, procurando estar na vanguarda. Essa energia de pessoas que não privatizam o espaço da universidade, que se dedicam a ela completamente, é o que aparece quando respondo “quem é a UFBA?” ou, ao menos, “quem nós queremos que seja a UFBA”. É claro que nossa universidade tem também – e sempre houve no serviço público – aqueles que veem o serviço público como uma prebenda da qual vão se beneficiar pelo resto da vida, trabalhando o menos possível, se desgastando o menos possível, não se comprometendo com gestão, não se comprometendo com qualquer coisa a mais do que sua carga horária ou fazendo daqui um lugar de carreira. Tem pessoas que pensam o lugar da universidade como um espaço de sua realização a mais isolada. São as pessoas que, dizíamos durante a campanha, acreditam que o “*Homo Lattes*” é superior ao *Homo sapiens*, aquelas que começam a se medir por índices. E não se preocupam se a palestra que vão dar é relevante ou se mantêm uma troca, preocupam-se mais com certificados, assim como não é o conteúdo do artigo publicado que é relevante, mas onde foi publicado. E se o foi em inglês, é mais importante do que as ideias que foram comunicadas. Só podemos resistir a esse tipo de distorção que afeta e pressiona o melhor do que temos em termos de capacidade acadêmica se tivermos força acadêmica instalada. Eu diria o seguinte: não é absurdo, não é criminoso que as pessoas procurem os índices. Elas precisam



se defender e, se para se afirmar academicamente é preciso ser reconhecido como intelectual de destaque, como um cientista de prestígio inclusive lá fora, se precisam produzir *papers*, se há, enfim, uma cadeia dessa ordem, é compreensível que até sacrifiquem o tempo da maturação, da reflexão, do diálogo, da formação, para cumprir essas tarefas. Entretanto, se elas encontram na universidade um ambiente que protege e cobra o bom pensamento, vão viver de verdadeira riqueza intelectual e menos dessas manifestações exteriores de riqueza. Esse é um desafio que vem sendo colocado para a universidade, ou seja, como reagir a esses indicadores externos, a essa pressão produtivista. Sou absolutamente favorável à cobrança da produtividade e da avaliação, mas isso não pode apenas alimentar carreiras isoladamente – isso tem a ver com a produção real do conhecimento.

**E essas métricas contribuem para certas fraudes reais ou disfarçadas, como se ficar reproduzindo o mesmo artigo com diferentes palavras mil vezes, não?**

Exatamente, requentando textos, vivendo do turismo acadêmico, tendo essas pequenas retribuições que, em vez de transformá-los em pesquisadores ou elevarem seu talento de pesquisadores, a longo prazo o diminui.

**Como você vê a UFBA vis-à-vis a outras universidades brasileiras?**

Por um recente *ranking* do jornal *Folha de S. Paulo*, ela ocupa o 140 lugar, atrás da Federal do Ceará e da Federal de Pernambuco, para citar duas universidades na região Nordeste. Estar nessa posição significa que talvez haja certa falta de coordenação da gestão para atingir os índices adequados. Não sei

exatamente quais são todos os índices que a *Folha* utiliza para ranquear. Confesso que estranhei muito o *ranking* quando me detive na classificação dos cursos de filosofia. As escolhas feitas me causaram muita surpresa, porque não expressam a maneira como a comunidade filosófica compreende a filosofia do país. Há um descompasso profundo entre aquilo que é representativo da boa filosofia, que tem qualidade acadêmica e representatividade no país e o que está colocado lá.

### **Como aparece a Filosofia da UFBA?**

Está bem embaixo [15º lugar], e isso não corresponde ao sentimento que temos nem à própria avaliação da Capes. Por exemplo, temos dois cursos nota 7 para a pós-graduação em filosofia no Brasil, o da USP e o da UFMG. Todos sabemos que o da USP é o departamento de filosofia com maior importância no país e ela está em segundo lugar no ranking. Se eu fosse tomar esse exemplo como um critério amostral, diria que tem um problema sério nos resultados da *Folha*. Mas os *rankings* devem ser respeitados porque fotografam certos índices e imagino que os resultados da *Folha* tenham a ver, por exemplo, com a avaliação da graduação. Ora, a avaliação da graduação às vezes depende de um esforço concentrado da gestão que é capaz de mobilizar os estudantes a responder bem no Enade, que é capaz de apoiar os coordenadores de curso para que os documentos estejam em dia, as ementas estejam atualizadas, que haja uma boa visibilidade das páginas dos cursos, o acesso etc. E esses elementos devem ser levados em conta.



**Como você vê a UFBA entre as universidades brasileiras produtoras de conhecimento, que oferecem formação superior consistente e com pós-graduação consistente?**

Temos um quadro desigual em relação à comunidade científica nacional e internacional, temos que diminuir a diferença. Temos centros que fazem pesquisas mais avançadas até que outras universidades, algumas pesquisas de impacto extraordinário...

### **Por exemplo?**

Em Saúde Coletiva, por exemplo, para destacar só pesquisas de grande relevância e impacto, reconhecidas em diversos centros. Vou dar um exemplo que me ocorreu por causa dos 20 anos do Instituto de Saúde Coletiva (ISC), comemorados recentemente. Assinamos um convênio com a Fiocruz para transformar o cadastro do SUS em uma base para um estudo de coorte que pode ser fantástico. Ou seja, será possível utilizar toda a documentação que veio da implementação de políticas públicas para analisar o efeito dessas próprias políticas (o Bolsa Família em especial), em relação a outros índices de escolaridade, de crescimento etc. Agora, você também tem cursos cuja inserção na pós-graduação é recente. E temos uma expansão importante cujos melhores frutos ainda precisam ser tirados, por exemplo, na expansão dos bacharelados interdisciplinares, com o desafio de retirar da interdisciplinaridade os melhores frutos.

**Mas isso não é uma certa ilusão, quando o pesquisador sempre formula a pergunta que orienta sua pesquisa de dentro do campo estrito de uma disciplina? A interdisciplinaridade não seria mais uma boa intenção do que uma prática efetiva?**

Concordo, mas aí há um desafio. A interdisciplinaridade não se faz por ajuntamento nem por boa intenção, será real se de fato tivermos questões, problemas, que solicitem e desafiem

formações disciplinares. A formação interdisciplinar não é boa porque dá maior cultura, maior lustro. Fazer com que um engenheiro possa recitar um poema ou um filósofo entender física e tecnologia, não é o que forma um trabalho interdisciplinar consistente. Eu, como recito poemas até em discursos de posse e como não deixo de trabalhar com lógica ao fazer filosofia, sei bem que a interatividade real não é aparente, ela resulta de uma costura que é feita institucionalmente por programas de investigação que precisam ser desenvolvidos. Então, talvez a UFBA, ao ter enfrentado um processo de expansão, precise agora se beneficiar da riqueza potencial que faz com que professores com formações disciplinares distintas sejam chamados a cooperar num projeto de formação interdisciplinar. E isso pode ser um dos vetores de crescimento e de destaque da universidade. Mas para isso é preciso integrar a formação interdisciplinar com uma boa disciplina-ridade, que é, sim, o primeiro lugar, o primeiro modo, e talvez o mais fundamental, com que você se localiza e se estabelece no discurso científico.



**Há críticos segundo os quais o problema central da pesquisa científica, básica ou aplicada, é ser ou não ser relevante, inovadora, transformadora, em vez de meramente incremental. Não lhe preocupa que na UFBA haja muita produção que serviria só para cumprir trâmites acadêmicos? Por exemplo?**

Admitamos por hipótese que nas ciências sociais, e especificamente nas pesquisas que há muito tempo investigam pobreza e trabalho informal na Bahia, repitam-se velhos padrões de abordagem e métodos que tornam impossível capturar e oferecer interpretações mais ambiciosas e inovadoras que de fato iluminem o fenômeno em suas manifestações contemporâneas. Veja, não deixa de haver na formação e na prática acadêmicas um traço meio partidário. Em que sentido? No da renovação do mesmo paradigma, repetição do mesmo. Acaba-se trabalhando no interior de um conjunto de referências e os dados novos são obrigados a se acomodar quando chamados a depor. Confessem! Confessem uma verdade que já sabemos, não é? Sem dúvida, isso é próprio da sociologia, da física, de qualquer conhecimento científico bem estabelecido. A realidade é que geralmente a ciência normal é mais produtiva do que a ciência nos seus estados de anomalia, de renovação. Certamente há o lado do conforto acadêmico que faz com que o aluno que repete o professor tenha até mais chance de sucesso acadêmico do que aquele que tem ideias inovadoras. No imediato, não deixa de ser uma tentação muito grande fazer um trabalho previsível ou fazer com que o líder de pesquisa tenha seus liderados como subordinados num projeto cujo horizonte já limitou. Isso parece descrever bem o que ocorre toda vez que você estabelece até critérios para decidir que algo esteja em conformidade com a comunidade científica. Para que um

trabalho seja aceito dentro da comunidade científica, o pesquisador tem que sentir que ele paga o preço de recusar os extremos de inovação e de se deixar surpreender com os dados. Nesse sentido, a universidade não é um laboratório, e ela não pode ser a soma de laboratórios isolados. Eu gosto da ideia de departamentos plurais, exercícios de tolerância epistemológica constante, porque esse confronto pode fazer com que os pesquisadores se tornem mais permeáveis à ideia de que os seus receituários não se aplicam. Então, nesse sentido, sim, eu acho que os dados podem surpreender. Entretanto, não podemos esquecer que, normalmente, a própria recolha dos dados já está comprometida com os seus princípios iniciais e então é muito difícil que o dado surpreenda porque ele já é selecionado em função de hipóteses prévias que o limitam.

**É claro que esta pergunta em relação à UFBA vale para qualquer universidade.**

Sim, e eu não vejo que a UFBA seja especialmente marcada por essa limitação. Nesse sentido, por exemplo, na sociologia do trabalho, o fenômeno da precarização do trabalho redesenha o modo como o trabalho foi compreendido ao longo do tempo por nossos pesquisadores. Há estudos clássicos sobre o trabalho informal na Bahia, sobre relações precárias, mas digamos que as recentes condições de precarização, a partir da terceirização constante e tão incrementada, remodelaram nossa reflexão sociológica com frutos muito interessantes. Percebo em alguns estudos atuais de relações de precarização uma sofisticação conceitual que não faz simplesmente subordinar o fenômeno a uma determinada matriz estrita marxista, como se ele estivesse todo previamente contido nessa reflexão.



**Em sua visão, quais seriam as melhores e mais eficientes formas de articulação de uma universidade como a UFBA com a Bahia, com sua realidade rica e pobre, desafiadora, culturalmente multifacetada?**

São tantas! A UFBA se relaciona com a Bahia das maneiras mais diversas, e eu queria aproveitar essa pergunta para falar da questão da visibilidade da universidade. Temos nos divulgado mal, nossa página institucional é fria, as notícias mais importantes não têm destaque, e o público acaba não tendo ciência de que eventos os mais diversos, abertos à comunidade, estão acontecendo todo o tempo em nossa universidade [a nova gestão mudou bastante a página institucional 15 dias após esta entrevista]. A UFBA tem nisso, historicamente, uma importante forma de operação. Eu tenho um sonho de que possamos fazer em breve um investimento forte em nossa orquestra para nos orgulharmos dela, queremos que a orquestra da UFBA tenha um lugar destacado e com todas as condições para fazer o belo trabalho que já faz. Parafraçando Érico Veríssimo, como me foi contado por meu amigo José Maurício, maestro, que disse: “Ah, eu venho de uma cidade que tinha uma orquestra!”, seria muito bom podermos dizer: “Ah, eu sou de uma universidade que tem uma bela orquestra!”. Isso modifica nossas relações, organiza nosso espaço de possibilidades de refinamento de uma forma extraordinária. Mas, ficando na questão da visibilidade, a UFBA vai ter que cuidar disso, até mesmo porque essa é uma forma de prestação de contas e de interação, é preciso mostrar à sociedade o conjunto de relações que a universidade estabelece. E temos relação efetiva com o Ministério da Saúde, com a Secretaria de Saúde, através dos atendimentos feitos no complexo hospitalar que são campos de práticas e de ensino fundamentais. Temos intervenções importantes de nossos pesquisadores na baía de

Todos os Santos e na formulação de políticas públicas. Há várias relações, algumas mais delicadas, envolvendo empresas, que têm a ver com projetos que precisam dessa energia de diálogo com a Federação das Indústrias. Temos ações financiadas pelos ministérios da Ciência e Tecnologia, da Saúde e da Educação, não somos uma estrita e separada unidade de ensino que apenas oferece diplomas. Nossa principal retribuição à sociedade não é apenas fornecer diplomas, que são fundamentais, e o são também porque vêm na esteira de relações boas de pesquisas, de qualidade de ensino, de um trabalho bem articulado com a sociedade.

### **Os recursos que a UFBA recebe do governo federal para sua manutenção são suficientes para ela continuar se desenvolvendo como universidade líder deste estado?**

São insuficientes. Temos um orçamento da ordem de R\$ 1,2 bilhão, fortemente comprometido quase todo com pagamento de pessoal.

### **Mas o pessoal não chega a representar 105% da receita orçamentária...**

Não, por isso estou dizendo que é mais fácil hoje administrar a UFBA do que a USP. Mas a USP tem um fundo de reserva que eu gostaria muito de ter à disposição agora. É pouco o que nos sobra para investir efetivamente. Dos cerca de R\$ 200 milhões que seriam a parte que podemos manejar, grande parcela já está comprometida, por exemplo, com a terceirização. Nossa margem para um investimento real é muito restrita.



**Além de dobrar a população estudantil em 10 anos, com a política de cotas cresceu muito na UFBA o ingresso de estudantes de baixa renda que, segundo vozes importantes ligadas à UFBA, demandaria um reforço nos instrumentos de formação oferecidos. Parece-lhe que é assim?**

Isso nos falta. Embora tenhamos a verba específica do Pnaes [Plano Nacional de Assistência Estudantil] para assistência estudantil, não se pode pensá-la como uma coisa isolada, apenas um auxílio permanência ou o restaurante universitário. Quando se faz o investimento para acolher pessoas que teriam déficit em sua formação, há que se ter ações também acadêmicas. Por exemplo, vamos ter de investir para equipar nossas bibliotecas, fazê-las funcionar nos fins de semana e torná-las um espaço de pesquisa efetiva. Essa é uma maneira de começar, uma forma de acolher e garantir a inclusão social. A rubrica específica para a assistência estudantil minimiza o tamanho da tarefa e acaba transformando a ideia de assistência estudantil numa espécie de favor. Ela é uma obrigação, mas é também estrategicamente necessária para garantir a qualidade da instituição.

**Há setores, campos do conhecimento, que deverão ser mais fortemente apoiados que outros em sua gestão?**

Há necessariamente um apoio desigual aos cursos porque há aqueles que solicitam mais investimentos e outros que solicitam menos. Por exemplo, se vamos dar um aporte de assistência estudantil ao curso de odontologia, o custo efetivo do aluno para ser apoiado com os equipamentos necessários chega a R\$ 27 mil por ano.

## **Já a física teórica não solicita quase nada.**

Talvez uma rede, lembrando uma anedota de Einstein. . . Essa não é uma conta que um contador possa fazer, ela tem de ser pensada academicamente. Um exemplo: um aluno de filosofia, que aparentemente não custa nada, na verdade custaria muito para ter uma formação de boa qualidade, porque uma verdadeira biblioteca de filosofia é muito cara. Estamos longe de ter verdadeiras bibliotecas, com as obras clássicas das melhores edições, acesso aos melhores comentadores, renovada com investimentos mensais, mesmo semanais, em livros. Quando viajamos para outros centros, descobrimos verdadeiras bibliotecas. É claro que hoje, com a internet, diminuiu o impacto dessa diferença. O portal de periódicos da Capes, os livros em pdf, devemos admitir, facilitaram extremamente o acesso e nivelaram mais as condições de estudo. De qualquer modo, estamos longe de ter autênticas bibliotecas que comportem investimentos que superariam até os do curso de odontologia. Mas vamos a sua pergunta: avançaremos mais em algum centro? Eu vou resistir a essa ideia, embora eu ache que é verdade que a UFBA pode ter uma vocação maior para certas áreas.



## **Era justamente nisso que eu estava pensando.**

Mas vou dizer que acho que a gestão deve equilibradamente resistir a jogar todas as fichas naquele centro para o qual a universidade teria mais vocação, por exemplo, as artes na UFBA. Então agora vamos descuidar das ciências básicas? Eu tenho a impressão de que a melhor maneira de fazer um investimento nas artes é não descuidar das ciências básicas.

## **E por quê? Como se dá a relação entre uma coisa e outra?**

Simplemente porque toda universidade é esse lugar estranho, singular, onde você guarda até os conhecimentos que parecem inúteis. Ela precisa preservar certo tipo de saber que não tem impacto imediato, que não tem aplicação imediata, por isso o gestor deve ter uma visão universitária ao lidar com essas diferenças. É claro que, se certas áreas se destacam, merecem apoio. Os sucessos devem ser apoiados institucionalmente, mas esses grupos mais destacados de pesquisa vão ter mais facilidade para captar recursos por si só em editais etc., eles sobrevivem melhor. Então, por vezes é até mais importante compensar deficiências do que apenas reforçar sucessos, a universidade não pode fazer com que o rio só corra para o mar, ela tem de ter a capacidade de ver os diversos setores e até mesmo de estimular setores que não estão tendo as melhores condições de competição e dar a eles apoio específico. Diferença sempre vai haver, mas o gestor precisa trabalhar com a ideia da universidade como um conjunto de saberes que dialogam.

**A universidade é um tema inesgotável, mas eu gostaria que você falasse também um pouco sobre o que significa fazer filosofia e buscar ser efetivamente alguém que atua no campo da filosofia num lugar como a Bahia.**

É uma boa questão. Veja bem, acho que, se eu tivesse feito medicina ou engenharia, talvez não tivesse a percepção que tenho hoje acerca do que é a universidade. O desafio de fazer filosofia na Bahia me obrigou a algumas medidas – e um conjunto de pessoas participou desse processo – de interlocução com outras universidades, o que foi interessante. A filosofia é local, mas ela tem de ser universal, essa é a

dificuldade básica. Pensando nessa trajetória, eu começo num departamento de filosofia que tinha pessoas muito talentosas, mas não diplomadas. Graduada em filosofia, mas sem mestrado ou doutorado. Era um departamento que acabava favorecendo um certo beletismo, o filósofo acabava sendo um pouco literato, pessoas com o dom do dito espirituoso, da observação crítica, com uma certa visão às vezes ácida, mas sem um trabalho denso reconhecido. Esse trabalho não estava em diálogo, não estava em linha de conta, não participava da comunidade filosófica nacional. Essa é a minha percepção inicial.

### **Em que ano você entrou na universidade?**

Em 1979, como estudante de economia porque, como marxista, eu achava que a Faculdade de Economia era o lugar natural para mim. Eu vinha da militância secundarista, tinha passado todo o ensino secundário como militante, então tinha essa visão. Logo percebi que meu lugar de fato era a Faculdade de Filosofia, com pessoas importantes como Ubirajara Rebouças e Fernando Rego.



### **Ubirajara foi seu orientador no mestrado, não?**

Sim. Ubirajara foi um grande amigo. Comunista, marxista, generoso, com uma leitura sempre um pouco mais ampla dada sua riqueza intelectual, era uma figura exemplar do que era o profissional de filosofia nos anos 1970. E vamos esquecer neste caso o beletismo. Era um militante, participou de várias lutas políticas, e era dono de uma grande biblioteca pessoal, traço próprio do nosso modo de viver. Ou seja, se você não tem boas bibliotecas públicas de filosofia, faz as suas bibliotecas privadas. Falava bastante e muito bem, escrevia pouco

e não tinha os títulos devidos para se tornar o que seria hoje um típico cidadão universitário, isto é, com mestrado, doutorado e publicando com uma certa constância, senão está fora do sistema. Ele foi meu professor já na graduação, quando na economia fui pegando matérias na filosofia, isso era fácil antigamente. Fiz uma transferência de curso, me graduei em filosofia e imediatamente passei a ensinar lógica, em setembro de 1985. Em certo momento percebi que minha formação deixava a desejar, faltava o diálogo com o que se produz efetivamente, esse diálogo que faz a comunidade filosófica interagir e ter medidas comuns, que faz com que ela se desafie. Em outras palavras, o filósofo na Bahia tendia ao isolamento. Como quem tende ao isolamento pode sempre parecer alguém que fala javanês, que se especializa num tema exótico que só ele domina, isso acaba criando uma couraça protetora.

### **E talvez gerando uma certa arrogância?**

Sem dúvida. O isolamento transforma o filósofo em alguém cujas idiossincrasias se avolumam e podem gerar trejeitos, violências verbais, atos explosivos que se autoexplicavam e não explicavam nada. Isso acontecia com o famoso “gênio de palestra”, a figura de pessoas muito geniais que gostavam de fazer as perguntas mais difíceis a um palestrante para vê-lo tropeçar. Você o via numa palestra, muito inteligente, mas ele nunca saía da repetição, na próxima palestra estava lá para desafiar, mas ele mesmo não era capaz de fazer a palestra que criticava. Essa assimetria é a do isolamento. Percebi claramente os problemas da formação ao fazer uma dissertação de mestrado sobre a filosofia de Durkheim. Percebi a inanição bibliográfica local e a minha necessidade de saber, de ter acesso. Fiz investimentos em livros para poder ter acesso às fontes clássicas, aos bons comentadores, para conseguir superar essa

inanição. Percebi então que eu tinha de fazer o doutorado e foi uma experiência muito legal.

### **Por que no doutorado na Unicamp, você, com seu passado de reflexões marxistas, escolhe Wittgenstein como tema de pesquisa?**

Foi uma paixão oriunda do fato de eu ter passado a ensinar lógica. E tenho que registrar que, se minha graduação foi marcada por figuras muito fortes, extremamente talentosas, mas que não estavam no cenário filosófico nacional, como os já citados Ubirajara e Fernando Rego, e mais Delmar Schneider, por outro lado, algumas figuras de fora da Bahia, que vieram dar cursos na UFBA, foram importantes para eu ter contato com um modo distinto de fazer filosofia. Destaco dois cursos (além de algumas palestras), dos quais o de José Arthur Giannotti, na medicina preventiva, onde apareceu um Wittgenstein muito giannottiano, como tudo, aliás, que emerge das reflexões de Giannotti. Marx, Kant, Skinner e o próprio Durkheim, tratados por ele, tornam-se giannottianos. Naquele curso destinado à pós-graduação, do qual participei, embora estivesse ainda na graduação, creio que Giannotti viu em mim algum potencial, tanto que me convidou para ir para o Cebrap, ofereceu bolsa... Mas eu não podia por razões familiares, tive que recusar. O segundo, um belo curso sobre Husserl, que foi dado por Carlos Alberto Ribeiro de Moura, trazido por José Crisóstomo. Carlos Alberto me aproximou também de Merleau-Ponty, e eu diria que isso favoreceu o que já estava latente em minha formação, para a qual tiveram importância, devo destacar, as belas aulas de Carlos Costa, um professor bastante marcado pela fenomenologia. Então, o meu marxismo foi batizado um pouco pela fenomenologia, pela sociologia (com o mestrado orientado por Bira), sendo



depois desafiado fundamentalmente por Wittgenstein. Pois bem, por esses contatos, por essas referências, procurei uma leitura constante do que se produzia, lia muitas teses que foram importantes para mim, como “O espírito e a letra”, de Rubens Rodrigues Torres Filho. Com esses exemplos, sempre tinha uma coisa bem focada numa certa dicção e direção do que eu queria fazer em filosofia, e sempre um cuidado com o texto era uma questão fundamental. Uma certa veleidade literária sempre me acompanhou, ou seja, eu sempre tive um cuidado muito grande com a palavra. Mesmo quando me aproximo da lógica, mesmo quando me inicio nesse processo pela visão de Wittgenstein, que me ajuda nos trabalhos de lógica, o que tenho é uma aproximação marcada por um cuidado intenso com a palavra. Recentemente, soube que meu orientador de doutorado, Arley Moreno, em um colóquio, mencionou esse contato entre poesia e argumentação em meus textos. Esse contato é característico e estranho, e muito contente e grato com a menção de Arley, devo admitir que, para o bem e para o mal, ele tem razão.

### **Uma marca de escritor.**

Acho que é isso que me faz agora membro da Academia de Letras da Bahia. Mas o fato é que o meu modo de aproximação à filosofia é marcado pelo que, na linha do estruturalismo francês, chamaríamos o cuidado com o texto, a procura da estrutura. Então, eu mantive um horizonte: “Tenho que fazer a formação fora”. Caso contrário, julgava, não conseguiria realizar um trabalho profissional em filosofia. Aí Wittgenstein se afirmou como um projeto possível e desafiador. E desenhei um projeto de doutorado sobre *A gramática das cores*.

## O que lhe encantava em Wittgenstein?

Olha, a densidade de seu pensamento é algo extraordinário. Primeiro, o *Tractatus* é por si só uma das obras mais belas da filosofia, e Luiz Henrique [Lopes dos Santos] tem toda razão ao dizer, provocativamente, que é a segunda obra mais importante do século passado, sendo a mais importante as *Investigações filosóficas*, também de Wittgenstein. Talvez porque a obra de Wittgenstein exija uma imersão no pensamento, ou seja, você tem que pensar com ele, fazer nascer o texto com ele.

## Mas isso você poderia dizer também de Kant, de Heidegger, de Nietzsche...

Poderia, mas a diferença é que a densidade do aforismo lhe obriga talvez a mais. Heidegger facilmente gera um patuá, por excelente que seja. Ele lhe guia pela mão e você vai pensar com ele, mas ele vai apontando o modo de pensar dele. Ele se explicita mais do que Wittgenstein.

## Com quem você tem que ficar colhendo pistas.

Pistas, sim, e você vai entender o aforismo apenas se conseguiu ver todo o campo de pensamento. Ou seja, é como se você tivesse que, aí sim, de fato, ser capaz de adivinhar a forma do prédio pela ruína. Acho que essa é a imagem. Wittgenstein tem esse lado de força de escritor. Talvez seja a herança do aforismo, que é um convite singular ao pensamento, o que mais me encanta. Não quer dizer que eu concorde com todas as posições dele, mas considero que ele tem uma profundidade formadora extraordinária, uma capacidade de pensar questões essenciais para a filosofia, e que é mais bem lido se



tivermos essa adesão a um tipo de leitura, como leríamos um fragmento pré-socrático, mais do que a leitura que os analíticos fazem – aí começa uma diferença. Eu não gosto e me afasto da leitura de Wittgenstein que canibaliza argumentos isoladamente e que, lamento, caracteriza muito um certo tipo de via mestra hoje da filosofia, a filosofia analítica, que está se impondo de uma maneira muito forte. Isso cria um constrangimento no âmbito do pensamento de Wittgenstein, a quem repugna o pensar segundo os procedimentos do *paper*.

**Como você lida com essa questão da linguagem em Wittgenstein *versus*, digamos, uma abordagem materialista da realidade? É claro que pergunto isso considerando seu percurso pelas leituras marxistas.**

Não quero sugerir um ecletismo, não acho que seja verdadeiro. É evidente que eu não pretendo que Wittgenstein vá tratar das agruras do capitalismo contemporâneo, não é? Não pretendo que com Wittgenstein eu vá dar conta da gestão da universidade em certos aspectos, mas acho que, se eu consigo pensar “aquilo que dá sentido a essa ação”, Wittgenstein vai me ajudar bastante.

**Então, é no campo da criação do sentido que ele se mostra mais rico?**

Na verdade, se a filosofia não é simplesmente a busca da verdade, mas uma reflexão sobre as condições da produção do sentido, poucos, ou talvez ninguém, tenham ido tão longe quando Wittgenstein nisso, ao interrogar exatamente o que faz a linguagem se produzir, o que é necessário a essa produção da linguagem, como pela linguagem inventamos a necessidade e o acaso. Então, nesse sentido desse lado mais

fundo, Wittgenstein nos lembraria, quem sabe, pensadores que podem continuar sendo atuais como Leibniz, por exemplo. Ou seja, seria tolo pensar numa aplicação imediata ou imaginar que eles suplantariam aqueles que estão colhendo os dados mais diretos. Nesse sentido é que um Wittgenstein talvez possa, sim, se aproximar de um Marx. Não na vertente que talvez Giannotti pretendeu explorar, como se fosse uma coisa óbvia, mas, e nisso Giannotti tem razão, o que para mim subsiste em Marx não é a análise específica de uma realidade específica do capitalismo, mas um modo de articular os conceitos, um modo de procurar a construção categorial que lembraria em muitos momentos um modo wittgensteiniano de trabalhar.

**Você formou um grupo de “wittgensteinianos” na UFBA? Eu gostaria também de saber como está sua linha de pesquisa “Conhecimento e Ação”.**

Temos um grupo de cerca 30 pessoas que se reúnem aos sábados – ou melhor, se reuniam, já que minhas atividades de gestor fizeram com que em alguns meses só fizéssemos uma ou outra das reuniões de trabalho, o que é ruim porque filosofia exige constância, dedicação. Nesse grupo tenho conseguido acompanhar não só trabalhos sobre Wittgenstein, mas também sobre outro filósofo de eleição, David Hume, além de fenomenólogos e pensadores do campo do empirismo. Integram o grupo desde alunos de iniciação científica até doutorandos e doutores que continuam apresentando seus trabalhos, suas inquietações. Em torno disso e também no espaço em que vou apresentando o que continuo produzindo, temos formado um bom número de professores, alguns já na UFBA, UEFS, UFRB, UNEB, UESC, UFG e IFBA. E, em meio a tudo isso, tenho continuado minha pesquisa, que agora se

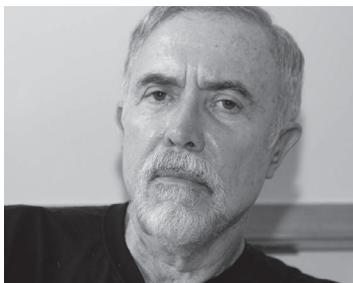


volta para a filosofia da psicologia em Wittgenstein, mas que acolhe e dialoga com essas outras pesquisas, desde as levadas a cabo pelo aluno novo de iniciação científica que, por exemplo, está se debatendo com a causalidade em Hume (tema mais técnico e previsível, digamos assim), até as de doutorandos que estão se aventurando em textos ainda pouco explorados como os trabalhos sobre um dos livros mais difíceis e sutis de Wittgenstein, *Da certeza*.

24 de outubro de 2014

Fonte: <http://bahiaciencia.com.br/2014/10/um-filosofo-quer-sacudir-a-ufba/>

## ENTREVISTA AMILCAR BAIARDI CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



A entrevista versou sobre o tema ciência, tecnologia e inovação. O entrevistado, inicialmente, conceituou o que seria ciência, sua relação histórica com a tecnologia e a contribuição de ambas para inovação. Procedeu também a distinção entre invenção e inovação e explicou que, embora inovação possa se aplicar a várias situações, inovação tecnológica tem especificidades e na sua integridade foi definida pelo Manual de Oslo e pelo *Manual Frascati*. Ela se diferencia da inovação organizacional e da inovação de marketing, por se referir às mudanças de processos e produtos incorporadas no setor produtivo. Durante a entrevista foi esclarecido que a Academia de Ciências da Bahia não é um órgão de pesquisa e nem é uma agência de fomento à ciência e à tecnologia. Trata-se de uma organização da sociedade civil formada pela comunidade científica da Bahia com o propósito de fortalecer a cultura de ciência e tecnologia, bem como sugerir diretrizes para o apoio do Estado e da sociedade ao desenvolvimento científico e tecnológico. No transcorrer da entrevista foram apresentados conceitos relacionados à ciência, à tecnologia e à inovação, tais como pesquisa básica, pesquisa aplicada, pesquisa e desenvolvimento, P&D, spin off, incubadora de base tecnológica, *start-up*, aceleradora, investidor-anjo, capital semente ou seminal, ventu-



re capital ou capital de risco, *crowdfunding*, *equity crowdfunding* etc. Em continuação o entrevistado apresentou um diagnóstico da inovação tecnológica na Bahia, focando a conduta tímida do empresariado baiano diante do investimento de risco em inovação e as fragilidades ao nível estadual no que tange à capacidade de P&D. Lembrou que a Bahia já teve um centro multissetorial de P&D de referência, que foi o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento, o CEPED, e que atualmente esta atividade é realizada em escala menor e setorializada por alguns órgãos federais, como a EMBRAPA e a FIOCRUZ, e por algumas organizações ligadas ao sistema SENAI-FIEB, como o CIMATEC e o CETIND. Finalizando explicou que a inovação tecnológica é estratégica para a soberania de um Estado – nação e indispensável às economias regionais e locais. Isto porque somente ela é capaz de promover um amplo e sustentado desenvolvimento econômico, dotando as firmas de maior competitividade por meio da capacidade de gerar assimetrias nas relações com o mercado, quando melhores resultados em termos de lucratividade advêm da geração de novos produtos e de novos processos de produção.

## 5. Atividades Administrativas





Viga Gordilho – Série: Tempo gerúndio  
7 módulos: fotografia 5 e 6, pintura, fibras, conchas, ouro, prata e cobre. 20 cm X 14 cm. 2014



## REUNIÕES PLENÁRIAS

Participantes: Membros Titulares da ACB.

Local: Salão Lazareto, FAPESB.

Data	Resumo
20/11/2014	Primeira reunião plenária de 2014. Planejamento das atividades da ACB. Informe sobre o Edição do livro Memória IV; Solicitação de elaboração de Projetos para o ano de 2015; Sugestão de temas para palestras em 2015; Discussão do valor da contribuição anual dos membros.
18/12/2014	Definição do valor da anuidade dos sócios da ACB e o sistema de cobrança; Relatório sobre as atividades do ano em curso; Projetos para 2015;





6. P e r s p e c t i v a s p a r a  
o A n o d e 2 0 1 5



A atuação da Academia de Ciências da Bahia, nesses últimos quatro anos, permite projetar algumas reflexões para o futuro próximo.

É importante continuarmos com as comunicações dos membros titulares. Uma Academia, especialmente uma Academia de Ciências, é um corpo de pesquisadores que convive para estimular a geração e disseminar o conhecimento. O trabalho de investigação científica nos laboratórios, departamentos universitários e em outros setores se complementa pela comunicação das pesquisas em andamento ou realizadas. Assim procedendo, a Academia socializa o resultado dessas investigações.

No caso baiano, os Institutos básicos da UFBA integraram as antigas cátedras e disciplinas por área do conhecimento: Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências, Ciências Sociais e Letras, quando da reestruturação e reforma da Universidade, de 1967-1971. Essa integração impulsionou, verticalmente, o conhecimento científico em articulação com os cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados, com o apoio da Capes, do CNPq e da Fapesb. A Academia de Ciências da Bahia, pensada e liderada pelo professor Roberto Santos, congregou pesquisadores desses e de outros organismos.

Conforme a linha programática e considerando a importância do ensino de ciências, nos sistemas de ensino municipais e estadual, tanto na escola pública como na particular, a Academia tem colaborado para a sua melhoria. A aprendizagem das ciências pelo jovem é uma atividade fundante na sua formação. Na dinâmica da educação, o aluno vai agregando pelos sucessivos níveis de ensino: conceitos, práticas, instrumentos, saberes, métodos e processos que o habilitam a contribuir para a gestão do conhecimento.

A Academia está vivamente interessada nos estudos sobre o professor inspirador, excelente ou fascinante, que desempenha



um papel estimulador pelo conhecimento, relacionamento com o aluno, empatia e outros requisitos.

Continuaremos com o estudo tanto das relações entre ética e ciência como da percepção pública do conhecimento científico e tecnológico pela população baiana.

Temos identificado alguns pioneiros notáveis do trabalho científico. Antecedendo a atividade de pesquisa programada pelas universidades, setores público e empresarial, encontramos exemplos pontuais de baianos a serem estudados. Interessa à comunidade científica a biografia dos precursores da investigação científica. No setor da saúde, se destacam a Escola Tropicalista Baiana, as descobertas de Pirajá da Silva, a psiquiatria de Juliano Moreira; na botânica, Joaquim Monteiro Caminhoá, padre Camilo Torrend e Alexandre Leal Costa; no semiárido, Teodoro Sampaio é outro exemplo marcante.

Com os novos administradores empossados tanto no governo federal como no estadual neste início do ano de 2015, há projetos que devem ser conhecidos pelo interesse da sociedade. De igual maneira, a Fiocruz e os organismos inovadores do setor privado, como a Faculdade Senai-Cimatec, e alguns hospitais, serão estimulados a apresentar o resultado de suas realizações. Ao longo do tempo, aparecerão temas e problemas emergentes que tomarão a atenção da Academia em função do compromisso com a comunidade acadêmica.

Por sua vez, as novas universidades federais abrem um novo horizonte científico. A comunidade indaga quais são os seus projetos acadêmicos para as suas regiões de influência? Em face do recrutamento de professores doutores, quais são as possíveis linhas, programas, projetos e grupos de pesquisa? Considere-se que a função pesquisa é ínsita à Universidade moderna. Por seu turno, há de se identificar os núcleos de produção científica e tecnológica das universidades estaduais existentes não somente em Salvador, mas, sobretudo nos municípios, mormente, em Feira de

Santana, Ilhéus e Itabuna, Conquista, Paulo Afonso e Juazeiro. A Academia é um ponto de convergência do pensar científico.

Enfim, o espírito acadêmico forma uma comunidade pela convivência para disseminar o conhecimento e apoiar a formação científica dos alunos, futuros pesquisadores.

*Edivaldo M. Boaventura*





7. Homenagem Póstuma a  
Carlos Alfredo Marcílio  
de Souza



Carlos Alfredo Marcílio de Souza nasceu na cidade de Jacobina, Bahia, em 30 de outubro de 1939 e faleceu em 4 de janeiro de 2015, em Salvador. Seguindo o exemplo paterno, formou-se em Medicina, em 1963, diplomando-se pela Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública.

Muito cedo inclinou-se para o magistério superior, pois, foi instrutor de ensino superior da Universidade Federal da Bahia, em 1965, trabalhando na clínica do professor Roberto Figueira Santos no Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES). Buscou a formação pós-graduada no Hospital da Cidade de Cambridge da Escola de Medicina da Universidade de Harvard e no Hospital Geral de Massachusetts dessa Universidade, nos Estados Unidos.

Com essa formação, regressou à Universidade Federal da Bahia e coordenou a Unidade de Tratamento Intensivo do HUPES. Em 1974, ingressou na UFBA, por concurso para professor assistente, ensinou no Mestrado de Medicina Interna. Uma vez docente livre pela Universidade Federal de Goiás, em 1978, foi promovido a professor adjunto da UFBA.

Com capacitação nos centros médicos norte-americanos e como professor da UFBA, mudou-se para Brasília, permanecendo por cerca de dez anos. Trabalhou no Ministério da Educação, na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Docente (CAPES), na Comissão do Ensino Médico, na Comissão Nacional de Residência Médica. Compôs o Conselho Nacional de Saúde e coordenou a área de Ciências da Saúde e de Saúde e Nutrição do CNPq. Destaque-se a sua atuação decisiva na regulamentação da residência médica.

Com a experiência nesses organismos federais, retornou ao exterior. Em 1980, foi à Universidade de Cambridge, no Reino Unido, para um workshop sobre Clínica Epidemiológica, patrocinado pela Rockefeller Foundation. De 1982 a 1992, repetidamente,



participou do Curso sobre Avaliação Crítica e Clínica das Evidências, na Universidade MacMaster do Canadá.

Com o conhecimento empírico do ensino médico e da medicina, regressou a Salvador. Voltou a trabalhar no Hospital Professor Edgard Santos e coordenou o Mestrado e Doutorado em Medicina da UFBA. Interessou-se bastante e contribuiu mais ainda para o ensino da Metodologia Científica nos cursos de graduação e pós-graduação em Medicina Interna, Cirurgia e Patologia da UFBA.

No setor profissional médico, Marcílio coordenou o Serviço de Nefrologia, Diálise e Transplante do Hospital Espanhol, trabalhou na Fundação Baiana de Cardiologia. Ressalte-se a sua contribuição à Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), onde se diplomou, foi professor titular de Semiologia, além de coordenador do Mestrado e Doutorado em Medicina Interna da Fundação para o Desenvolvimento das Ciências.

A produção científica acompanhou a trajetória acadêmica com artigos sobre Epidemiologia, Nefrologia e outros temas. Escreveu um dicionário sobre pesquisa clínica.

A sua evidente inclinação para à educação médica e para a clínica o conduziu aos centros de alto desempenho acadêmico tanto na América como em outros países. Dedicou-se com afinco ao ensino da Medicina e contribuiu efetivamente para a sua melhoria sob os mais variados aspetos.

Convidado a ingressar na Academia de Ciências da Bahia, atendeu ao chamado do seu antigo professor e amigo, professor Roberto Santos.

Casado com Maria Tereza Oliva Marcílio de Souza têm cinco filhos: Daniel, Pedro, Matheus, Izabel e Ana e sete netos.

*Edivaldo M. Boaventura*

8. Quadro de  
Membros da ACB



## QUADRO DE MEMBROS DA ACB

ALDINA MARIA PRADO BARRAL

aldinabarral@gmail.com

AMILCAR BAIARDI

amilcar.baiardi@terra.com.br

ANTÔNIO CELSO SPÍNOLA COSTA

pgquim@ufba.br

ANTÔNIO FERREIRA DA SILVA

ferreira@fis.ufba.br

ARMÊNIO GUIMARÃES

armenioguimaraes@terra.com.br

AROLDO MISI

aroldo.misi@gmail.com

BERNARDO GALVÃO CASTRO FILHO

bgalvao@bahiana.edu.br

CAIO MÁRIO CASTRO DE CASTILHO

caio@ufba.br

CARLOS ALFREDO MARCÍLIO DE SOUZA

Falecido

CHARBEL NIÑO EL-HANI

charbel.elhani@gmail.com

DANTE AUGUSTO GALEFFI

dgaleffi@uol.com.br

DORA LEAL ROSA

doralr@ufba.br



DOMINGO H. R.C. REINHARDT

dharoldo@cnpmf.embrapa.br

EDGAR MARCELINO DE CARVALHO FILHO

edgar@ufba.br

EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA

edivaldoboaventura@terra.com.br

EDNILDO ANDRADE TORRES

ednildotorres@gmail.com

ELIANE ELISA DE SOUZA E AZEVEDO

eedsea@uol.com.br

ENALDO SILVA VERGASTA

evergasta@gmail.com

IRACY SILVA PICAÇÃO

iracy@ufba.br

IRUNDI EDELWEISS

irundi.edel@gmail.com

IURI MUNIZ PEPE

mpepe@ufba.br

JAILSON B. DE ANDRADE

jailsong@ufba.br

JAMARY OLIVEIRA

jamary@ufba.br

JOÃO CARLOS SALLES PIRES DA SILVA

jcsalles@ufba.br

JOÃO JOSÉ REIS

jjreis@ufba.br

JOSÉ CARLOS BARRETO DE SANTANA

zecarlos.uefs@gmail.com

JUAREZ MARIALVA TITO MARTINS PARAÍSO

juarezparaíso@terra.com.br

LUCIANO PAGANUCCI DE QUEIROZ

luciano.paganucci@gmail.com

MANOEL BARRAL NETTO

mbarral@bahia.fiocruz.br

MANUEL VICENTE RIBEIRO VEIGA JÚNIOR

mveiga@ufba.br

MARIA VIRGINIA GORDILHO MARTINS

vigagordilhoufba@gmail.com

MARIO MENDONÇA DE OLIVEIRA

mmo@ufba.br

MAURÍCIO LIMA BARRETO

mauricio@ufba.br

MILTON JOSÉ PORSANI

porsani@cpgg.ufba.br

MITERMAYER GALVÃO DOS REIS

miter@bahia.fiocruz.br

NADIA HAGE FIALHO

nadahfialho@gmail.com

NAOMAR MONTEIRO DE ALMEIDA FILHO

naomaralmeida@gmail.com

NELSON DE LUCA PRETTO

nelson@pretto.info



OLIVAL FREIRE JUNIOR

freirejr@ufba.br

OLIVAR ANTÔNIO LIMA DE LIMA

olivar@cpgg.ufba.br

OTHON FERNANDO JAMBEIRO BARBOSA

othonfernando@uol.com.br

PASQUALINO ROMANO MAGNAVITA

pasqualinomagnavita@terra.com.br

PAULO COSTA LIMA

paulocostalima@terra.com.br

PEDRO AFONSO DE PAULA PEREIRA

pereira.pedroafonso@gmail.com

ROBERT EVAN VERHINE

verhine@ufba.br

ROBERTO FIGUEIRA SANTOS

rf.santos@terra.com.br

ROBERTO FERNANDES SILVA ANDRADE

randrade@ufba.br

SERGIO LUÍS COSTA FERREIRA

sergio1057@yahoo.com.br

TÂNIA MARIA DIEDERICHS FISCHER

taniafischer@ciags.org.br

VILTON PINHEIRO

viltonj@ufba.br

ZELINDA MARGARIDA DE ANDRADE N. LEÃO

zelinda@ufba.br

ZILTON A. ANDRADE  
zilton@bahia.fiocruz.br

## MEMBRO CORRESPONDENTE DA ACB

DIÓGENES SANTIAGO SANTOS  
diogenes@pucri.br



Este livro foi publicado no formato 158x225 mm  
Utilizando a Família Tipográfica DLT Documenta  
Impresso na Gráfica 3.  
Tiragem de 400 exemplares.

Salvador, 2015

ISBN 978-85-65535-05-2



9 788565 535052